

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

DAMIANA APARECIDA OLIVEIRA SANTOS

**O BULLYING E A RELIGIÃO NUMA PERSPECTIVA DA ANÁLISE
PSICOPEDAGÓGICA ATRAVÉS DOS DESENHOS INFANTIS**

GOIÂNIA
2017

DAMIANA APARECIDA OLIVEIRA SANTOS

**O BULLYING E A RELIGIÃO NUMA PERSPECTIVA DA ANÁLISE
PSICOPEDAGÓGICA ATRAVÉS DOS DESENHOS INFANTIS**

Dissertação apresentada em cumprimento às exigências do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientador: Dr. Clóvis Ecco.

GOIÂNIA

2017

S237b

Santos, Damiana Aparecida Oliveira

O Bullying e a religião numa perspectiva da análise psicopedagógica através dos desenhos infantis[manuscrito]:
Damiana Aparecida Oliveira Santos.-- 2017.

159 f.; il. 30 cm

Texto em português com resumo em inglês

Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, Goiânia, 2017

Inclui referências

1. Bullying nas escolas. 2. Violência na escola - Aspectos religiosos. 3. Psicologia educacional. I. Ecco, Clóvis. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 37:364.63(043)

O BULLYING E A RELIGIÃO NUMA PERSPECTIVA DA ANÁLISE
PSICOPEDAGÓGICA ATRAVÉS DOS DESENHOS INFANTIS

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião
da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 14 de fevereiro de 2017.

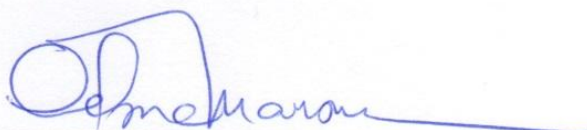
BANCA EXAMINADORA



Dr. Clovis Ecco / PUC Goiás (Presidente)



Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás



Dra. Celma Laurinda Freitas Costa / FACMAIS

Dr. Luiz Antônio Signates/ PUC Goiás (Suplente)

Dedico este trabalho ao meu Deus, a Jesus Cristo meu Salvador. Ao meu esposo, mãe, filhos e netos que lutaram e se sacrificaram juntamente comigo para que um dia eu pudesse estar aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus pelo amor, cuidado e proteção, a mim dispensados.

À minha família, em especial, ao meu esposo, Carlos Alberto Ferreira dos Santos, pelo amor, compreensão e paciência. Obrigada, Carlos, você foi meu alicerce, minha base e sustentação. Ao meu pai *in memoriam* e à minha mãezinha. Não posso deixar de agradecer aos meus filhos Humberto, Douglas e Dorcas; às minhas noras Giselle, Vanessa e ao meu genro Wesclei. Aos meus netos Humberto, Ana Carla, Kalil e Gabriel; a vocês vai um agradecimento do tamanho do coração da vovó. Obrigada pelo amor, carinho e apoio.

À minha amiga e sócia Maria Elzenita Alcântara, pelo apoio e compreensão. Aos membros da Igreja Batista do Finsocial, pelas orações.

Ao Programa de Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade de Goiás - PUC/GO. À coordenação e aos secretários pelo bom relacionamento e atendimento excelente. Aos professores: Dra. Carolina Teles Lemos, Dra. Ivoni Richter Reimer, Dr. Joel Antônio Ferreira, Dr. Paulo Rogério Rodrigues Passos. Dr. Clovis Ecco, obrigada.

Aos colegas da turma de Mestrado em Ciências da Religião da turma 2015/2016 pelo companheirismo.

Ao meu orientador, Dr. Clóvis Ecco, agradeço pela orientação segura, com intervenções sempre precisas e, mais ainda, pela sua generosidade e paciência.

Aos professores Dr. Eduardo Gusmão de Quadros e Dr. Luiz Antonio Signates Freitas pela participação no exame de qualificação e defesa desta dissertação, pela leitura atenta e comprometida do trabalho e pelos caminhos apontados que contribuíram para a melhoria do mesmo. Agradeço enormemente.

À Escola Gênesis pelo apoio. Especificamente ao Professor Vargas Vila Batista de Oliveira, diretor; à Ana Alice de Rezende Oliveira, vice-diretora; à Elaine do Vale, professora de Ensino Religioso e a todas as professoras e professores, secretárias e todas as pessoas que trabalham na escola que, com carinho, apoiaram-me.

À minha corretora Ms. Nara Rúbia Gomes Duarte Xavier que, com muita competência e paciência, realizou o trabalho e atendeu-me com muito carinho.

Enfim, a todas as pessoas que direta ou indiretamente me ajudaram.

“Todas as manhãs eu tenho orado a Deus dizendo: Senhor ajuda-me a não escrever o livro que não deve ser escrito; ajuda-me a não aceitar o convite que não deve ser aceito; ajuda-me a não fazer a viagem que não deve ser feita; ajuda-me a não pregar o sermão que não deve ser pregado”.

Elber César

RESUMO

SANTOS, Damiana Oliveira. *O Bullying e a Religião numa Perspectiva da Análise Psicopedagógica Através dos Desenhos Infantis*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2017.

O presente trabalho tem o objetivo compreender e analisar como o *bullying* gera violência e como ocorre nas práticas pedagógicas em uma escola particular de cunho religioso protestante, na região Norte de Goiás. Visa também analisar e compreender a influência da disciplina do Ensino Religioso no combate ao *bullying* no ambiente escolar. O tema surgiu através da preocupação com crianças e adolescentes, que sofrem com o fenômeno *bullying*, o qual apresenta-se de várias formas: físico, verbal, moral, psicológico e virtual. Do trabalho realizado em escolas, tanto como coordenadora ou professora e também na função de psicopedagoga, foi possível constatar tal problemática, bem especificadamente nas anamneses e nas reuniões com os pais. Além disso, este trabalho procura compreender de que forma o Ensino Religioso pode contribuir no combate ao *bullying*, levando em consideração que a família e a escola devem comungar com opiniões quando se refere às questões de prevenção do mesmo. O Ensino Religioso procura motivar a criança e o adolescente a estarem atentos para as questões da violência, contemplando tanto os agressores quanto os agredidos. Busca-se assim investigar e analisar o perfil do educador frente às questões religiosas no ambiente escolar e o trabalho realizado pelo mesmo. A pesquisa está fundamentada em teóricos das áreas da Ciências da Religião, da Psicopedagogia, da Arteterapia, Pedagogia e Psicologia. O critério adotado neste estudo é o de observação participativa e obedecerá a seguinte estrutura: observação das aulas de Ensino Religioso; desenvolvimento de atividade artística (desenho livre) com o tema “Quem é Deus mim”, com o objetivo de entender qual é a percepção que o aluno tem de Deus. Duas turmas serão escolhidas para realizar os testes projetivos no intuito de descobrir se ocorre ou se praticam *bullying* na escola. Os testes projetivos serão: “Vínculo comigo mesmo”; “Vínculo com a família”; “Vínculo escolar”; Vínculo com a religião”. O primeiro capítulo terá como tema: Bullying e religião: num olhar da psicopedagógico. Inicialmente, será apresentada a religião e suas concepções. O segundo capítulo terá como mote: Como o Bullying gera violência nas escolas. Neste, serão abordadas as características da escola, dos professores e dos alunos. Por fim, no terceiro capítulo, será feita uma abordagem psicopedagógica para relatar como o *bullying* ocorre nas práticas pedagógicas das escolas, ou seja, como acontece. Os dados observados serão obtidos na pesquisa de campo, na escola pesquisada. Dar-se-á ênfase aos testes com o diagnóstico de quatro crianças, nomeadas por (K, GT, J e S). Ademais, serão observadas as práticas do *bullying* e como o Ensino Religioso tem sido trabalhado e se tem influenciado na vida dos alunos e nas famílias no combate ao *bullying*.

Palavras-chave: Bullying; Religião, Ensino Religioso, Psicopedagogia, Desenhos Infantis.

ABSTRACT

SANTOS, Damiana Oliveira. *Bullying and Religion in a Perspective of Psychopedagogical Analysis through Children's Drawings*. Master Thesis (Post-Graduate Program in Religious Science) – Pontifical Catholic University of Goiás, 2017.

This work aims to understand and analyze how bullying generates violence and how it occurs in the pedagogical practices occurred in a Protestant religious school in the northern region of Goiás. It also aims to analyze and understand the influence of the discipline of Religious Education in the Bullying in the school environment. The theme arose through the preoccupation with children and adolescents, who suffer from the bullying phenomenon, which presents itself in various forms: physical, verbal, moral, psychological and virtual. From the work carried out in schools, both as coordinator or teacher and also as a psycho-pedagogue, it was possible to verify this problem, especially in the anamneses and in the meetings with the parents. In addition, this work seeks to understand how Religious Education can contribute to the fight against bullying, taking into account that the family and the school should share opinions when it comes to prevention issues. Religious education seeks to motivate the child and the adolescent to be attentive to the issues of violence, contemplating both aggressors and aggressors. The aim is to investigate and analyze the educator's profile regarding religious issues in the school environment and the work carried out by the educator. The work is based on theorists of the areas of Religion Sciences, Psychopedagogy, Art Therapy, Pedagogy and Psychology. The criterion adopted in this research is that of participatory observation. The research will be as follows: observation of classes in Religious Education; Development of artistic activity (free drawing) with the theme "Who is God me", in order to understand what is the student's perception of God. Two classes will be chosen to carry out the projective tests in order to find out if bullying occurs in the school. The projective tests are: "Bond with myself"; "Link with family"; "School Link"; Bond with Religion ". The first chapter will have as its theme: Bullying and religion: in a psycho-pedagogical perspective. Initially, religion and its conceptions will be presented. The second chapter will focus on: How Bullying breeds violence in schools. In this chapter, the characteristics of the school, teachers and students will be discussed. Finally, in the third chapter, a psychopedagogical approach will be made to report how bullying occurs in the pedagogical practices of schools, that is, how it happens. The observed data will be obtained in the field research, in the researched school. Emphasis will be given to tests with the diagnoses of the four children, named K, GT, J and S. In addition, bullying practices will be observed and how Religious Education has been worked on and has influenced the lives of students and In the fight against bullying.

Keywords: Bullying, Religion, Religious Education, Psychopedagogy, Child's Drawing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A RELIGIÃO: COM VÁRIOS OLHARES DA PSICOPEDAGOGIA	17
1.1 A RELIGIÃO	17
1.2 CONCEITOS E ASPECTOS DA RELIGIÃO.....	18
1.2.1 A Religião na família.....	19
1.3 BULLYING	24
1.3.1 Tipos e características.....	24
1.3.2 Trajetória do <i>bullying</i>	27
1.3.3 Leis que amparam a criança e o adolescente	29
1.3.4 O <i>Bullying</i> na família	30
1.3.5 O <i>bullying</i> na escola.....	35
1.4 A IMPORTÂNCIA DA PSICOPEDAGOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR	39
2 COMO O BULLYING GERA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS	41
2.1 CARACTERÍSTICAS E ORGANIZAÇÃO.....	41
2.2 CARACTERÍSTICAS DOS PROFESSORES	42
2.3 OBSERVAÇÃO DAS AULAS DE ENSINO RELIGIOSO	44
2.3.1 Emoções: sofrimentos e afetividade (Testes Projetivos)	46
2.3.2 “Eu sou importante para mim, não importa o que as pessoas dizem”	47
2.3.3 A Valorização do outro: O amor reinou.	51
2.3.4 Eu e minha família.....	52
2.3.5 Posição da criança na família, na escola e na religião	56
2.3.6 Eu e minha escola.....	59
2.4 ANÁLISE DOS DESENHOS: RELIGIÃO - QUEM É DEUS PARA MIM?	61
3 ANÁLISE DO DESENHO INFANTIL E A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NO COMBATE AO BULLYING	70

3.1	ANÁLISES DO DESENHO INFANTIL: COMO ENCARÁ-LO	71
3.2	CARACTERÍSTICAS DOS DESENHOS DA ALUNA (K)	72
3.2.1	“Eu sou feia”	72
3.2.2	O Meu dia e minhas colegas	74
3.2.3	Eu e minha professora (Par Educativo)	76
3.2.4	A hora do jogo	77
3.2.5	Quem é Deus para mim.....	79
3.2.6	“Deus é meu pai, Ele nunca vai parar de ser meu pai amém”	80
3.3	CARACTERÍSTICAS DOS DESENHOS DO ALUNO (GT).....	82
3.3.1	Minha família, os quatro momentos do dia e meus colegas	82
3.3.2	“Não dou conta de desenhar meus irmãos”	84
3.3.3	Minha única amiga é minha professora	85
3.3.4	Que é Deus para mim?	87
3.3.5	Análise dos Desenhos de (GT)	88
3.4	CARACTERÍSTICAS DOS DESENHOS DE (J).....	89
3.4.1	Eu sou o melhor de todos	90
3.4.2	Eu e minha família	91
3.4.3	O meu dia e meu grupo	92
3.4.4	Concepção do Sagrado de (J).....	94
3.4.5	Análise Final dos Desenhos de (J).....	95
3.5	CARACTERÍSTICAS DOS DESENHOS DA ALUNA (S)	96
3.5.1	Vínculo Comigo Mesma e com a Família	97
3.5.2	Gosto de ouvir música no celular	98
3.5.3	Estou de recuperação e daí, ninguém se preocupa comigo!	99
3.5.4	“Amor senhor papai do céu”	100
3.5.5	Análise Final dos Desenhos de (S)	101
3.6	COMO O ENSINO RELIGIOSO TRABALHA NO COMBATE AO BULLYING.....	103

3.6.1	O Professor de ER, frente à situação de <i>bullying</i>	104
3.6.2	A Atuação da psicopedagogia na escola no processo de <i>bullying</i>	105
3.6.3	Escola trabalha com uma visão voltada para o combate ao <i>bullying</i> : projetos	106
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
	REFERÊNCIAS	113
	ANEXOS	117

INTRODUÇÃO

O *bullying* tem sido um fator de extrema preocupação tanto por parte dos pais quanto das escolas e da sociedade como um todo. O surgimento do tema veio através da preocupação com crianças e adolescentes que sofrem com o fenômeno *bullying*, o qual, na realidade, é considerado um caos na vida das pessoas, pois destrói as mesmas. Muitas pessoas perdem o prazer de viver, têm medo de sair de casa e abandonam os estudos. Outras chegam a parar de estudar, trabalhar e muitas vezes isolam-se ou fogem de casa.

O *bullying* apresenta-se de várias formas: *físico*, *verbal*, *moral*, *religioso*, *psicológico* e *virtual*. O *físico* ocorre através de pancadarias, chutes, beliscões; o *verbal* surge com apelidos, xingamentos e zoações; o *moral* vem com difamações, calúnias e discriminações; o *psicológico* com intimidações, ameaças e perseguições como pegar ou esconder material escolar; rasgar ou quebrar pertences pessoais; o *religioso* configura-se com discriminação. Por fim, o *bullying virtual* é quando acontece a discriminação, difamação ou agressão por meio da *internet*, via mídias digitais.

Esse problema muitas vezes inicia-se na família com brincadeiras e apelidos por parte dos irmãos e pais; brigas, castigos exagerados, preferências, agrados por alegação de que um filho é uma criança mais amorosa ou mais inteligente. Com isso, geralmente, produz-se desconforto na criança, que cresce com rancor e um sentimento de que ninguém gosta dela. Chamat (1997, p. 61) alerta-nos sobre as relações vinculares estabelecidas no primeiro ano de vida da criança, podendo repercutir diretamente no futuro.

O *bullying* ocorre nas escolas quando um ou mais alunos elegem uma vítima, geralmente com características diferentes do grupo. Pode ser uma criança gorda, magra demais, negra, pobre, deficiente, inteligente ou com dificuldade de aprendizagem. Contra estas, é exercido um certo domínio e elas não conseguem se defender. A escola, por sua vez, logo no início do problema, precisa observar o comportamento das vítimas, a fim de ajudá-las.

A prática do *bullying* tem características bem visíveis e definidas e tudo deve ser levado em conta: brincadeiras na hora dos intervalos; as causas pelas quais algumas crianças se machucam tanto; por que se sujam mais do que as outras; o

motivo de estarem sempre caladas e afastadas do grupo; por que algumas são mais eufóricas do que outras; por que estão sempre saltitantes, falam alto e não conseguem ficar sentadas; ou o motivo de faltarem muito às aulas. Quando ocorrer esses fatores, é necessário observar e tentar descobrir as causas. Se uma criança surgir com alguma dessas características, ela pode estar sofrendo *bullying*.

Esta pesquisa tem como objetivos compreender e analisar como o *bullying* gera violência e como ele ocorre no ambiente escolar; analisar e compreender a influência da disciplina de Ensino Religioso no combate ao *bullying* no ambiente escolar; apresentar o contexto histórico, as características e os tipos de *bullying* realizados no ambiente escolar; observar, através de uma análise psicopedagógica, ou seja, testes projetivos (desenhos), como o *bullying* gera a violência nas escolas e como o Ensino Religioso contribui no combate desse problema.

O presente trabalho possui fundamentos bibliográficos estruturados em obras relacionadas com a temática, como base da análise. Partimos dos esclarecimentos das obras de vários autores que trabalham assuntos referentes ao tema. Tendo como destaque teóricos da Antropologia e Sociologia, como: Geertz, Berger, Otto; e da área da Educação e da Psicopedagogia destacamos: Bassedas, Sampaio, Cognet, Rabello, Candau, Carvalho, Silva, Chamat e Campos.

O tema surgiu devido ao trabalho realizado em escolas, tanto como coordenadora ou professora, como atuante na área clínica de psicopedagoga e arteterapia. O que geralmente constata na anamnese e reuniões com os pais, segundo Berger (2000), é que a religião ocupa um lugar de destaque nas relações sociais. De acordo com Leite Filho (2003, p. 17), a antropologia entende que a religião não separa, mas sim une as pessoas e, sobretudo, dá sentido e finalidade ao ser humano. Esse autor ainda apresenta o conceito de religião em outros aspectos, como no intelecto, na moral, no emocional, no culto, nas realizações próprias e nos valores sociais.

Logo, o presente trabalho procura compreender de que forma o ensino religioso pode contribuir ou não no combate ao *bullying*, levando em conta que a família e a escola devem comungar das mesmas ideias ao fazer referência às questões de prevenção e combate desse problema. Na realidade, o Ensino Religioso procura motivar a criança e o adolescente a estarem atentos para as questões da violência, estando eles ocupando a posição de agressores ou de vítimas.

Para tanto, busca-se investigar e analisar as práticas pedagógica, o perfil do educador frente às questões religiosas no ambiente escolar e o trabalho realizado por ele. Por conseguinte, fundamentar-se-á o trabalho com os teóricos das áreas da religião, pedagogia e psicologia.

O critério metodológico adotado será a técnica de observação participante. Esta será realizada em uma Escola Particular de cunho religioso (evangélica), cujos alunos também são de outros seguimentos religiosos. A instituição mantém estudantes da Educação Infantil ao 5º ano do EF (Ensino Fundamental), primeira fase. Ela está situada no Setor Jardim Guanabara III em Goiânia - Goiás. A pesquisa estruturar-se-á da seguinte forma: como psicopedagoga, já venho realizando atendimentos psicopedagógicos a alunos da escola; este é um procedimento de praxe junto aos estudantes; e o material será o experimento aplicado (desenho), ou seja, o diagnóstico.

Inicialmente, será feita a observação participante: acompanhamento da professora de Ensino Religioso em suas aulas; observação da escola e dos alunos de um modo geral: estrutura física das salas; número de alunos; abordagem educacional; etc.

Quanto aos estudantes, eles serão observados nas salas, no quesito comportamento, se são: agressivos, agitados, nervosos, participativos, tranquilos ou retraídos. Observar-se-á de que forma eles recebem e reagem aos ensinamentos do Ensino Religioso e se essa disciplina interfere no comportamento da criança no combate ao *bullying*. O critério de escolha das turmas serão as classes que apresentam características de *bullying*.

Serão selecionadas duas classes, onde aplicar-se-ão “testes projetivos” (desenhos, relacionado com o próprio aluno, com a família e com a escola), no intuito de descobrir se ocorre *bullying* na escola. Os desenhos estão disponíveis em anexo como fonte de análise. Assim, desenvolver-se-á uma atividade artística (desenho livre) com o tema “Quem é Deus para mim”, com os alunos do turno matutino, com 57 crianças, visando obter dados de como eles têm a percepção de Deus.

Em sequência, serão aplicados “testes projetivos”, os mesmos por meio de desenhos intitulados: “Vínculo comigo mesmo”: (Quem sou eu); “Vínculo com a família” – (Eu e minha família e “Os quatro momentos do dia” (o que a criança faz durante o dia): manhã, meio-dia, tarde e noite; “Vínculo escolar” – Par educativo (aluno

e professor) e Eu e meus colegas; “Vínculo Religioso” – Quem é Deus para mim; e por último, “A hora do jogo” (atividade artística livre).

O primeiro capítulo terá como tema: *Bullying* e religião num olhar da psicopedagogia. Inicialmente, será apresentada a religião e suas concepções e conceitos sob a perspectiva da superação do *bullying* no ambiente escolar. Esta pesquisa tem como meta apresentar o ensino religioso como aspecto fundamental, na família e na escola, o combate ao *bullying*; e ter como exemplo as famílias do Antigo Testamento, as quais ensinavam seus filhos a respeitarem o Deus de Israel. Em seguida, analisar-se-á a trajetória do Ensino Religioso no Brasil e em Goiás, observando as leis que respaldam essa disciplina e as que protegem as crianças e os adolescentes da prática do *bullying*. Por fim, a importância da psicopedagogia será explorada na observação e análise do *bullying* no ambiente escolar.

O segundo capítulo terá como base o tema: Como o *bullying* gera violência nas escolas. Neste capítulo, serão abordadas as características da escola, dos professores e dos alunos; além disso, será explorada a observação das aulas de Ensino Religioso; os Testes Projetivos - Famílias, escola e religião. Esses testes serão aplicados em duas salas de aula, nos 2º e 3º anos do Ensino Fundamental, totalizando 34 alunos. Tais turmas foram escolhidas devido à diversidade de crianças com características de *bullying*. Nesta parte do trabalho, serão analisados os perfis dos tipos de alunos que sofrem ou provocam *bullying*: o agressor, o agredido e o que não reage, observando assim as características dos respectivos envolvidos. Dos 34 que realizarem o teste do desenho da religião, destes serão escolhidos 8 alunos para participarem dos demais testes já citados. Os 4 alunos que participarão do diagnóstico serão contemplados no terceiro capítulo.

Com as análises, será trabalhada a possibilidade de identificar o *bullying* e como é gerada a violência nas escolas, na família, ou seja, serão analisados os desenhos dos tipos de *bullying*, verificar-se-ão as consequências ocorridas com as vítimas, os seus medos, vergonha e, por fim, os fatores que levam ao comportamento do *bullying* e como a escola e professores podem trabalhar para contribuir com o aluno para evitar a violência.

No terceiro capítulo, será feita uma abordagem psicopedagógica e relatar-se-á como o *bullying* ocorre no ambiente escolar das escolas, ou seja, como acontece. Ademais, dar-se-á ênfase aos testes com o diagnóstico das quatro crianças, que serão nomeadas de (K, GT, J e S), observando as práticas do *bullying* e como o Ensino

Religioso tem sido trabalhado e se tem influenciado na vida dos alunos e nas famílias no combate a esse problema, através do desenvolvimento dos alunos. Outro objetivo é compreender como os professores, o psicopedagogo e a escola atuam e quais os temas abordados e as atitudes tomadas dentro de sala de aula, ou seja, o que as escolas podem e devem fazer para diminuir o *bullying* nas escolas e se, de fato, o Ensino Religioso contribui para combater a violência.

1 A RELIGIÃO: COM VÁRIOS OLHARES DA PSICOPEDAGOGIA

Inicialmente, será apresentada a religião, suas concepções e conceitos sob a perspectiva da superação do *bullying* nas práticas pedagógicas do Ensino Religioso em uma escola particular e evangélica do estado de Goiás. A presente pesquisa tem como objetivos: apresentar a religião como aspecto fundamental na família e na escola; estudar as famílias do Antigo Testamento, as quais ensinavam seus filhos a respeitar seu Deus; analisar a trajetória do Ensino Religioso no Brasil e em Goiás e as leis que dão respaldo a essa disciplina; relatar o *bullying*, seus tipos e características, sua trajetória e as Leis que amparam as crianças e adolescentes dessa prática; trabalhar o *bullying* na família e escolas; e, por fim, abordar a importância da psicopedagogia na observação e análise do *bullying* no ambiente escolar.

1.1 A Religião

No mundo, existem várias religiões e as mesmas são responsáveis pelas construções de padrões morais e sociais. Segundo Berger (2000, p.15), “toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo”. Em outra perspectiva, “A religião ocupa um lugar de destaque nesse empreendimento” (BERGER 1985, p. 15). Assim, há diversas concepções de religião repletas de ideologias e de movimentos políticos. Geertz (2001) afirma que: “A “religião” é variável, dependente e favorita de todo o mundo e que o mundo não funciona apenas com crenças, mas dificilmente consegue viver sem ela” (GEERTZ, 2001, p. 155).

Entretanto, há também muitas pessoas com crenças diferentes, que acreditam que a fé sustenta, transforma, cura, corrige, ajuda e resolve os problemas. A religião não é mágica, nem política. A religião produz identidade, sentido e poder. Segundo Geertz (2001, p. 159),

A religião sem uma interioridade, sem uma sensação “banhada de sentimento” de que a crença importa tremendamente, de que a fé sustenta, cura, consola, corrige as injustiças, melhora a sorte, garante recompensa, explica, impõem obrigações, esclarece, reconcilia, regenera, redime ou salva, mal chega a ser digna desse nome.

De fato, a religião é fundamental na vida da humanidade, pois se sabe que cada pessoa com sua fé e sua cultura religiosa alcança o que deseja.

1.2 CONCEITOS E ASPECTOS DA RELIGIÃO

A religião está relacionada com o *sagrado*, com as crenças e com as doutrinas. Geertz (2001, p. 150) faz referência aos escritos de Willian James que apresenta “As variedades das experiências religiosas”. Ele relata as características da “religião” e do “religioso”. A religião ou religiosidade de James – a Nova Inglaterra transcendental em uma profunda experiência subjetiva de um “estado da fé” que resiste às pretensões políticas.

As expressões religiosas acontecem atualmente por meio da comunicação nos textos eruditos e nas reuniões eclesiais. Na época de James, parecia que a religião estava enfraquecendo como força social, tornando-se uma questão ligada ao coração. Com a influência do secularismo, a tendência era que cada vez mais as pessoas abandonassem a sua fé, pois os secularistas incentivavam e encaravam a religião como um sinal de progresso. (GEERTZ, 2001, p. 151-152).

Com efeito, a religião é de fundamental importância nas famílias, nas escolas e na sociedade e, sobretudo, na vida da criança e do adolescente, dando assim segurança, credibilidade e autoconfiança. Nesta pesquisa, 44 crianças realizaram um desenho a respeito de Deus, respondendo a seguinte pergunta: “Quem é Deus para mim?” (registrada posteriormente no segundo capítulo). Das 44 participantes, 13 representaram Deus como um ser grande; 5 como um anjo; 12 como Jesus na cruz e a ressurreição; 4 como pai e protetor e 10 representaram Deus como a natureza.



(Des. 01) (Aluno (I), 09 anos 3º ano)

Dessa forma, observou-se que as crianças têm uma concepção de Deus, seja ela ensinada pelos pais, professores, igreja ou pela sociedade de um modo geral. Parte-se do pressuposto de que a Educação Religiosa trabalha os ensinamentos cristãos sobre o *amor a Deus e ao próximo*, tendo como base os Dez Mandamentos registrados em Êxodo 20. Assim, a valorização, a compreensão, a aceitação do outro, a interação e a solidariedade são conceitos aplicados aos princípios cristãos, tanto nas escolas quanto nas famílias; e essas ideias religiosas podem contribuir no combate ao *bullying*.

1.2.1 A Religião na família

Tanto na família quanto na sociedade, a religião é fundamental. Essas esferas sociais são onde os filhos devem aprender sobre a religião e sobre o Deus a quem a instituição familiar serve. O surgimento deste tema veio através da preocupação com o descaso com a religião nos dias atuais tanto nas famílias quanto nas escolas. Parece até pretensioso, porém o que tem sido observado é que, atualmente, a violência, a falta de respeito e amor ao próximo tem aumentado com mais ênfase nas últimas décadas. Acredita-se que a criança, desde pequena, deve ser educada e conscientizada quanto às questões religiosas.

A religião trabalha cada vez mais numa concepção integral do ser humano. O *Ethos* apresentado pelas igrejas cristãs explora as questões morais e afetivas, definindo assim o comportamento de uma determinada pessoa ou cultura. Segundo Geertz (1989, p. 94),

na discussão antropológica recente, os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo *Ethos*, enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo 'visão de mundo'. O *Ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete.

Para tanto, a família tem a responsabilidade de instruir os filhos quanto à formação do caráter nos aspectos moral e cultural. A intenção desta investigação é compreender, identificar e analisar a concepção de família presente em relação àquilo que é apresentado e desenvolvido no conteúdo programático da Educação Infantil e do Ensino Fundamental na escola onde ocorrerá a pesquisa.

É a família que tem o compromisso de repassar seus conhecimentos religiosos para os filhos. Portanto, criança e adolescente são geralmente orientados pelos pais a respeito de sua religião, para que não abandonem tais ensinamentos. Para O'Dea (1969, p. 56) "a manutenção do grupo acontece quando há motivação". Segundo a tradição judaico-cristã, cabe aos pais essa educação, como está registrado no Antigo Testamento.

Segunda essa tradição, os judeus e hebreus ensinavam aos filhos a respeito do seu Deus e o que Ele fazia pelo seu povo (Hebreus). Nesse sentido, as religiões cristãs entendem que há a necessidade de que os pais e a igreja trabalhem no intuito de motivar as crianças a participarem da religião. Era dever da família inculcar na mente dos filhos a sua religião. ¹

Na educação hebraica e judaica, segundo Hayward (1992, p. 11), seria imperdoável tentar estudar a educação cristã sem antes considerar a educação religiosa do povo Hebreu, no Antigo Testamento, e do povo Judeu, no período intertestamentário e neotestamentário.

Para o autor em questão, há quatro áreas específicas para a educação entre os Hebreus: família, templo, sinagogas e escolas proféticas. Quanto à família, Hayward aponta que desde os tempos antigos, o lar tem sido a instituição mais eficaz

¹ Deuteronômio 6: 7-9.

dentro da educação cristã. Os pais consideravam fator principal na vida dos seus filhos a educação religiosa e repassavam para estes o que o Deus de Israel havia feito por eles. A metodologia utilizada era o ensino diário. Logo, os pais ensinavam aos filhos a colocarem a Palavra de Deus no coração, assentados em casa; andando pela rua; ao deitar, ao levantar; nos sinais nas mãos; nos sinais na testa, entre os olhos; nos umbrais das portas; nas portas da casa. Várias expressões sublinham a importância da aliança divina, abrangendo todos os aspectos da vida.

Ao se referir aos tempos, observa-se que a educação não se restringia apenas à família neste período, Antigo Testamento (AT). Os pais dedicavam seus filhos a Deus, enviando-os para morar nos templos, aos cuidados dos sacerdotes, como consta no relato da vida de Samuel, que foi levado bem pequeno pela sua mãe para morar e receber a educação do sacerdote Eli². O ensino nas sinagogas ocorreu no período veterotestamentário, quando se estudava o Antigo Testamento. Nas escolas de profetas, estes eram a figura central na educação nacional (HAYWARD, 1992, p. 13).

O propósito da educação nesse período era a exortação. Os profetas ajudavam o povo a viver uma vida correta diante de Deus. O objetivo era instruir na conduta ética e assegurar a presença de Deus e sua adoração.

Dentro do currículo na educação hebraica, havia as festas como as da Páscoa, de Pentecoste e do Tabernáculo. A primeira representava o período da colheita e a libertação do povo do Egito. A segunda tinha como objetivo contemplar o fim da colheita; e, por último, a festa do tabernáculo representava a vivência do povo de Israel em tendas. Segundo Parker (1995), na festa revela-se um espaço de anomia relativa (que denota ou demonstra algum tipo de relação) entre o seu povo. As festas libertavam o povo da opressão. “Através das festas, o povo liberta-se das normas e opressões que lhe são impostas” (PARKER, 1995, p.164). Ademais, nas festas, as regras são distintas, pois se introduz a moral; e a identidade era preservada.

A identidade da criança muitas vezes está ligada à linhagem da família, ou seja, há vários tipos de famílias com determinados padrões éticos e morais, em que os filhos recebem, desde recém-nascidos, orientações precisas para o resto de suas vidas. A família tem a responsabilidade de repassar esses valores a fim de que os filhos sejam bem sucedidos. É dever dos pais e da escola, através do Ensino

² | Samuel1:19-28.

Religioso, educar os filhos, para que os mesmos encontrem o seu lugar na sociedade e que sejam justos e conscientes de seus deveres.

A disciplina de Ensino Religioso no Brasil sofreu mudanças desde a década de 70; ora surgia como obrigatória, ora como disciplina facultativa. Segundo Muniz (2014), a partir de 1980 iniciam-se as discussões a respeito do pluralismo religioso referido na Constituição Federal. No artigo 5º, inciso VI, consta que “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a sua liturgia”, (BRASIL, 2008).

Em 1988, foi inserida a matéria de Ensino Religioso no currículo escolar. Em 1996, aconteceu um fórum em Brasília onde se reuniram sessenta representantes de entidades de várias denominações religiosas ligadas à educação de Ensino Religioso. Uma das discussões era a permanência dessa disciplina nas escolas, além da remuneração dos professores e a elaboração de um currículo para o Ensino Religioso, (MUNIZ, 2014, p.94-99).

O projeto logrou uma rápida aprovação e foi sancionado pelo presidente da República, sob a forma da Lei n. 9.475, em 22 de julho de 1997, que deu nova redação ao artigo 33 da Lei n. 9.394/96, sendo o primeiro artigo da LDB a ser modificado. Essa Lei estabeleceu que:

Art. 33. O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do Ensino Religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do Ensino Religioso.

Em 2010, o Conselho Nacional de Educação para o Ensino Religioso fixou a Educação Religiosa nas Diretrizes Curriculares Nacionais, como componente da Base Nacional Comum, conforme o artigo 14. Em 1980/90, consolida-se a permanência do Ensino Religioso no currículo escolar brasileiro (MUNIZ, 2014, 113).

No final da década de 80, o Ensino Religioso fica ligado ao Conselho Interconfessional de Ensino Religioso de Goiás (CIERGO). Trata-se de um tipo de consultoria que contribuiu com o trabalho em torno da disciplina de Ensino Religioso. Segundo Muniz (2014,119-121), o CIERGO foi criado pelo Decreto 3.204 de 29 de

junho em 1989 pelo Governo do Estado, junto à Secretaria de Educação. Tinha como objetivo coordenar, controlar e avaliar o Ensino Religioso no estado de Goiás (MUNIZ, 2014, p.121). Segundo o artigo 3º, o regulamento do CIERGO, aprovado pelo Conselho Estadual de Educação, o Ensino Religioso tem por finalidade junto ao educando:

- I - promover uma educação consciente que satisfaça a sua prioridade e os seus anseios para o desenvolvimento integral de sua personalidade;
 - II - desperta-lhe, diante do materialismo que o envolve, os valores evangélicos na descoberta do outro como irmão;
 - III - possibilitar-lhe viver, através de tais valores, de forma crítica e participativa na sociedade atual, integrando-o na comunidade de fé;
 - IV - orientá-lo no sentido de se questionar para buscar solução de suas inquietudes e aspirações infinitas em Deus;
 - V - levá-lo a adquirir convicção de pensamento que o possibilite comporta-se com responsabilidade diante de si, de Deus e da sociedade;
 - VI - despertá-lo, através das datas significativas do Calendário Cristão, para a descoberta dos valores da fé cristã.
- Art. 4º** - O Ensino Religioso terá como texto base a Bíblia.

Com esses regulamentos, nota-se que a educação religiosa consiste em um desenvolvimento integral na vida do aluno, observando os valores, a responsabilidade diante de si, de Deus e da sociedade.

A disciplina de Ensino Religioso em Goiás funciona a partir dos encaminhamentos nacionais, tendo como fundamento a Constituição Estadual, promulgada em 05 de outubro de 1989. Em 2009, foi realizada a formação de professores e a publicação de um caderno denominado “Reorientação Curricular do 1º ao 9º ano”. Em 1995, foi publicado o Programa Curricular Mínimo para o Ensino Fundamental e Médio, em parceria com a Superintendência do Ensino Fundamental e Médio (MUNIZ, 2014, p. 156), objetivando a integralidade da formação do educando.

Quando se fala em um desenvolvimento integral do aluno, incluem-se todos os alunos, principalmente as crianças que sofrem com problemas de violência nas escolas e nas famílias. Segundo Albuquerque (2014, p. 35), deve-se ter “o respeito à diversidade do aluno”. Para tanto, há uma necessidade de observar as questões do *bullying*, principalmente na escola, que é o foco deste trabalho.

1.3 BULLYING

A palavra *bullying* é de origem inglesa e significa valentão, tirano. Como confirma Leão (2010):

Esse termo, normalmente, ocorre nas relações interpessoais, em que há uma relação desigual de poder, uma vez que, um lado da relação será caracterizado por alguém que está em condições de exercer o seu poder, através da intimidação, humilhação, atitudes agressivas sobre outra pessoa ou até mesmo um grupo mais fraco (LEÃO, 2010, p. 122).

O *bullying* é um problema social e cultural. Trata-se de um fenômeno mundial, considerado uma desordem na vida das famílias, escolas e da sociedade como um todo, pois destroem todas essas esferas. Muitas pessoas passam a ter medo de sair de casa, têm vontade de abandonar os estudos, chegam a parar de estudar e de trabalhar. Outras perdem o prazer de viver; fogem de casa ou até mesmo se suicidam. Para tanto, no dia 09 de novembro de 2015 foi publicado a Lei nº 13.185/15, que instituiu o Programa de Combate ao *Bullying*, considerando como *bullying* todo ato de violência ou psicológica, intencional e repetitiva que ocorra sem motivação, partindo por um indivíduo ou grupo contra uma pessoa.

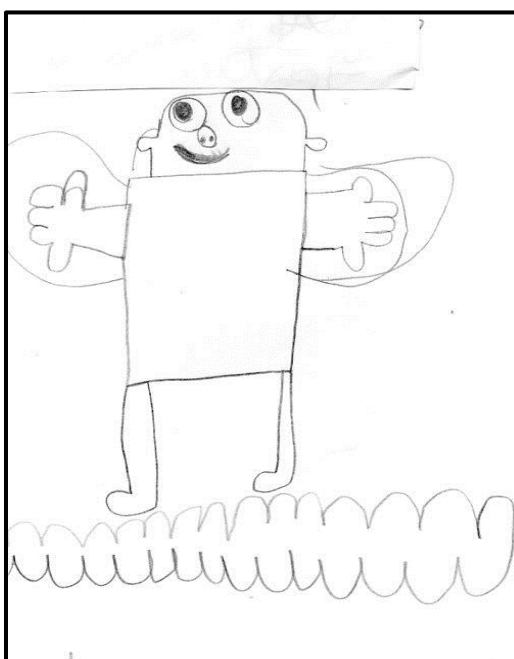
1.3.1 Tipos e Características

Segundo Bellio (2012, p. 10), “o *bullying* ocorre quando um ou mais alunos elegem uma vítima para “bode expiatório”. Sendo assim, as vítimas não conseguem se defender”. O autor destaca em seu livro uma lista de formas e de palavras que caracterizam o *bullying*, tais como: físico, verbal, moral, psicológico, virtual e religioso. O físico apresenta-se através de pancadarias, chutes, beliscões, empurrões, afogamento e outros que envolvem o contato físico agressivo. O verbal contempla apelidos e xingamentos. O moral surge com difamação, calúnia e discriminação. O psicológico ocorre com intimidação, humilhação em público, ameaças e perseguição; além de pegar ou esconder material escolar, rasgar ou quebrar seus pertences. O *bullying* virtual caracteriza-se por ser discriminação ou difamação por meio da internet ou do celular; denominado também como *cyberbullying* (BELLIO, 2015, p. 11). Por

fim, o *bullying* religioso é quando as pessoas têm dificuldade em aceitar a religião do outro e criticam o seu modo de falar, de adorar e de se vestir.

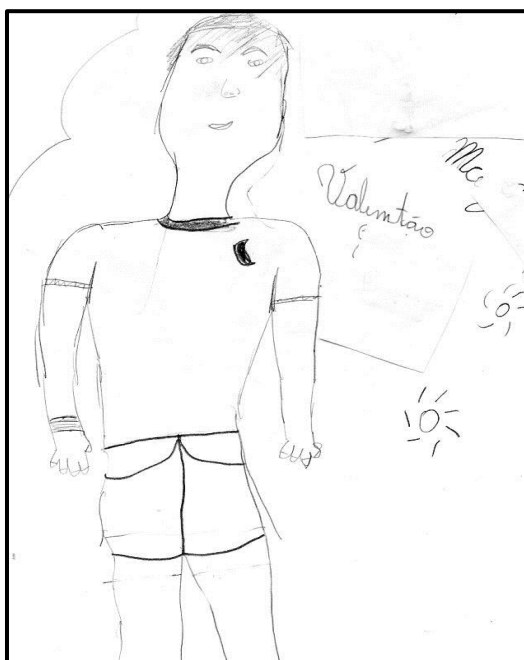
O *bullying* ultrapassa os limites do social, da compreensão, do amor ao próximo e da solidariedade. Em sua concepção, abandona a possibilidade de que todos somos iguais, perante a lei e de que dependemos uns dos outros. “É caracterizado pela intencionalidade e continuidade das ações agressivas contra outras pessoas sem motivos evidentes, resultando danos e sofrimentos” (FANTES, 2005, p. 1). Ademais, tem várias características distintas e preocupantes, pois crianças e adolescentes, que sofrem o *bullying*, carregam consigo traumas que podem acarretar problemas na vida adulta. Segundo Carpenter e Ferguson (2011, p. 28), as pessoas, ou seja, as crianças e os adolescentes que praticam *bullying* são carentes e possuem baixa autoestima. Os autores afirmam que há comprovação de que os agressores são criaturas que têm necessidade de se sentir poderosas e de dominar as pessoas ao seu redor; precisam de atenção; querem se sentir superiores; não sentem remorso; não sentem empatia, ou seja, não se colocam no lugar do outro e, por fim, tornam-se crianças agressivas.

Veja o desenho do aluno (V) e do (GH). O desenho (Des.2), o ser humano (ele) com o tronco em forma geométrica indica – maior agressividade; omissão do pescoço – dificuldade de controle; cabeça grande, olhos arregalados e boca erguida para o lado - ambição e agressividade; braços grossos, curtos e mãos abertas – falta de afetividade (CAMPOS, 2010, p.85-103).



(Des. 02) Aluno (V), 07 anos 2º ano.

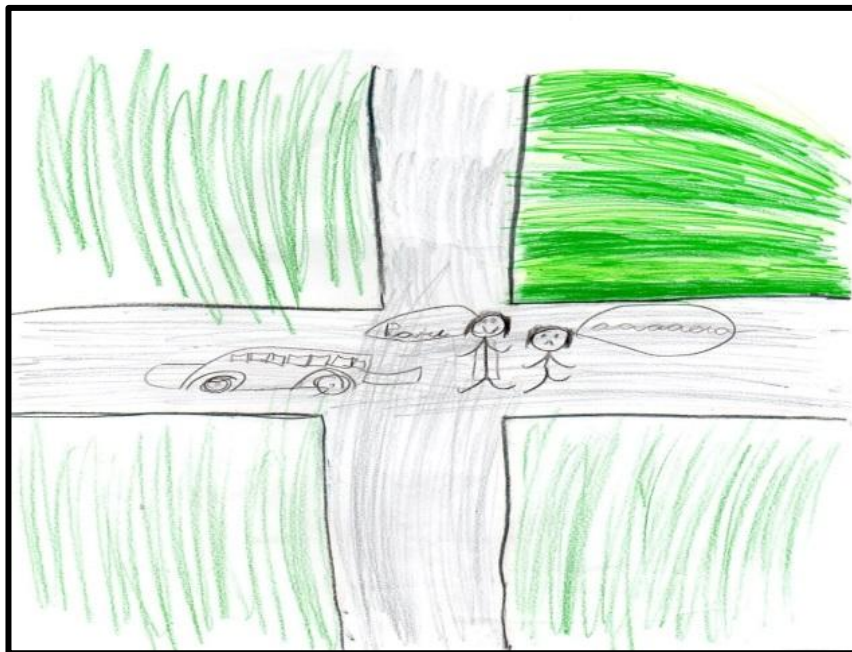
O desenho (3) A figura (ele) alta, de pé – significa força e energia; com a omissão dos pés - de contato com o social; sombra no cabelo conflito de virilidade (conduta sexual dividida); braços e mãos diminuídas – sentimento. (CAMPOS, 2010, p. 82-103).



(Des. 03) Aluno (GH) 09 anos 3º ano.

As crianças e os adolescentes, que sofrem com o *bullying*, correm o risco de sofrerem com depressão³ e isolamento social, podendo ter uma vida adulta conturbada e problemas com a justiça. Eles têm uma tendência à baixa tolerância, à frustração; dificuldades de se adaptar e de seguir regras; não têm respeito por autoridades e são impulsivas; têm comportamento antissocial (vandalismo, roubo, falta às aulas, uso de drogas) e praticam crueldade com animais (CARPENTER e FERGUSON, 2011, p.57-60). Os testes projetivos realizados nesta pesquisa, (Vínculo comigo Mesmo), mostram que os alunos apresentaram características de que sofrem e que praticam *bullying*. Dos 58 desenhos, 28 apresentaram indícios de que são vítimas e 30 de que são agressores. O desenho escolhido aparentemente apresenta o que pratica e o que sofre (Des. 04).

³ Doença afetiva, relacionada ao sentimento de tristeza, desapontamento, frustração, desânimo. Diminuição de ânimo, coragem ou iniciativa.



(Des. O4) Aluna de 07 anos 1º ano.

A ilustração acima demonstra o desenho de uma encruzilhada, onde aparecem duas pessoas do sexo feminino. A maior está sorrindo e diz: “pare”. À sua frente há um carro com uma porta aberta nos fundos. A maior está com uma roupa transparente, que indica exibicionismo ou narcisismo. A criança está triste e assustada. (CAMPOS, 2010, p. 101). Pressupõe-se, assim, que a maior pratica e a menor sofre *bullying*.

1.3.2 Trajetória do *bullying*

O *bullying* inicia-se com crianças que apresentam características diferentes das demais crianças e adolescentes. Tais indivíduos apresentam determinadas particularidades físicas. A exemplo, pode-se citar a Síndrome de Down⁴, em que os indivíduos têm o rosto com um contorno achatado devido, principalmente, aos ossos faciais pouco desenvolvidos, nariz pequeno e passagem nasais estreitadas; além disso, geralmente, são obesas. Outra ocorrência é a Síndrome de Turner⁵, que traz peculiaridades como, na adolescência e juventude, as pessoas apresentarem ser

⁴ Síndrome de Down é causada pela presença de três cromossomos 21 em todas ou na maior parte das células de um indivíduo. Isso ocorre na hora da concepção de uma criança. (As pessoas com síndrome de Down, ou trissomia do cromossomo 21, têm 47 cromossomos em suas células em vez de 46, como a maior parte da população.).

⁵ O exame revela 45 cromossomos, sendo que do par dos cromossomos sexuais **há apenas um X**; dizemos que esses indivíduos são XO (xis-zero), sendo seu cariótipo representado por **45 X**.

mais velhas; com baixa estatura; e dificuldades de aprendizagem, principalmente quando se trata da matemática; ademais, elas têm dificuldades no relacionamento. Há também a Síndrome de Rubinstein-Taybi⁶, uma má-formação caracterizada por faces distintas, retardo mental, polegares largos e dedos grandes dos pés. E muitas outras doenças, cujas consequências as crianças ou adolescentes apresentam diferenças das demais. Por outro lado, há as que não apresentam deficiências, mas são tímidas, disléxicas⁷, superdotadas, estrangeiras, de outras religiões, etnias ou culturas como as indígenas e ciganas, que também sofrem com *bullying*.

As preocupações e as investigações a respeito do *bullying*, segundo Carvalho (2007, p. 1), surgiram a partir dos anos 70 na Suécia; sequencialmente, outros países começaram a trabalhar com o tema. No Brasil, nos anos 90, a abordagem iniciou-se através da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA). Na Noruega, em 1982, houve uma mobilização contra o *bullying*, devido ao fato de três crianças, entre dez e quatorze anos, terem praticado suicídio. A causa foram maus-tratos ocorridos na escola pelos colegas. Segundo a ABRAPIA, entre os anos de 2000 a 2004, pesquisou-se e constatou-se que 40,5% dos alunos admitiram estar envolvidos em *bullying*, revelando que esse fenômeno faz-se presente com índices superiores aos países europeus (CARVALHO, 2007).

No Brasil, um estudo realizado em 2010 com alunos de escolas públicas e particulares revelou que as humilhações típicas do *bullying* são comuns em alunos do 6º ano. As três cidades brasileiras com maior incidência dessa prática são Brasília, Belo Horizonte e Curitiba (CAMARGO, 2010). Seguem alguns casos, retirados do artigo “O *Bullying* escolar no Brasil” de Marcelo Magalhaes Gomes, publicado em 04/2011, o que ajuda atestar a tese em estudo.

Em 1999, no Instituto Columbino (Colorado, EUA), Eric Harris e Dylan Klebold, vítimas de *bullying*, mataram doze colegas e um professor; após o corrido, suicidaram-se. Em 2005, um aluno de 16 anos matou cinco colegas, um professor e um segurança numa escola de Minnessota (EUA). Em 2006, na Alemanha, um ex-aluno abriu fogo numa escola e deixou onze feridos (cometeu suicídio em seguida). Em 2007, um estudante, vítima de *bullying*, em uma escola em Virginia Tech (EUA), assassinou

⁶Doença de origem desconhecida, caracterizada por deficiência mental acentuada, dedos das mãos e dos pés grossos e de baixa estatura. <http://alteracoesgeneticas.blogspot.com/2007/04/2834.html>

⁷ A Dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. <http://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia/>.

trinta e duas pessoas e feriu outras quinze. Em novembro de 2007, em Jokela (Finlândia), oito pessoas foram assassinadas por um aluno que divulgou, anteriormente ao assassinato, um vídeo no *YouTube*, no qual anunciava o massacre. No dia 25 de maio de 2008, um aluno de 22 anos matou nove estudantes e um professor em Kauhajoki (Finlândia). Em seguida se suicidou. No Brasil, não são raros casos de alunos que são flagrados dentro de escolas com armas de fogo. Em 2003, em Taiúva (SP), um ex-aluno voltou à escola e atirou em seis estudantes e em uma professora, que sobreviveram ao ataque. Ele era ex-obeso e vítima de *bullying*, e, após o atentado, cometeu suicídio. (GOMES, 2011).

Diante de disso é que se justificam as leis que amparam a criança e o adolescente, observando os deveres dos pais, das escolas, do governo e da sociedade, no intuito de juntos combaterem a violência.

1.3.3 Leis que amparam a criança e o adolescente

As leis que amparam a criança e o adolescente devem ser observadas, a fim de que não houvesse a prática violenta contra esses indivíduos. Segundo Souza e Almeida (2011, p. 188):

O Art. 227 da Constituição Federal diz que: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente: o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

O estatuto da criança e do adolescente (ECA) versa sobre o direito à Liberdade, ao Respeito, à Dignidade e à educação, dentre outros. Nos seguintes artigos está escrito:

Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, *dos espaços e objetos pessoais*.

Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho (SOUZA e ALMEIDA, 2011, p.188).

Na Constituição Federal está patente que a criança e o adolescente devem receber educação, dignidade, respeito, liberdade e integridade; aborda também que os mesmos não podem ser vítimas da violência e de comportamentos vexatórios e aterrorizantes. Cabe aos pais, aos educadores e aos líderes religiosos estarem atentos a essas questões no intuito de evitar problemas tanto nas famílias, quanto nas escolas e nas instituições religiosas, onde crianças e adolescentes frequentam. Ademais, orientação de forma concisa dentro dos princípios cristãos pode ser uma contribuição positiva no combate à violência.

A palavra violência deriva do Latim *violentia*, que significa “veemência, impetuosidade”. Sua origem está ligada ao termo “violação”, *violare*. Para isso que as leis foram criadas e organizadas, ou seja, para facilitar a vida das pessoas e ajudá-las em suas necessidades. Porém, é necessário que sejam cumpridas, no intuito de o *bullying* ser resolvido de um modo geral, evitando o ciclo reprodutivo da violência.

1.3.4 O *Bullying* na família

O *bullying* inicia-se na família com brincadeiras e apelidos por parte dos irmãos e pais; brigas, castigos exagerados, preferências, agrados por alegação de que o outro filho é uma criança mais amorosa ou mais inteligente. Com isso, causa-se desconforto na criança, a qual cresce com rancor e um sentimento de que ninguém gosta dela. Chamat (1997, p. 61) aborda a respeito das relações vinculares estabelecidas no primeiro ano de vida da criança; elas podem repercutir diretamente no futuro dela.

Parte-se do princípio de que a família é a base de tudo, onde os filhos se sentem seguros, onde haja harmonia, compreensão e amor:

a qualidade das relações vinculares estabelecidas no primeiro ano de vida da criança repercute diretamente nas suas ações futuras, quer seja na forma de perceber o mundo na sua forma de se relacionar com as outras pessoas e, fundamentalmente, determina o modo pelo qual irá lidar com o novo e o desconhecido (CHAMAT, 1997, p. 61).

Entretanto, o que ocorre são violências familiares e, muitas vezes, pais alcoólatras ou dependentes químicos espancam mães e filhos, ou os escorraçam de casa. Mães, sem compromisso com a família, não se preocupam com alimentação,

com a higiene pessoal e com a educação dos filhos; além disso, não se dedicam com os cuidados diários do lar. Elas também não têm uma religião, não frequentam e não se preocupam em ensinar aos filhos a terem uma “devoção” (religiosidade).

Dentro da família, os relacionamentos devem ser bem ajustados desde o nascimento da criança para que no futuro não venham acontecer situações desagradáveis. A família deve, com muita cautela, observar as fases do desenvolvimento da criança. Nenhum filho é igual ao outro. Sendo assim, a família deve procurar desenvolver a afetividade dentro do lar. Segundo Goulart (2012, p. 101),

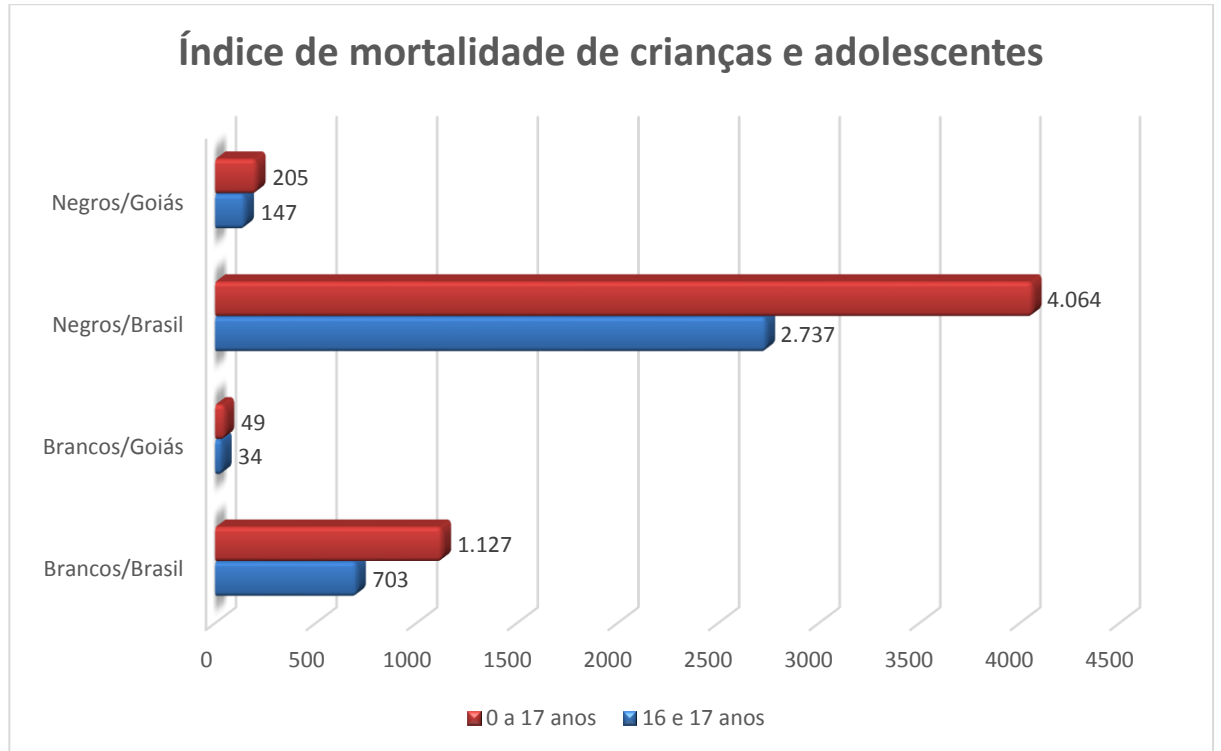
a afetividade, a princípio centrada nos complexos familiares, amplia a escala na medida em que se multiplicam as relações sociais. Os sentimentos morais ligados, no início, a uma autoridade sagrada, evoluem no sentido de um respeito mútuo e de uma reciprocidade.

Cada criança tem suas necessidades e, com muita sensatez, precisa ser observada, acompanhada e receber a devida atenção para suprimir as suas carências. Com base nos escritos de Beechick (1980, p. 12-19), as necessidades constituem-se em: a) físicas (correr, pular, dançar, e saltar obstáculos); b) intelectuais (apresentam-se na linguagem, a qual se torna uma ferramenta importante para expressão e comunicação); c) sócio-emocionais (abrangem a adaptação social, habilidades e o planejamento em conjunto com as brincadeiras em grupo). Assim, de acordo com o ritmo individual de desenvolvimento de cada criança, ela deve ser avaliada e observada pelos pais, atentando, principalmente, com o que ocorre na escola.

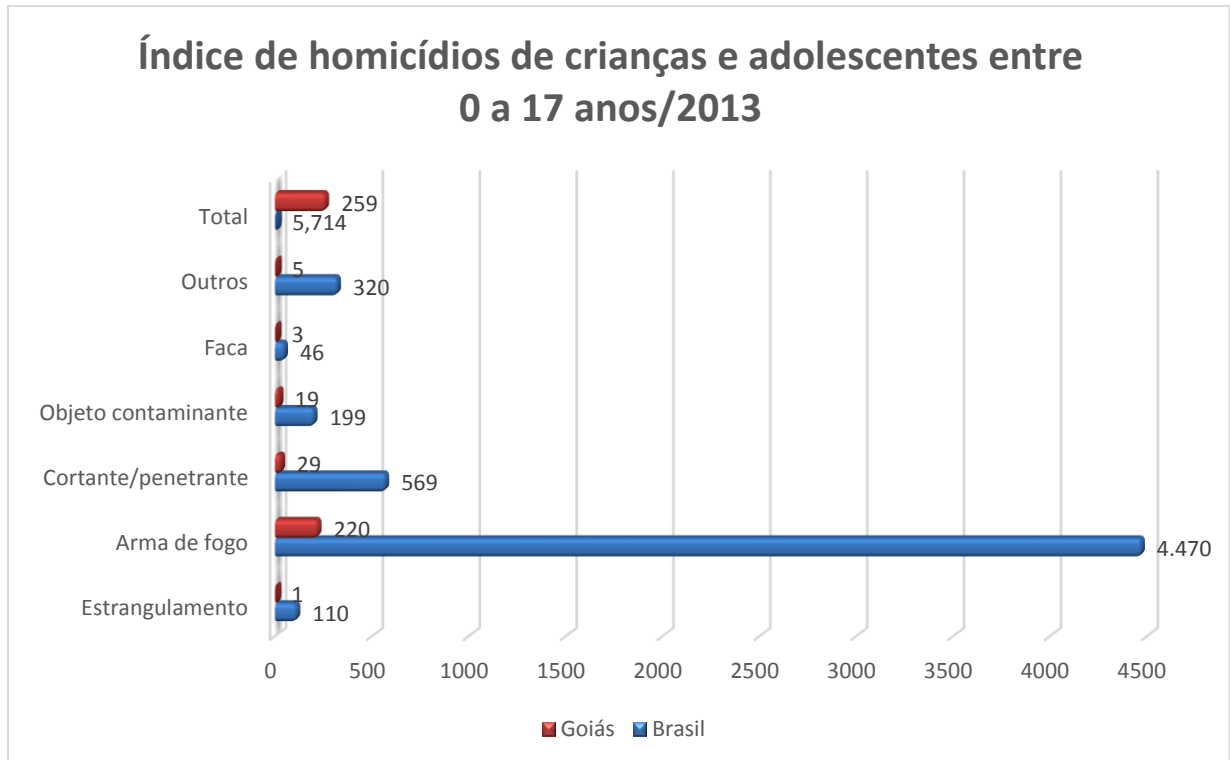
É importante salientar que os pais devem impor limites. Segundo Pedro-Silva (2013, p. 26) “só somos sujeitos graças aos limites. [...] Afinal, somos seres totalmente dependentes da ação educativa e da necessidade de nos adaptarmos à realidade”. Portanto, os limites e a disciplina ajudam a conduzir a criança dentro da ética e da formação do Ethos. Porém, o que tem ocorrido nos dias atuais é que a violência vem ganhando muito espaço no seio das famílias no estado de Goiás.

- a) No mundo, o Brasil ocupa o 3º lugar na taxa de mortalidade de crianças e adolescentes. Goiás ocupa o 7º lugar com 4.820 homicídios ocorridos entre adolescentes de 12 a 19 anos. Borges (G1/GO, 28/01/2015) aponta o

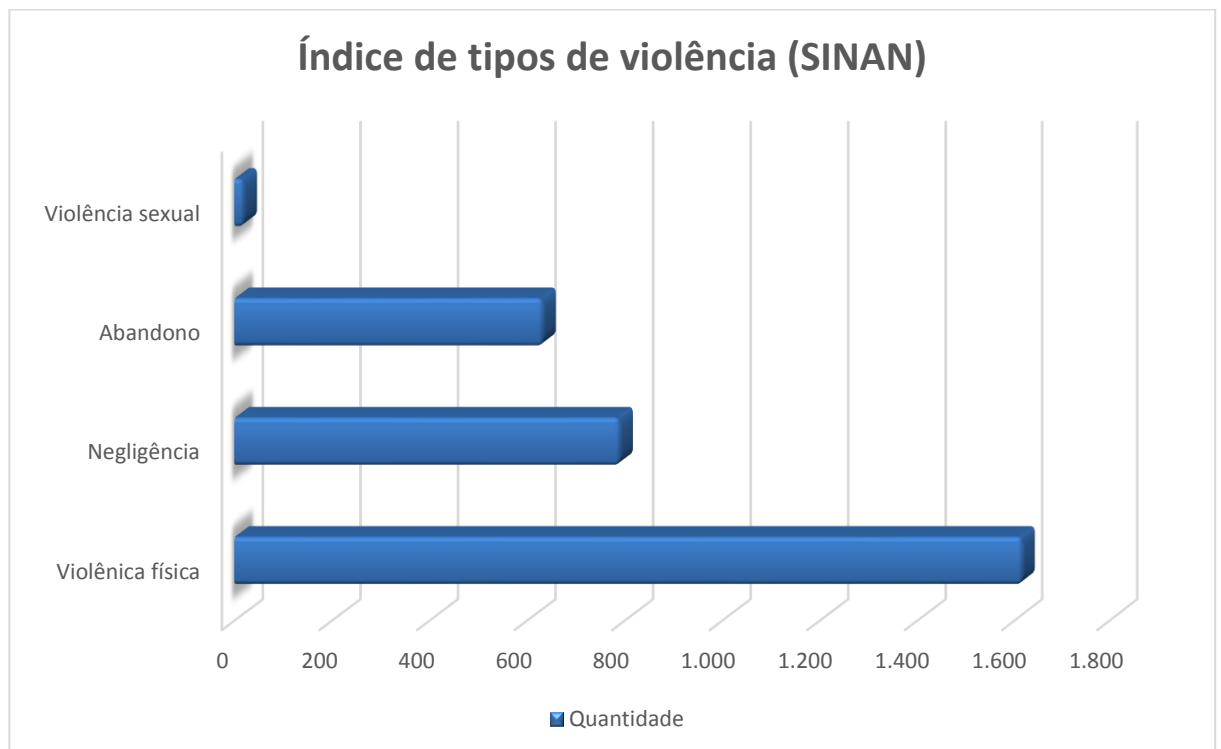
número de crianças e adolescentes de 0 a 17 anos, classificadas por cor, vítimas de violência. Segue o gráfico com os dados:



b) O número de homicídios de crianças e adolescentes de 0 a 17 anos, segundo meios utilizados no Brasil e em Goiás, em 2013:



- c) Em 2015, o Sistema de Informações de Agravos de Notificações (SINAN) do Sistema Único de Saúde, em Goiás, registrou casos de:



Segundo Weliton Carlos (2015, Diário da Manhã, Goiânia, 2015), no dia 24 de Janeiro, pai morre e mata seus quatro filhos ao arremessar seu carro contra um caminhão. Crime premeditado, que ocorreu na BR-070 em Cocalzinho. O pai deixa uma carta dizendo que a mãe não mais os veria; e acrescentou: “E a culpa é sua”. Este é um caso de violência familiar.

A família é a base da sociedade, porém deixa de ser quando a violência passa a fazer parte da mesma, quando os pais usam xingamentos contra as crianças, quando exageram nos castigos, quando praticam atitudes agressivas intencionais repetidas, quando humilham os filhos e cônjuges na frente das pessoas. Carpenter e Ferguson (2011, p. 88), afirmam que “os pesquisadores descobriram que crianças expostas à violência em casa se envolvem mais em *bullying* físico do que aquelas que têm uma relação pacífica na família”. Portanto, é de responsabilidade das famílias trabalharem de uma forma pacífica para ajudarem os filhos, para que no futuro eles tenham uma vida tranquila.

Roberta Caprile (2014) apresenta uma reportagem da TV Santa Cecília em que mostra depoimentos de crianças e adolescentes falando de violência dentro de suas próprias casas. A jornalista inicia comentando a respeito da preocupação com a saúde emocional das vítimas, quando a violência ocorre dentro da própria família. Acrescenta que a psicóloga clínica e pós-graduada em terapia Sistêmica Familiar, Maria Juliana Carpentieri afirma que: “os prejuízos do *bullying* se agravam ainda mais quando acontece dentro do ambiente familiar. A pessoa vai sofrer eternamente com uma dor de rejeição”, (CAPRILE, 2014). Em seguida apresenta um depoimento sobre o *bullying* em família. Trata-se do depoimento de Sérgio Eduardo Marques, 32 anos, que praticava *bullying* contra a sua irmã. Ele relata que sofreu *bullying* por volta de dez anos de colegas e vizinhos e, por isso, como forma de “conforto psicológico”, descontava na irmã mais nova.

Por ter sofrido na infância. Pratiquei para trazer sanidade mental para mim. Adorava mostrar os defeitos dela para todo mundo, fazendo com que todos rissem dela. Procurei uma terapia por vontade própria, a partir de uma crise emocional. Hoje reconheço o mal que fiz à minha irmã (CAPRILE, 2014).

Em muitos casos, há uma necessidade de apoio psicológico, para ajudar a criança ou o adolescente a resolver suas questões internas, quando só a própria

pessoa sabe o que sofreu no passado ou ainda sofre no presente. Esse apoio deve partir da família, pois quando há harmonia entre os membros desta, consegue-se perceber as mudanças no comportamento dos filhos. Da mesma forma, a psicopedagogia surge como um instrumento importante de intervenção nas escolas.

1.3.5 O *bullying* na escola

O *bullying* ocorre nas escolas quando colegas escolhem uma vítima, geralmente com características diferentes do grupo (obesas, magras, negras, pobres, deficientes, com altas habilidades ou com dificuldades de aprendizagem). Contra estas, exercem um domínio e as mesmas não conseguem se defender. Contudo, a escola, no início dos fatos, precisa detectar, observando o comportamento dos alunos, a fim de que possa combater o problema.

Considera-se que a escola é um local acolhedor, de fazer amizade, de formação, de valores, um lugar onde se ensina e aprende-se. Acredita-se também que a escola é um lugar de solidariedade, compreensão, de crescimento intelectual. Porém o que ocorre nos dias atuais é justamente o contrário. A violência nas escolas tem sido um fator de extrema preocupação tanto por parte dos pais quanto das próprias escolas, educadores e da sociedade. Há falta de amor ao próximo; e isto é o que tem ocorrido nos dias atuais. Segundo Lage (2010, p. 39):

A escola que temos é um terrível pesadelo para o sistema de ensino: violência, descaso... repúdio. A escola que deveria proporcionar bons sonhos está se convertendo num marasmo para muitos, pois lutas sanguinárias estão se tornando rotina; desrespeito, abusos impostos pelos dominantes são cada vez maiores [...] cada vez mais a escola se distancia do objetivo de proporcionar uma educação transformadora.

Recentemente, quatro adolescentes, na cidade de Trindade - Goiás planejaram o assassinato de uma colega. Cavaram um buraco, prepararam-se com paus e uma machadinha. Em seguida induziram uma colega a participar de uma festa. Chegando lá, amordaçaram-na, bateram nela e filmaram tudo com o celular. A adolescente conseguiu fugir e pedir ajuda. No colégio, a coordenadora disse que as adolescentes nunca haviam manifestado características de violência. Na delegacia, as garotas

fizeram uma declaração de que foram idiotas de não terem conseguido matar a colega, (REGES, 2016).

Nesse sentido, a escola precisa exercer uma influência de solidariedade sobre os alunos, a fim de conseguir alcançar os mesmos para evitar a violência nas instituições escolares. Parte destas a responsabilidade de observar os traços, o comportamento, as brincadeiras da criança na hora dos intervalos, as causas e os porquês de algumas crianças se machucarem tanto, se sujar mais do que outras; de verificar o motivo de estar sempre caladas e afastadas do grupo. Ademais, devem também observar por que algumas são mais eufóricas e por que estão sempre saltitantes, falando alto e não conseguem ficar sentadas. Outros fatos merecem também cuidados como: por que determinados alunos faltam tanto às aulas? E quando ocorrer esses fatores, é necessário tentar descobrir as causas, pois pode estar ocorrendo o *bullying*.

De acordo com Pedro-Silva (2013, p. 37- 41), a escola precisa “ir ao encontro do nosso aluno; identificar o seu nível de desenvolvimento”. Ele ainda afirma que “é impossível equacionarmos a indisciplina e a prática do *bullying* se não buscarmos compreender melhor os nossos alunos”.

Dessa forma é que se ressalta aqui a importância da psicopedagogia nas escolas. A mesma é um instrumento de suma importância, pois trabalha com testes projetivos que, com veemência, descobre, através da análise dos desenhos realizados pelos alunos, onde são projetadas suas angústias, sofrimentos e desejos. Ao analisar os desenhos, o psicopedagogo tem a função de conscientizar a escola e as famílias dos possíveis problemas existentes nas crianças. Além disso, o profissional habilitado em psicopedagogia pode realizar atividades lúdicas e jogos para ajudar a criança a melhorar a sua autoestima, suas ações solidárias e o seu relacionamento com os colegas.

No entanto, o que se observa é que as escolas não têm conseguido manter os alunos em harmonia constante, pois diariamente a violência domina os ambientes escolares. Letícia Gabriela R. Leão no seu artigo “O Fenômeno *bullying* no Ambiente Escolar”, em que cita Fontes (2010, p. 121), afirma que Dan Olweus sendo um dos principais professores a estudar violência na escola, com estudos específicos sobre o assunto, define e objetiva diferenciar a prática do *bullying* das diferentes brincadeiras entre as crianças, tais como gozações, empurrões e outros. O professor mencionado utilizou-se de questionários compostos com 25 (vinte e cinco) professores.

Entrevistaram-se 84 mil (oitenta e quatro mil) estudantes em todos os níveis e períodos escolares, 400 (quatrocentos) professores e 1.000 (um mil) pais.

Com a realização dessas entrevistas, Dan Olweus percebeu a natureza do *bullying*, suas origens, ocorrências, manifestações e características. Nesse estudo, verificou-se que, a cada grupo de 7 (sete) alunos, 1 (um) estava envolvido com *bullying*. Diante desse resultado, foi criada uma campanha nacional que, de acordo com relatos, conseguiu diminuir em 50% (cinquenta por cento) os casos de *bullying* ocorridos nas escolas da Noruega. A criação dessa campanha fez com que alguns países como o Reino Unido, Espanha, Itália, Canadá, Portugal, Alemanha, Grécia, Estados Unidos e Grã-Bretanha também promovessem a campanha, (LEÃO, 2010, p.121).

O *bullying* tem ocorrido constantemente nas escolas e tem se tornado cada vez mais difícil de resolver devido à desestruturação das famílias. Segundo Vera Miranda (2011, p. 2), “as escolas devem pensar em estratégias que visem diminuir esses atos de violência e possam promover o desenvolvimento de indivíduos movidos pela ética e pela lei do bom convívio”. Assim, a escola é um lugar onde deveria ocorrer transformações. Gadotti (2010, p. 3) aponta que:

a educação para ser transformadora, emancipadora, precisa estar centrada na vida, ao contrário da educação neoliberal, que está centrada na competitividade sem solidariedade. Para considerar as pessoas, suas culturas, respeitar seus modos de vida, sua identidade.

Devido ao aumento da violência nas escolas públicas, o Estado de Goiás tomou a decisão de que a Polícia Militar assumisse a gestão de algumas escolas públicas da rede estadual de ensino. Segundo Renata Mendonça, jornalista da BBC, o Governo convocou a polícia para combater o crime nas escolas de Goiás. Um exemplo foi a Escola Estadual Fernando Pessoa, na cidade de Valparaíso, onde ocorreu um sequestro de uma professora na sala de aula e um assassinato de um ex-aluno, no banheiro; além disso, nessa escola, havia também a grande ocorrência de tráfico de drogas. Mais de 11(onze) escolas foram militarizadas na rede estadual, com uma ressalva de que toda a parte pedagógica ficou sob a coordenação da Secretaria da Educação, Cultura e Esporte (SEDUCE), (MENDONÇA, 2014).

Accorsi e Ferraz (2015, p. 113) constataam que a dura realidade do contexto escolar atualmente tem sido a violência dentro da escola, que há comportamentos violentos de estudantes num ambiente educacional; e que, na realidade, a escola deixa de ser um lugar de convivência, de busca de conhecimentos para ser um espaço de pouco diálogo, de intolerância e de falta de respeito, marcado de atitudes de agressão de todos os modos. As autoras ressaltam que Paulo Freire defende

a escola como um lugar de gente, de criar laços, fazer amizades, de conviver, pressupõe-se que antes de ser um espaço de aprendizagem e troca de experiências, a escola é um local onde as relações interpessoais poderiam acontecer de forma harmônica, baseada no diálogo, na comunicação e na superação de conflitos (ACCORSI e FERRAZ, 2015, p.113).

Portanto, a valorização, a compreensão, a aceitação do outro, a interação e a solidariedade são conceitos relacionados aos princípios cristãos. Essas ideias religiosas podem contribuir no combate ao *bullying*. “Educar para a solidariedade, romper preconceitos no cotidiano escolar do trabalho escolar, dar atenção especial aos primeiros anos de escolarização são desafios postos aos que trabalham nas instituições de ensino” (BAZÍLIO, 2003, p. 126).

Para tanto, a escola deve estar concentrada na vida do aluno. Conforme aponta Albuquerque (2014), uma escola, conectada à vida do aluno apresenta características marcantes que são: o processo educativo é voltado para a vida cotidiana do aluno com o fortalecimento dos vínculos familiares, em que se estimula o respeito, a cidadania preocupada com as diferenças e estilos de aprendizagem individuais. Uma escola que ofereça ferramentas pedagógicas com eficácia. A autora acrescenta dizendo que, segundo Lane e Sawaia, “a escola, conectada à vida do aluno, combate o cenário de vulnerabilidade e risco, que impacta diretamente o núcleo familiar e fragiliza os vínculos, agravando a situação de pobreza, miséria e fome, exclusão e violência dos direitos humanos (LANE e SAWAIA *apud* ALBUQUERQUE, 2014, p. 41).

Dessa forma, tanto a família, quanto a escola, juntamente com a disciplina de Ensino Religioso, têm a responsabilidade de ensinar, educar e orientar a criança e o adolescente a respeitar, amar as pessoas para evitar e provocar o sofrimento alheio. Cabe aos pais, diretores, coordenadores e professores ficarem atentos às questões do *bullying* nas escolas e trabalhar, a fim de diminuir o índice de violência na mesma.

1.4 A IMPORTÂNCIA DA PSICOPEDAGOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR

A psicopedagogia é a área do conhecimento que estuda como ocorre o processo de construção do conhecimento. É interdisciplinar, integrada com os conhecimentos da Pedagogia e da saúde mental. Trabalha diretamente com crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem em todas as disciplinas. A Psicopedagogia surgiu no Brasil na década de 70 e início da de 80. O autor ainda acrescenta que “seu surgimento veio, não como mais uma especialidade a se incorporar a tantas outras dentro da escola, mas como uma especialidade que tinha como objeto de estudo a aprendizagem e, posteriormente, o ser que aprende” (BARBOSA, 2006, p. 9). Surgiu com o objetivo de estudar com mais propriedade a questão da aprendizagem e contribuir com a escola, no sentido de estudar e analisar o sujeito nas questões das dificuldades de aprendizagem.

A psicopedagogia trabalha três tipos de testes: operatórios, pedagógicos e projetivos. Eles servem para avaliar o nível de aprendizagem do sujeito. Segundo Weiss (2008, p. 105), “os testes operatórios⁸ podem estar ligados à ausência de estrutura cognitiva adequada que permite a organização dos estímulos, de modo a possibilitar a aquisição dos conteúdos programáticos ensinados”. Os testes projetivos⁹ são ligados aos desenhos; os pedagógicos à leitura, escrita, interpretação, troca de letras, etc.

Nesta pesquisa, serão observados apenas os testes projetivos, avaliados através de desenhos ligados à família, à escola, ao próprio sujeito e ao vínculo religioso. Os desenhos ligados à família são: família educativa (os componentes da família fazendo o que mais gostam); o dia do meu aniversário; a planta da casa; as férias; e os quatro momentos do dia. Os testes que são relacionados com a escola são: par educativo, onde apresenta o aprendente¹⁰ e o ensinante¹¹; eu e meus companheiros (colegas da sala de aula); a planta da sala de aula. Os testes relacionados com sujeito são: fazendo o que mais gosto; e um episódio (algo que aconteceu e marcou).

⁸ Dentro de uma visão Piagetiana o conhecimento se constrói pela interação entre o sujeito e o objeto- (WEISS, 2008, p. 105).

⁹ A tarefa proposta permite uma diversidade de respostas, havendo, portanto, o livre jogo, de imaginação, da fantasia dos desejos- (WEISS, 2008, p. 118).

¹⁰ Linguagem utilizada na psicopedagogia para que aprende (aluno).

¹¹ Linguagem utilizada na psicopedagogia para que ensina (professor).

Os testes projetivos revelam dados cognitivos do sujeito. Conforme Visca (2008, p. 23), a psicopedagogia analisa a posição do desenho na folha: se o desenho está na parte superior, o indivíduo é exigente; na parte inferior, é impulsiva; na direita do papel, indica progressivo; na esquerda, regressivo. Se o desenho estiver no centro da folha, indica equilibrado. Observa-se também o lugar que o sujeito está posicionado no desenho. Quanto ao tamanho dos personagens, se maior ou menor que os demais; se o sujeito que desenha está inserido na cena; se todos da família estão presentes no desenho; o distanciamento dos personagens; se faltam pés ou mãos. Tudo isto pode indicar dificuldades no relacionamento; se não desenharam olhos, boca, orelhas pode indicar dificuldades em ouvir ou em falar. E por último, quando há recusa de desenhar, tal fato indica a falta de relacionamento e interação com o meio.

Será analisada também "a hora do jogo"; quando o sujeito realiza uma atividade brincando. É a hora em que o sujeito tem a oportunidade de criar algo a partir do material oferecido ao mesmo. Ele expressa através da arte o que muitas vezes está sentindo. Segundo Affonso (2012, p. 11), "o ludodiagnóstico é um instrumento de investigação clínica no qual, por meio da utilização de brinquedos, estruturados ou não, o profissional procura estabelecer um vínculo terapêutico com a criança". Através desse teste, o psicopedagogo consegue perceber e avaliar se a criança ou adolescente está sofrendo ou praticando o *bullying*. Weiss (2008, *apud* ANASTASIOU, 2008, p. 118), aponta que "espera-se que os materiais do teste sirvam como uma espécie de 'tela', na qual o sujeito 'projeta' suas agressões, seus conflitos, seus medos, seus esforços, suas ideias características".

O segundo capítulo deste trabalho será explorado da seguinte forma: primeiro, realizar-se-á uma observação psicopedagógica do perfil da escola pesquisada, o material utilizado e a didática do professor de Ensino Religioso e dos demais professores dos alunos. Será analisada a forma como o Ensino Religioso tem sido trabalhado e como os alunos o veem. Identificam-se nessa disciplina alguns pontos positivos e se conseguem relacioná-los com o seu cotidiano.

Verificar-se-á, através de testes projetivos (desenhos), se os estudantes sofrem ou provocam *bullying*. Para tais testes, serão utilizados questionamentos geradores como: Quem é Deus para você? Quem é você mesmo? Quem é o outro, o colega; a família, e o professor? Será observado também como ocorre o *bullying* e como é gerada a violência nas escolas. Verificar-se-á como os alunos representam através de desenhos os seus medos, sua vergonha e como são manipulados. Por fim, analisar-se-ão os fatores que levam ao comportamento do *bullying* e como a escola, e, principalmente, os professores reagem à situação.

2 COMO O *BULLYING* GERA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Este capítulo terá como foco a observação e análise psicopedagógica das práticas do *bullying* na escola, através dos desenhos. A psicopedagogia trabalha com vários instrumentos como: testes projetivos, operatórios e pedagógicos, os quais servem para descobrir e ajudar a criança e/ou adolescente em suas dificuldades de aprendizagem. Um dos principais instrumentos da investigação é a observação. Segundo Bassedas (1996, p. 59-60), a observação é um recurso do diagnóstico psicopedagógico. É um instrumento que permite ao psicopedagogo uma análise mais segura, pois a mesma permite fazer um estudo dentro do contexto.

A sala de aula é o espaço adequado para a observação, onde se percebe: a interação entre professor e aluno; as regras do funcionamento da sala de aula e as dificuldades dos alunos. O objetivo da observação é verificar o comportamento dos educandos e se eles são agressivos, tímidos, nervosos, amáveis, grosseiros ou estudiosos. De fato, o que se pretende é descobrir se ocorre *bullying* na escola.

Para isto, parte-se do pressuposto de que a escola, segundo Bassedas (1996, p.28), “tem uma função social, que é a de preparar os alunos para enfrentar as futuras exigências da sua comunidade”. Muitas escolas estão trabalhando projetos com temas que abordam as diversidades. Logo, elas passam a assumir responsabilidades de proteger seus alunos de preconceitos; e a religião tem um papel fundamental nesse objetivo, bem como, na vida do ser humano, para que os mesmos consigam viver em grupo e com harmonia.

2.1 CARACTERÍSTICAS E ORGANIZAÇÃO

A escola onde ocorreu a pesquisa é particular e de cunho evangélico. Está localizada na região norte de Goiânia. Possui 220 alunos e funciona em dois turnos: matutino e vespertino. A instituição dispõe de uma sala de diretoria; uma secretaria; sete salas de aula; um almoxarifado; um laboratório de informática; um laboratório de ciências; uma praça de alimentação com mesas e bancos para as crianças lancharem; um espaço, que fica na entrada, o qual funciona como auditório; e uma recepção. Ao lado do prédio, há um anexo, cuja serventia é um espaço para arte; um parquinho; uma brinquedoteca e a biblioteca. A faixa-etária das crianças são de dois a doze anos.

O ensino oferecido divide-se em Educação Infantil - maternal, infantil I, II e III; e a primeira fase do Ensino Fundamental - do primeiro ao quinto ano. Os recursos didáticos disponíveis são: televisão, projetor de multimídias, aparelho de DVD, caixa de som amplificada e livros.

Essa escola tem papel muito importante na sociedade, pois se preocupa com a cultura dos alunos e das famílias. No decorrer do ano, apresenta projetos multiculturais como: Feira cultural; Cantata de Páscoa; Musical de Natal e apresentações em várias datas comemorativas. Na feira cultural, professores e alunos elaboram e executam projetos como: Meio Ambiente, Trânsito, A Cultura do nosso País, Literatura Infantil e Saúde. No ano de 2016, essa atividade ocorreu no mês de junho com o tema: “Saúde na Família”. Na Feira Cultural, além das crianças terem expostos seus trabalhos em *stands*, fizeram apresentações no palco como teatro, danças, coreografias, reportagens e músicas coreografadas. Outro evento muito importante foi a Cantata de Natal. Para isso, a escola alugou um local maior e as crianças representaram e cantaram o Nascimento de Jesus. O tema desse ano foi “Natal no Egito”

O quadro de funcionários é composto por um diretor e uma vice-diretora; uma secretária e uma auxiliar de secretaria; uma coordenadora pedagógica e quinze professores e uma psicopedagoga que presta serviço para a escola.

O bairro, onde a escola está localizada, é comercial e de classe média. Possui quadra de esportes, praças, feiras, casa lotérica, posto de saúde, clínicas, igrejas católicas e evangélicas, escolas estaduais, municipais, particulares e um colégio militar.

2.2 CARACTERÍSTICAS DOS PROFESSORES

Bassedas (1996, p. 28) apresenta, no seu texto “O Diagnóstico Psicopedagógico”, uma tessitura: “Conjunto de estratégias de sequencialização responsáveis pelas ligações linguísticas relevantes entre os constituintes articulados no texto” (OLIVEIRA, 2008, p. 195). Tal concepção situa o professor no centro e em volta do grupo de alunos; e os pais no contexto social. Para a autora, esses elementos não podem desvincular-se; devem permanecer juntos para conseguir atingir o aluno,

o qual configura-se como protagonista. Para tanto, os projetos pedagógicos realizados em conjunto com as famílias, dentro da escola, podem contribuir com o desenvolvimento do aluno.

Candau (1985) apresenta “A Formação do Educador em quatro perspectivas, cujas ações são: centrada nas normas, nas técnicas, na dimensão humana e no contexto sociopolítico”.

A primeira perspectiva, centrada nas normas e na legislação, é quando se analisam os instrumentos legais. Dessa forma, o importante é que a lei seja totalmente cumprida. A segunda perspectiva está centrada na dimensão técnica do processo de formação de professores, ou seja, na seleção de conteúdo; nas estratégias de ensino e avaliações, que são fundamentais às práticas educativas e nas diferentes metodologias para se alcançar resultados de aprendizagem. Nessa prática, o educador é um organizador do ensino aprendizagem. A terceira perspectiva está centrada na dimensão humana, na relação interpessoal; assim, utilizam-se as técnicas de observação sistemática¹² e assistemática¹³ (CANDAU, 1985, p. 52-53).

Dessa forma, a educação é vista como o processo de crescimento pessoal, instrumental e grupal. O educador é o facilitador do desenvolvimento pessoal, intelectual e emocional. Logo, os problemas relativos à formação da pessoa humana são vistos em uma perspectiva individual. E por último, a perspectiva centrada no quadro socioeconômico e político, que abrange a prática de formação de educadores, centrada no contexto socioeconômico, numa perspectiva crítica e nos estudos de caráter filosóficos e sociológicos (década de 70) (CANDAU, 1985, p. 51-54).

Por conseguinte, a educação é vista como prática social em coesão com o sistema político; o educador deve possuir uma sólida formação em ciências sociais e humanas, a serviço do “*status quo*” da transformação social. Para Bassedas (1996), “o professor tem a responsabilidade de estimular o desenvolvimento de todos os seus alunos pela aprendizagem”. O desenho número 05 é um exemplo da exploração do teste “Par educativo”. Esse teste serve para avaliar o relacionamento do professor com o aluno. Será avaliada somente a posição dos personagens no desenho; se está longe, perto ou de lado. Esse desenho é da aluna (C) e refere-se a uma professora

¹² Educação no âmbito do sistema educacional, básica ou superior.

¹³ Informal, não escolar, na família, igreja e sindicato.

ensinando matemática. Ele pode apresentar o envolvimento presente entre a aluna e a educadora.



(Desenho 05), Aluna (C), 09 anos. 3º ano – Evangélica.

A aluna está perto da professora e ao lado. Observando a posição, o desenho está correto dentro da avaliação psicopedagógica, que analisa a posição do paciente no desenho. Portanto, cabe ao professor de ER – Ensino Religioso, baseado na finalidade do regulamento do CIERGO, Art. 3º, “promover uma educação consciente que satisfaça a sua prioridade e os seus anseios para o desenvolvimento integral de sua personalidade”.

2.3 OBSERVAÇÃO DAS AULAS DE ENSINO RELIGIOSO

As aulas de ER funcionam da seguinte forma: são ministradas às terças e quintas-feiras. Na terça, o turno inicia-se com um culto no auditório, com a participação de todos os alunos. A programação é composta por músicas, histórias e orações. A história é contada com ilustrações, gravuras e outros. As crianças participam com muito entusiasmo. A programação tem a duração de quarenta

minutos. Após o culto, a professora de ER ministra as aulas em todas as salas. Inicia-se a aula com um cântico relacionado com o tema da história; a professora conta a história, ora e todos(as) alunos(as) repetem a oração. No final, os alunos realizam as atividades do livro.

O material didático utilizado é da Editora Cristã Evangélica e é constituído por livros desde a Educação Infantil ao Ensino Fundamental. Esse material não é uma coleção; são livros diversos organizados pela professora de ER. O material para cada série é composto de um kit para o professor, chamado de suplemento didático¹⁴ e um CD com cânticos. O conteúdo dos livros abrange histórias da Bíblia e histórias de moral, versículos e cânticos.

A análise foi realizada com a observação de uma das aulas de Ensino Religioso como observação participante. A aula foi apresentada da seguinte forma: foi cantada uma música, depois uma história foi explanada, acompanhada de gravuras posicionadas no quadro negro. A professora fez algumas perguntas a respeito da história, os alunos responderam, oraram, e, em seguida, foram distribuídos os livros dos alunos para realizar as atividades. E assim ocorreu em todas as salas em que houve a observação.

Após a observação das salas, foram escolhidas para realizar o diagnóstico duas turmas: a do 2º e a do 3º ano. A do 2º ano foi eleita pela diversidade de características existentes: crianças hiperativas¹⁵ (com laudo médico), um filho de judeu, uma japonesa, um outro que nasceu no Brasil, porém foi criado na Argentina até aos sete anos; duas crianças de pais separados e criadas pelas avós. Um bem gordinho e outra tímida. Portanto, essa sala foi escolhida justamente porque são alunos que apresentam fortes indícios de sofrerem ou provocarem *bullying*. A sala do 3º ano foi escolhida por ser uma turma com características difíceis de trabalhar. A soma dos alunos das duas salas totaliza 34 alunos; 16 no 2º ano e 18 no 3º. Foram realizadas três sessões e, de acordo com as observações, oito crianças foram selecionadas para serem analisadas. Elas foram as que apresentaram, através dos testes, características de que sofrem ou provocam *bullying*.

Os primeiros testes realizados contemplaram assuntos a respeito da família, como: “Quem sou eu”, “Eu e minha família” e os “Quatro momentos do dia”. A segunda

¹⁴ Material ilustrado que vem como apoio para o professor (gravuras, jogos, versículos e cânticos).

¹⁵ Dificuldade em permanecer sentada por muito tempo, inquietação e ansiedade, (SILVA,2003, P.29).

parte das análises foi relacionada com a escola: “Eu e meus colegas e o “Par educativo”¹⁶ (relacionado ao professor e aluno); e o último sobre a religião: “Quem é Deus para mim.” Com essa atividade, foi possível perceber o nível de envolvimento com a família, com a escola e o conhecimento religioso da criança. Se ela, junto com a família, frequenta instituições religiosas; e se há mudanças de comportamento nas que frequentam, provocando alterações comportamentais na família, na escola e na sociedade.

2.3.1 Emoções: sofrimentos e afetividade (Testes Projetivos)

Os “testes projetivos” são avaliações realizadas dentro do processo psicopedagógico, através do desenho. Neles, são projetadas emoções, sofrimentos, e falta de afetividade. O desenho ou desenhar significa, em francês, *dessin* que rima com destino, *destin*; e desenhar rima com sina, *destinée*, cujo significado é liberdade, fantasia, tornar-se mesmo (a) e com o outro, (COGNET, 2013, p. 09). Em todos os desenhos, os problemas que o sujeito¹⁷ enfrenta no seu dia a dia sobressaem. Segundo Weiss (2008), “as tarefas propostas permitem uma diversidade de respostas, havendo, portanto, o livre jogo da imaginação, da fantasia, dos desejos”. O sujeito consegue colocar no papel aquilo que está sentindo ou incomodando-o.

O procedimento acontece da seguinte forma: após o sujeito realizar o desenho, o psicopedagogo pede para o indivíduo escrever ou explicar o que desenhou. Caso não seja compatível com o desenho, o profissional pode dialogar com ele para entender exatamente o que está acontecendo. Esse processo é de suma importância para que não sejam efetuadas conclusões precipitadas.

A razão desses testes é entender a criança no seu posicionamento dentro da família e da escola; fazer uma análise e tentar descobrir as causas do sofrimento da criança, suas dificuldades e nível de agressividade.

Devido ao *bullying* ser um problema social, parte-se do pressuposto de que a Educação Religiosa, no estado de Goiás, é trabalhada abordando os ensinamentos sobre a lei que ampara a criança e ao adolescente. Segundo Souza e Almeida (2011), o art. 227 da Constituição Federal diz que esses princípios servem de motivação para

¹⁶ Desenho de um professor ensinando um aluno em qualquer circunstância.

¹⁷ Nomenclatura usada na psicopedagogia ao referir-se ao paciente.

combater a prática do *bullying* contra crianças e adolescentes. A valorização, a compreensão, a aceitação do outro, a interação e a solidariedade são conceitos que a criança e o adolescente devem receber; ademais está patente que educação, dignidade, respeito, liberdade, integridade também fazem parte da educação de um indivíduo. Além disso, a lei deixa claro que crianças e adolescentes devem ficar livres de violência e de comportamentos vexatórios e aterrorizantes. Esses princípios, certamente, contribuem no combate ao *bullying*.

Com os desenhos, será possível fazer uma avaliação e, após, buscar alternativas para ajudar a criança, bem como para a família em suas necessidades mais urgentes. A escola, na qual foi realizada a pesquisa, tem praticado esses procedimentos e, muitas vezes, tem obtido resultados positivos.

De acordo com o MPDPC (Manual Prático do Diagnóstico Psicopedagógico Clínico), para analisar o desenho projetivo, é necessário observar: a posição do sujeito (aluno) dentro do contexto da família e da escola. Neste capítulo II, serão observados quatro alunos, sendo que foram selecionados, anteriormente, oito. Os outros quatro serão contemplados no terceiro capítulo, em que será realizado um diagnóstico dos mesmos. O critério para a escolha foi: os alunos apresentar um índice maior na participação em ações que envolvem *bullying*; apontamento de divergências nos desenhos entre a família e escola; indicação de mais agressividade, concernente às questões do *bullying*.

2.3.2 “Eu sou importante para mim, não importa o que as pessoas dizem”

Nesta pesquisa, o sujeito será chamado de aluno por ser um trabalho de rotina escolar com a psicopedagoga e a atividade ser referente à valorização da pessoa. Tal atividade será denominada como “Vínculo comigo mesmo”. Ela foi realizada da seguinte forma: A psicopedagoga entrou na sala com uma caixinha e dentro da mesma havia um espelho. A profissional pediu para que as crianças fossem à frente, falassem algo de bom a respeito da imagem presente dentro da caixa, ou seja, da imagem refletida no espelho. Ao pegarem a caixinha, olharem dentro da mesma e depararem-se com a imagem do seu rosto, as crianças ficavam espantadas e não sabiam o que dizer. Não eram capazes de dar um valor para si próprio. Com o incentivo da psicopedagoga, eles falavam palavras bem simples, como: “É legal!

Amigo! é, é...” e não conseguiram dizer, sozinhos, uma palavra positiva. Só um disse: “*Eu sou o melhor!*” e saiu correndo. Após essa atividade, foram distribuídos papéis em branco e foi pedido para que fizessem um desenho com o título “Quem sou eu?”, contemplando o vínculo comigo mesmo.

Dentre os desenhos das duas classes, contendo 34 alunos, foram observados sonhos, inquietações, revoltas e medos. As análises serão baseadas nas obras de Campos (2010), Cognet (2013) e Rabello (2014).



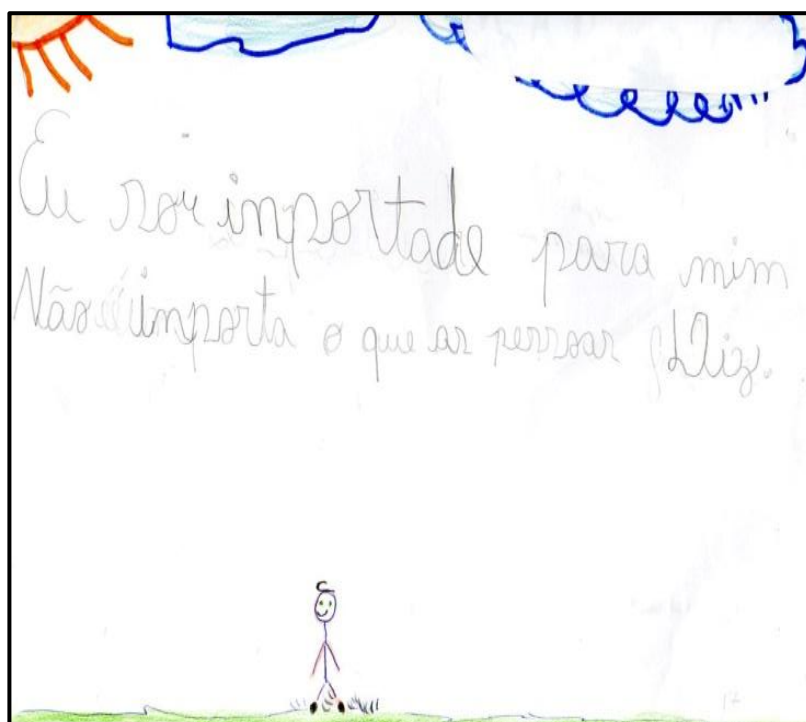
(Des. 06) Aluna (LV) 08 anos, 3º ano

A aluna desenhou os braços para cima e apagou. Isto significa zona de conflito. Os braços ficaram curtos e as mãos, em formato de bolachas, significa dificuldades de inter-relação e a fantasia é maior que a capacidade de realização. Os pés para os lados significam a ambivalência de comportamento, conflitos e oposição. A metade do sol desenhado do lado esquerdo da folha representa que ela tem um relacionamento conturbado com a mãe, devido ao sol estar pela metade. Além disso, (LV) é uma criança com desejos de ter poder, pois há uma arma na mão esquerda, o que significa que ela quer o poder, mas falta-lhe coragem. É ambiciosa. Quer se tornar uma delegada. Porém, é necessário muito estudo; por isso, tem aspiração intelectual.

Tem muitos conflitos e dificuldades de relacionamento. Exerce autoridade diante dos colegas. (LV) tem características de uma criança que pratica *bullying*.

A criança com características de que pratica *bullying*, geralmente enfrenta problemas na família, com parentes, colegas ou já sofreu *bullying*. Assim, de acordo com o desenho de (LV), pressupõem-se que o desejo de ser uma policial seja uma tentativa de um dia se proteger. Ademais, ela apresenta dificuldades na aprendizagem, pois não consegue escrever corretamente algumas palavras. Escreveu em uma linha reta ao lado do desenho da sua pessoa: “EU *represeito Delezada*”. O correto seria: “*Eu represento delegada*” (Des. 06) (CAMPOS, 2010, p. 85 – 101).

Ao analisar o segundo desenho, atentamos ao que Campos (2010) afirma sobre a localização e características físicas da personagem, ou seja, posicionamento no lado esquerdo da folha significa inibição; cabeça maior do que a largura do corpo significa aspiração intelectual; cabelo com franja, dependência da vitalidade sexual e distinção social.



(Des.07) Aluno (M) 08 anos 3º ano católico.

O aluno (M) apresenta, no seu desenho, um menino com certa revolta. Solitário, anda pelo campo. Parece ter chutado o chão, pois há uma leve poeira ali. Ele escreveu

com letras grandes: “*Eu sou importante para mim. Não importa o que as pessoas, Diz*”. Acredita-se que ele gostaria de escrever: “Eu sou importante para mim, não importa o que as pessoas dizem”.

Na análise, observa-se que o aluno desenhou a figura do ser humano abaixo do ponto médio da página¹⁸, na margem inferior da folha. Ele se sente inseguro e depressivo. A depressão infantil, segundo Cagnet (2013), surgiu em 1971; ela foi anunciada no Congresso da União Europeia de Pedopsiquiatras de Estocolmo. Para os autores, a depressão infantil apresenta-se, de forma parecida, com a dos adultos.

Obviamente, a criança também pode exprimir sua tristeza sob a forma de lamentações e choros que custam consolar. A esses sintomas acrescentam-se a perda da autoestima, dificuldades de concentração, memorização e aprendizagem escolar, distúrbios das funções essenciais (sono, alimentação, etc.) e, em certos casos, uma forma de inibição psicomotora (COGNET, 2013, p. 54).

Continuando com o estudo, (M) desenhou uma pessoa em forma de palitinho com omissão das mãos. Assim, pode ser observado mais uma vez o sintoma de insegurança, pois a ausência de mãos indica falta de confiança nos contatos sociais, na produtividade e de afetividade, ou seja, ele não se sente seguro em relação as outras pessoas, que podem ser da família, colegas ou amigos. Quanto ao desenho do sol, este aparece ilustrado em apenas um quarto de imagem. Além disso, o sol do lado esquerdo significa pouco relacionamento com a figura materna, ou seja, o relacionamento com a mãe, representa o mínimo do que deveria. A omissão do nariz significa um temor de castração; cabelo para cima é o desejo de chamar a atenção dos outros. As nuvens representam que a vida tem momentos bons e ruins. E a figura desenhada de frente significa aceitação de sim mesmo.

Concluindo, o aluno (M) é um menino que, através do desenho, apresentou traços de: insegurança, depressão e falta de afetividade; por fim, não consegue ter um bom relacionamento com os colegas, pois ele afirmou que os colegas não gostam dele. Por isso, (M) tem grandes possibilidades de estar sofrendo *bullying*.

¹⁸ Localização do papel – No meio da página – Indica pessoa ajustada. Crianças que desenharam no centro da página mostra-se mais autodirigidas autocentradas. (CAMPOS, 2010, P. 28 -29).

2.3.3 A Valorização do outro: O amor reinou

A terapeuta entrou na sala com uma caixa de bombom embrulhada em um papel de presente. Foi dito que a primeira pessoa a receber o presente seria o aluno mais sorridente. Ao receber o presente, o sorridente descobre que o presente não seria dele e sim do colega mais amigo da sala. O mais amigo escolhido pelo sorridente deveria dar o presente para o mais engraçado; o mais engraçado deveria entregar o presente para o mais inteligente e assim ocorreu. A caixa passou por todos os colegas sendo que o penúltimo aluno deveria dar uma qualidade para o último colega e entregar o presente. No entanto, este descobre que o presente não é só dele mas que deveria dar um bombom para cada colega. O aluno que ficou por último foi justamente o colega que sofre *bullying* na sala, por ser uma criança imperativa e de comportamento agitado.

Após a dinâmica, foi estudado o desenho do aluno (J). Trata-se de uma criança que tem dificuldades de aprendizagem, não consegue ficar quieta, joga a mochila e os cadernos no chão, pisa na agenda e dificilmente consegue realizar as atividades em sala de aula. Ele não consegue se relacionar com os demais colegas. Porém, com a atividade dos bombons, ele socializou-se; conversou e brincou com os demais. Para a produção do desenho, foi utilizado o espaço designado para a artes. O aluno (J) pintou um desenho livre, usando tinta: duas pessoas no centro da folha, ele e um dos colegas. Desenhou a sua pessoa e acima uma nuvem, que significa algo transcendente e liberdade. Nuvens, segundo Bédard (2010), indicam que a vida tem momentos agradáveis e momentos tristes. A nuvem em uma cor mais escura tem como objetivo protegê-lo daquele momento que, para o aluno, significava um momento especial. (J) estava se sentindo em uma posição mais confortável em relação ao outro. Ele retrata o que ocorreu em sala de aula; antes era discriminado, parecia que os colegas não gostavam dele, porém, na hora da atividade com a tinta, todos ficaram amigos, riam, brincavam e pintavam com ele.



(Des. 08) Aluno (J) 09 anos evangélico.

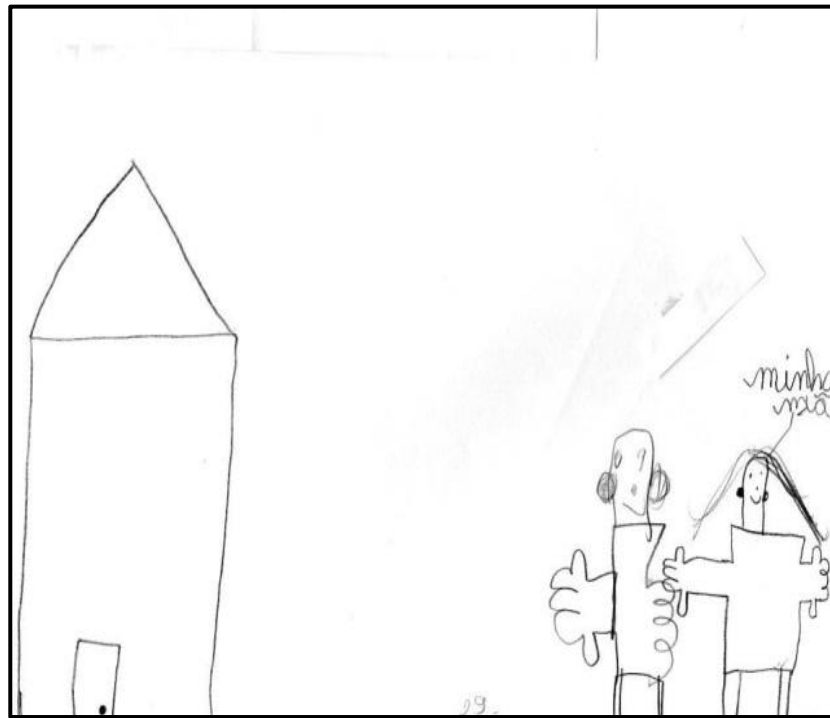
No desenho, (J) colocou o coração suspenso por um suporte, no centro da folha. Desenhou os personagens em forma de palitinho e com ausência das mãos, o que significa insegurança e falta de afetividade (CAMPOS, 2010, p.96). Ele ainda não se sentia seguro quanto àquele relacionamento (Des. 08).

A análise continua com testes sobre a valorização do eu e a valorização do outro. Foram escolhidas oito crianças das classes do 2º e 3º anos para a aplicação das atividades. Tratou-se de crianças que apresentaram características de *bullying* em exercícios que abordaram “O par educativo”, “Eu e minha família” e os “Quatro momentos do dia”.

2.3.4 Eu e minha família

O teste “Eu e a minha família” tem como objetivo conhecer a situação e o propósito do meio familiar e como a criança está inserida na família. Segundo Bassedas (1996), “há uma necessidade de observar dentro da família a estrutura, o processo e o contexto”. Os desenhos selecionados para a análise são de crianças que não se sentem inseridas na família. Wendell (2016, p.09) afirma que: “diante das situações violentas em que vivemos hoje, é fundamental que pais e professores

trabalhem juntos na educação de crianças e jovens.” Ele acrescenta que “uma parte da violência pode ser resolvida com mudanças de atitudes”. Nesta parte dos testes relacionados à família, serão analisados outros dois: “Eu e minha família” e “Os quatro momentos do dia”.



(Des.09) Aluno (V), 07 anos, 2º ano, evangélica.

A partir de “Eu e a minha família”, o desenho a ser analisado é do aluno (V). Ele é uma criança imperativa, de pais separados. Na imagem, aparecem várias observações importantes para a análise. Primeiro, (V) não aparece no desenho, representando que ele se sente excluído da vida dos pais; não se sente inserido na família. Na realidade, ele não sabe onde ele, exatamente, deve se localizar, devido ao fato de o pai morar fora do país. Segundo Campos (2010, p. 104), a criança,

não sente que participa, realmente, na família. Não recebe a afetividade que necessita. Rejeita ou se sente rejeitado (ou deseja de se afastar). O desejo de se afastar, por estar ligado, ou se referir à pessoa que vem em último lugar, poderá ser a mãe ou outra pessoa. Pode ser um mecanismo de compensação.

A posição do desenho está localizada na parte inferior do lado direito, o que indica algo impulsivo e progressista. O desenho do pai apresenta a cabeça grande e sem pescoço, que significa ambição e dificuldade de coordenação dos impulsos. No olho do pai, aparece uma espécie de ponto de interrogação; há orelhas grandes, o que aparenta desconfiança. Um braço do pai está mais largo, significa que o corpo apresenta dificuldades de inter-relação; e a ausência do outro braço, próximo à mãe, aponta rompimento. Ombros em linha reta é imaturidade psíquica.

(V) desenhou a mãe com a cabeleira rala: sentimento de perda; o braço maior, do lado do pai, afastamento, lacuna entre os dois, significando não haver possibilidade de reaproximação. O corpo dela em forma geométrica, com um tronco ocupando toda a parte superior, indica agressividade (CAMPOS, 2010, p. 85 - 107).

A casa ficou distante com uma porta fechada e sem janelas. O fato de estar fechada sugere autodefesa, aspecto de regressão, defesa contra o mundo; e a ausência da janela é falta de interação entre os integrantes da família. Portanto, o aluno (V) sofre *bullying* por se sentir desprotegido pela família. A falta de contato com o pai na sua vida, principalmente nas atividades da escola, faz com que o mesmo sinta-se triste, provocando reações desagradáveis frente aos colegas e à professora. (Des. 09). Concluindo, o aluno (V) é uma criança indecisa, impulsiva e isolada por não se interagir com outras crianças, (Des. 09). Contudo, o ER, dentro da programação semanal, poderá observar as habilidades do aluno e integrá-lo, fazendo com que ele perceba-se como importante e tenha prazer em ajudar os colegas.



(Des. 10) Aluno (GM) de 08 anos, 2º ano, evangélico.

O desenho acima pertence ao aluno (GM). A posição do desenho ficou na margem inferior da folha; isso significa que o aluno é impulsivo e regressivo. Desenhou a família toda em palitinho, apontando insegurança entre todos da família; eles não possuem rostos, que, de acordo com Campos (2010), “o desenho do rosto sem olhos, nariz e boca, pode indicar ausência de relação com o meio. Fuga às respostas, aos estímulos exteriores. Imaturidade para não se comunicar com ninguém” (CAMPOS, 2010, p. 86).

Todas as figuras estão sem mãos, que é falta de afetividade entre a família. (GM) colocou-a do lado direito e na parte inferior da folha, significando impulsividade progressiva. (SAMPAIO, 2009, p. 168). O pai e a mãe ficaram na parte de cima. Em seguida, foi traçada uma linha, separando-os dos demais. O irmão menor ficou no centro da família, o que indica que ele é o centro das atenções. Segundo Campos (2010, p. 105), “famílias separadas em grupos significa divisão da família”.

Em ordem, o pai ficou em primeiro lugar, ele e sua irmã estão na parte de baixo, sendo ele posicionado em último lugar, significando menos valia. (GM) sente-se inferior diante de toda a família. Além disso, a irmã está com a saia transparente, o que aponta exibicionismo e narcisismo.

A casa é o lugar em que a família é protegida. (GM) desenhou uma casa grande com muitas janelas e uma porta. O teto é alto e tem uma chaminé. O teto

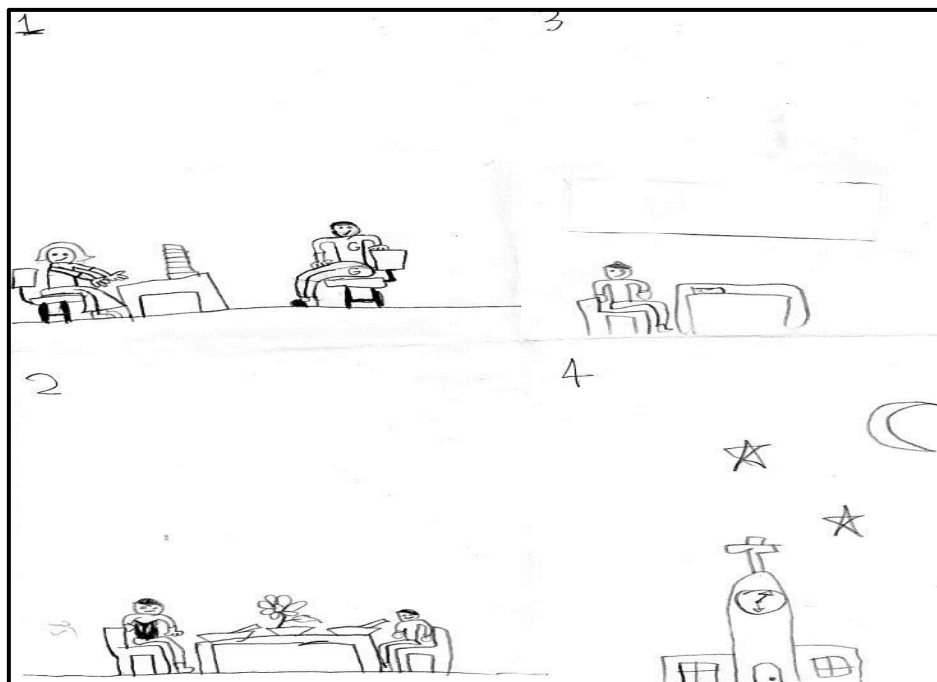
exageradamente grande, segundo Campos (2010, p. 46-51) “é a imersão da fantasia e relativo retraimento do franco compacto interpessoal”. A porta fechada é a autodefesa contra o externo; as janelas com vidros significam isolamento e desejo de proteção; a chaminé em tamanho exagerado, com a fumaça arredondada, aponta a fase fálica¹⁹, que está mal resolvida. Portanto, o aluno (GM) é um menino que carrega consigo insegurança; é imaturo, sente falta de afetividade e enxerga-se inferior em relação aos membros da família.

Finalizando a série de desenhos família, nota-se que as crianças que mais sofrem *bullying* são as crianças que enfrentam dificuldades de falta de afetividade na família. São deprimidas, muitas vezes, por sentir a falta de pais presentes em suas vidas, ou seja, onde há a presença de pais separados, há falta de carinho. Para Wendell (2016, p. 08), “carinho sincero e equilibrado ajuda seus filhos a ser mais bondosos no mundo”. Quanto ao Ensino Religioso (ER) na escola, devem-se elaborar programações de interação entre os alunos. O professor não pode substituir os pais, porém um gesto de amor pode mudar o quadro. Portanto, a função do ER é exatamente fazer com que a criança sintam-se bem. Segundo Geertz (2001, p. 67), “a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana”.

2.3.5 Posição da criança na família, na escola e na religião

O teste abordou o tema: “Quatro momentos do dia”. Para a realização da atividade, o sujeito colocou no papel o que ele realiza durante o dia todo, ou seja, pela manhã, ao meio-dia, à tarde e à noite. Nesse teste, é possível perceber a posição do sujeito na família, na escola e na religião; e como ele está inserido no seu dia a dia. Com os resultados, é possível perceber se a pessoa sente-se isolada, triste ou agitada. Essa atividade foi realizada com oito alunos, das salas do 2º e do 3º anos. Entre todos os desenhos realizados pelos alunos, dos oito, só em dois apareceram pessoas da família; em um apareceu uma imagem que fez referência à religião. Observe:

¹⁹ A Fase Fálica é a fase que a criança entra aos três anos, é o estágio fálico do desenvolvimento psicosssexual e anuncia a chegada do nível edípico do desenvolvimento. <https://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/12440/fase-falica>.



(Des. 11) Aluno (D) 08 anos, 2º ano, evangélico.

Um aspecto importante sobre o responsável pelo desenho acima é que o aluno (D) é evangélico. Na primeira cena, observa-se ele tomando café com sua mãe; ao meio-dia almoçando com o pai; à tarde, sozinho, realizando tarefas e à noite, há a imagem da igreja. Nesse desenho, ele apresenta vínculo com a família e com a religião, porém não aparece vínculo com a escola, pois é uma criança de poucos amigos na mesma.

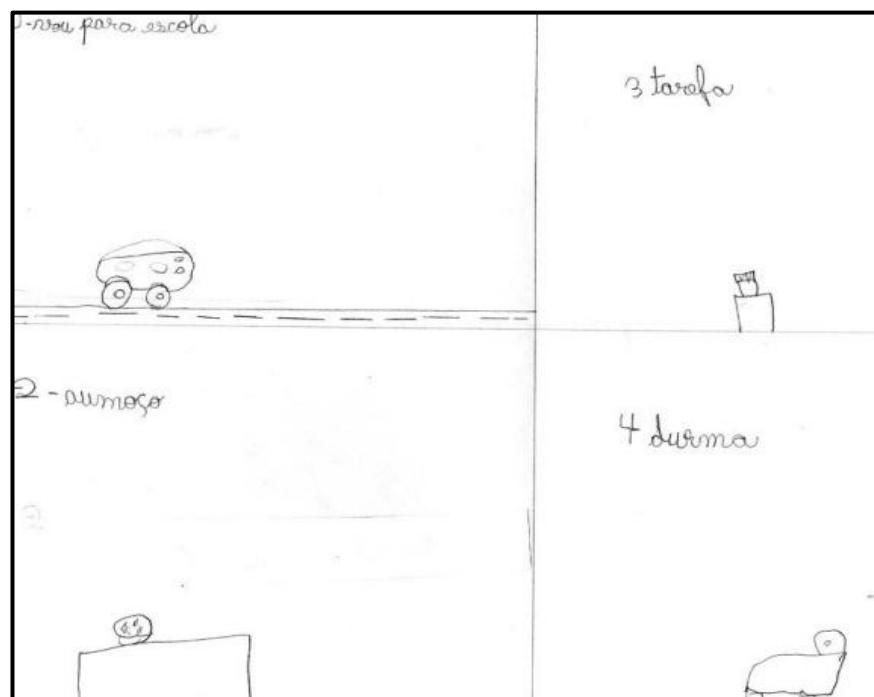
Ao continuar com as análises, verifica-se que pela manhã ele se desenhava tomando café com a mãe, porém ele está distante da mesa; a mãe aparece com a boca, o que exprime um conflito entre mãe e filho. Há uma grande quantidade de lanche sobre a mesa, do lado do garoto. Ela está com as mãos estendidas, como se estivesse dizendo: “*Coma tudo*”. Ele está com uma boca de descaso. Como se não estivesse interessado em tomar o café da manhã. No desenho, há indicações de que ele tem problemas com a alimentação, pois ele é uma criança obesa. Toda essa alimentação sobre a mesa pode ser apenas um desejo de comer. Os traços do desenho apresentam que o aluno (D) sofre *bullying* na família por conta da sua obesidade e, conseqüentemente, sofre na escola, quando os colegas chamam-no de gordo ou baleia.

Ao meio-dia, ele aparece almoçando com o pai. As colheres estão viradas para o lado do pai. No desenho das pernas, ambos estão com uma perna apenas. Para

Campos (2010, p. 84), “a falta de um braço ou de uma perna, aparece em psicóticos e imaturos, que não querem tomar conhecimento dos problemas”. A flor no centro da mesa também possui uma significação. Segundo Bérard (2010), “as flores simbolizam o amor. Quando as crianças se encontram no período denominado ‘complexo de Édipo’, costumam aparecer flores com mais frequência em seus desenhos, pela necessidade que tem de agradar”. Ademais, (D) está com uma espécie de escudo no tronco, como se quisesse se defender.

No período da tarde, o aluno (D) aparece sozinho lanchando e com apenas uma perna, como nos desenhos anteriores. Em todas as ilustrações, (D) está sentado com as pernas viradas para a mesa, porém, o tronco está direcionado para frente, abandonando o que está sobre a mesa que, no caso, é a alimentação.

No período da noite, aparece um desenho de uma instituição religiosa, porém não há uma pessoa da família na cena. As estrelas significam os desejos de um futuro melhor e a lua sugere uma criança sonhadora. Entretanto, com todos os problemas que (D) enfrenta, principalmente com a mãe, aparece a religião que pode ser uma esperança por dias melhores. No desenho “Os quatro momentos do dia, o aluno (D) aparece com dificuldades de relacionamento com a família, mesmo aparecendo vínculo com a religião. Em todos os desenhos não apareceu vínculo com a escola, apenas no uniforme apareceu a letra G.



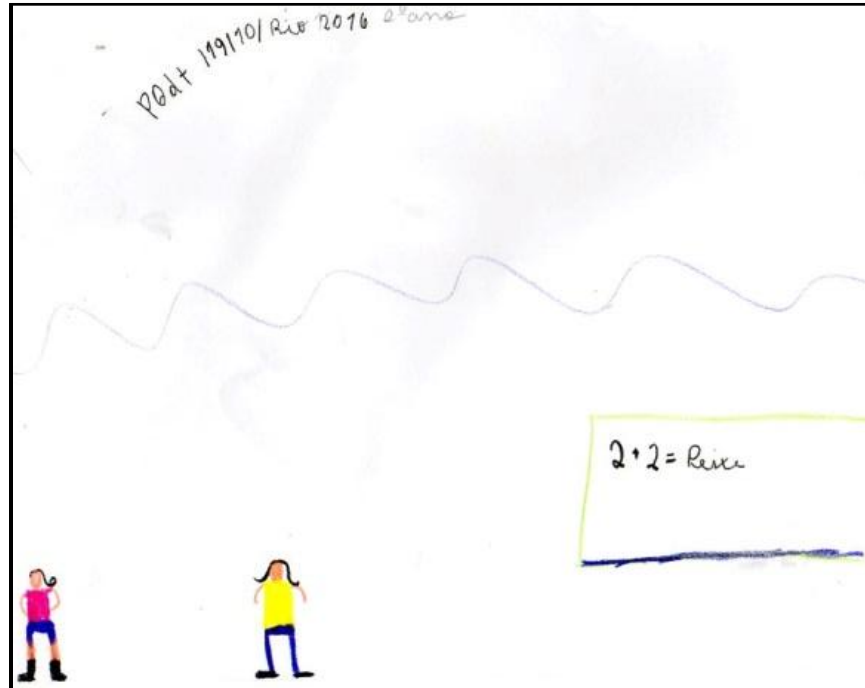
(Des. 12) Aluno (F) de 08 anos, 2º ano, Judeu.

O aluno (F), filho de pais Judeus, desenhou todas as cenas do dia, porém em nenhuma delas surgiu a sua pessoa ou de qualquer integrante da família. No período da manhã, ele ilustrou um transporte escolar e escreveu “*vou para a escola*”. Provavelmente, ele está dentro do transporte, porém não aparece. No horário de meio-dia, surge uma cena de uma mesa e um recipiente com alimentação. No período da tarde, há novamente uma mesa e um objeto, porém ele não compõe a cena e, por último, ele desenha a cama, mas também não se mostra. Para Campos (2010, p.114), nas normas para interpretação do desenho da família, quando há omissão significa que a pessoa não se vê inserida:

(F) é uma criança que chora muito em sala de aula e diz que só tem um amigo e sente-se sozinho; ele tem muitas dificuldades com as atividades propostas pela professora. Por chorar muito, os colegas o chamam de chorão. Não gosta quando os colegas falam que ele é judeu. Assim, observa-se um evidente preconceito contra os judeus. Ele responde: “*Eu não sou judeu, eu frequento uma comunidade*”. Entretanto, foi autorizado pelos pais a participar da Cantata de Natal na escola.

2.3.6 Eu e minha escola

O primeiro teste relacionado à escola é chamado de “Par educativo”. A atividade consiste em observar o vínculo do aluno com o professor, ou seja o aprendente e o ensinante, termos utilizados na linguagem da psicopedagogia. Nesse exercício, percebe-se o relacionamento do aluno com o professor. Na análise, o terapeuta consegue observar se a criança está perto, longe, do lado, de costas ou de frente. Estas são as regras da análise; exatamente a posição do aluno em relação ao professor.



(Des. 13), 09 anos, 3º ano, evangélico.

O aluno (GH) sofre *bullying* na escola, pois os colegas o chamam de mulherzinha. Ele desenhou duas mulheres. O comando da psicopedagoga é que a criança deveria desenhar um aprendente e o ensinante, ou seja, um professor e um aluno.

No desenho do aluno (GH), os personagens ficaram na margem inferior da folha, do lado esquerdo e distantes um do outro. Segundo o Manual Prático do Diagnóstico psicopedagogo Clínico (MPDPC), (2009), o desenho foi realizado na margem inferior o que significa que ele é impulsivo, regressivo e com traços de insegurança e depressão. O tamanho em relação à folha significa vínculo negativo com a aprendizagem e desvalorização. As pessoas foram ilustradas bem menores em relação ao espaço do papel.

(GH) ilustrou os personagens longe um do outro, o que indica que não há um compromisso com o conteúdo a ser aprendido. Desenhou também o quadro (instrumento de trabalho) com uma conta de matemática distante, do aprendente. Porém, os personagens de lado apresentam vínculo regular da aprendizagem. Quando o aprendente está longe do ensinante significa que não há vínculo com a aprendizagem, (MPDPC, 2009, p.175-176).

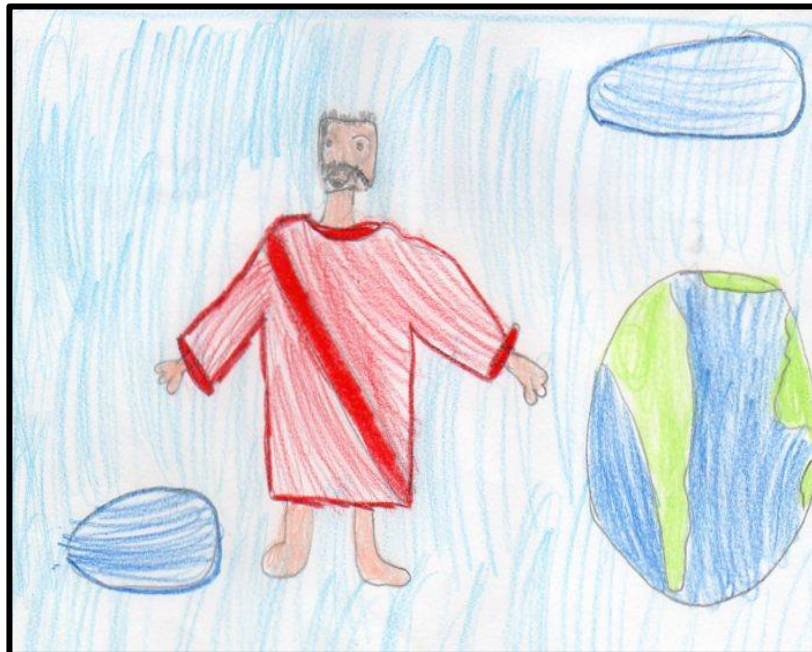
O aluno está de braços para trás que, segundo Campos (2010), “indica falta de confiança. Insegurança de sua participação no meio ambiente. Em conflito por

pressões narcisistas”²⁰ (CAMPOS, 2010, p. 95). Ambos os personagens estão sem rosto: boca, olhos nariz e orelhas. Ainda, de acordo com Campos (2010), a ausência desses órgãos pode ser relacionada com problemas psicóticos. Ombro em linha reta aponta imaturidade psíquica, dificuldades em ter contato com o estímulo externo; as pernas abertas: problemas somáticos. Pés para fora, ambivalência de comportamento.

A professora está sem mãos, o que atribui a falta de afetividade. O aluno (GH) apresenta, na análise, elementos típicos de quem está sofrendo *bullying*, os quais são: insegurança, depressão, conflitos narcisistas e até problemas psicóticos a respeito da sua pessoa.

2.4 ANÁLISE DOS DESENHOS: RELIGIÃO - QUEM É DEUS PARA MIM?

Esta foi uma atividade realizada pela professora de ER, a fim de descobrir quem realmente era Deus para os alunos. Partindo do pressuposto de que com esse exercício seria capaz de descobrir o nível de religiosidade dos alunos ou o que a criança sabe a respeito de Deus. A professora distribuiu folhas de papel A4, em branco e pediu que os alunos desenhassem sobre o tema: “Quem é Deus para mim”.



(Des. 14) Aluno (OS), 07 anos, 1º ano, evangélico.

²⁰ Caracterizado por um padrão evasivo de grandiosidade e necessidade de admiração.

Dentre os desenhos, 58 foram destacados; alguns nos chamaram a atenção: treze alunos desenharam um Deus em tamanho grande. O que destacou mais foi o desenho de uma criança, chamada (PS). Isso porque o desenho da figura ficou posicionado no centro da folha. A imagem de Deus ficou maior que o desenho do mundo, significando assim, um Deus poderoso e dominador do universo. (PS) desenhou Deus com uma túnica vermelha. E a cor vermelha, segundo Campos (2010, p. 108), indica agressão, destruição, ódio e sensibilidade sexual. O rosto em forma geométrica sugere problemas psicóticos. Freud (1996, p. 173) diz que: “chamamos de psicanálise o processo pelo qual trazemos o material mental reprimido para a consciência do paciente”.

Outro fato considerado importante são os olhos em formato de um ponto, que significa regressão na maturidade afetiva; (PS) é uma criança que está sentindo a falta de amor, provavelmente da família. Na escola, não apresenta dificuldade no relacionamento com a professora e nem com os colegas. Os pés da figura que representa Deus, virados para fora, indicam ambivalência de comportamento. Para exemplificar, há crianças que dão muito trabalho na escola; e quando os pais são chamados para conversar, estes dizem que o filho não se comporta em casa da mesma forma que se comporta na escola, ou seja, existe na criança uma mudança de comportamento. O aluno (PS) preencheu toda a folha com lápis azul o que significa depressão, para evitar que não houvesse interferências afetivas no seu desenho. (COGNET, 2013, p. 114).



(Des. 15) Aluno (P), 08 anos, 2º ano, católica.

Esse é desenho de um Deus de tamanho grande e um anjo pequeno que, na concepção do aluno, é o ajudante de Deus. O desenho de Deus ficou no centro da folha e o anjo na parte inferior do lado direito, significando impulsivo progressivo. A ilustração possui alguns aspectos a serem analisados. O braço direito mais grosso significa ambição por alguma aquisição ou proeza. Porém, a perna voltada para o lado direito indica que não terá possibilidade de realizar aquilo que foi desejado, por isso os pés em posição contrária, significando ambivalência de comportamento, ou seja, oscilação no comportamento, ora de uma forma, ora de outra.

Os olhos em ponto são aspectos regressivos e o olho direito mais forte do que o olho esquerdo pode ser problema com inter-relação social, conflito e agressividade. A túnica com na cor cinza significa disforia²¹. Um fato importante no desenho é a omissão do pescoço, cujas sentidos são dificuldades intelectuais e impulsos do corpo.

Quinze crianças desenharam a cruz, representando Deus. A cruz é o símbolo do Cristianismo. Para Geertz (1989, p. 66), “os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ethos de um povo”. A aluna (G) é evangélica. Ela desenhando dois montes.

²¹ Estado caracterizado por ansiedade, depressão e inquietação.

Em um deles, a garota ilustrou a cruz com Jesus na parte esquerda da folha. No outro, desenhou a sua pessoa. Veja:



(Des. 16) Aluna (G), 07 anos, 2º ano, evangélica.

O desenho de Jesus está um pouco confuso, parece ter quatro braços. Não aparece o pescoço e ele está triste. Para (CAMPOS 2010, p.87), isso significa dificuldades com aspectos intelectuais, inferioridade e regressão. Significa também uma distância entre ela e Deus. O rostinho da menina possui olhos em pontos, boca tremida, sobrancelhas grandes e não tem cabelo e nem nariz. A aluna (G) apresenta características como o fato de ser egocêntrica e arrogante e não apresentar afetividade. Os braços levemente levantados, a ausência de mãos e os dedos em formato de alfinetes significam que ela imagina situações, fantasiando-as; além disso, a garota não confia nas pessoas e apresenta agressividade.

Outro fator interessante foi que seis alunos desenharam Deus como um super-herói, representando poder e força. O aluno (R) ilustrou um super-herói do lado esquerdo da folha, significando regressão. A roupa do super-herói parece com um macacão branco, cujo sentido é pureza; a capa vermelha tem vários significados: vida, morte, e amor. Acredita-se que nesse desenho está significando amor; os óculos azuis, tranquilidade e harmonia. Segundo Rabello (2014, p. 131), as cores são carregadas de simbolismo, o qual faz parte do mundo em que vivemos. Os óculos,

por sua vez, significam que o aluno necessita de cuidados emocionais, pois apresenta problemas somáticos.



(Des. 17) Aluna (R) 06 anos 1º ano evangélica

A cabeça grande e oval representa ambição intelectual; a boca em formato de cupido, sexualidade precoce; o cabelo encaracolado e bem acertado significa uma pessoa moralista. Os braços para cima, fantasia exagerada. A falta dos pés apresenta dificuldades de contato com o meio. (R) escreveu, na margem superior, “Deus sempre me salva do perigo”. (Anexo, des. 17) e desenhou um coração. Portanto, (R) é uma criança que necessita de cuidados psicológicos. Ele sofre com a dificuldade de contato com o meio em que vive. É uma criança com essas características são propensas a sofrer *bullying*.



(Des. 18) Aluna (L), 07 anos, 1º ano, evangélica.

Duas crianças desenharam Deus como um pai que cuida dos filhos. A aluna (L) desenhou um pai cuidando do bebê, porém ele aparece distante da mesma. O pai está localizado do lado esquerdo da folha, indicando uma pessoa regressiva. A cabeça do pai está grande e significa ambição intelectual. O corpo em forma geométrica apresenta problemas psicóticos. A cor da roupa preta e roxa é tristeza, acompanhada de depressão. As pernas contrárias e os braços em horizontal indicam ambivalência de comportamento e falta de afetividade. O bebê aparece com uma manta cor de púrpura, demonstrando ansiedade. Por fim, há o desenho de uma Bíblia na mão do pai. Aparentemente, ela aparece como um manual de orientação e apoio na criação do filho. A aluna encerra o desenho escrevendo uma frase “Deus é meu Papai”.



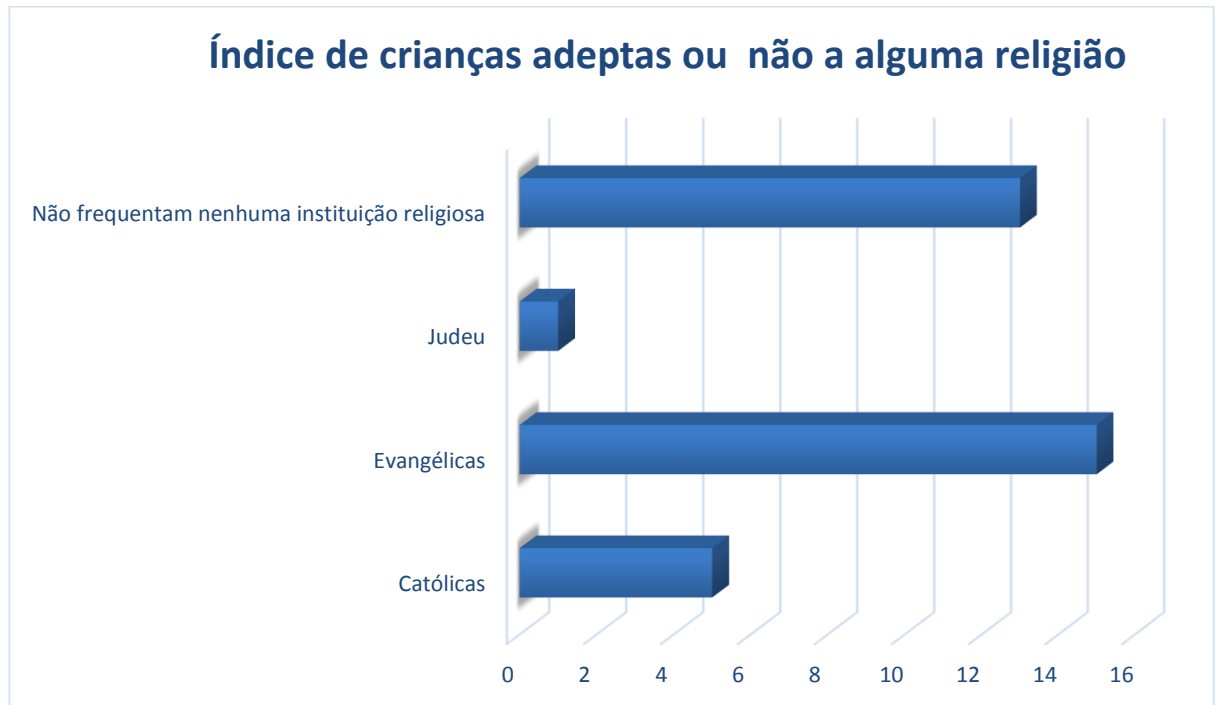
(Des.19) Aluna 07 anos, 1º ano evangélica

Dez crianças desenharam Deus como anjos. Anjos significam mensageiros. A aluna (R) fez um desenho de um anjo de em tamanho grande, quase do tamanho de uma folha, bem no centro, mostrando assim equilíbrio. Porém, a figura está com os braços cruzados e não aparecem as mãos, sugerindo falta de afetividade. Da mesma forma, não desenhou os pés. A omissão dos pés, segundo Campos (2010), significa: “cerceamento, dificuldade de contato”. (R) pintou a túnica de roxo, o que representa paixão e depressão; a faixa azul no centro da túnica indica depressão e tristeza. As asas verdes apontam estado emocional fraco (CAMPOS, 2010). O anjo está com os olhos fechados, indicando imaturidade para enfrentar problemas. Portanto, o desenho de (R) apresenta uma criança sofrida e sem esperança para enfrentar as dificuldades. É uma criança calada, quieta e sem amigos.

Portanto, os desenhos realizados pelas crianças são expressões dos resultados vividos no dia a dia de cada uma e a religião é de suma importância na vida do ser humano. Nos desenhos, observa-se que as crianças expressam Deus como poderoso, cuidador e mostram Jesus na cruz se sacrificando pela humanidade, mas acima de tudo, Deus nunca está desvinculado da experiência da família. A imagem de Deus reflete-se na experiência familiar das crianças e adolescente.

As crianças se declararam católicas, evangélicas e algumas disseram não frequentar nenhuma instituição religiosa. Porém, mesmo as crianças que disseram

não ter vínculos com nenhuma religião desenharam Deus como um ser supremo e com uma profunda conexão com as experiências familiares. Observe:



O gráfico acima indica o segmento religioso das crianças que participaram dos desenhos: cinco são católicas, quinze evangélicas, uma judia (pais judeus) e treze não frequentam nenhuma instituição religiosa. Fazendo um total de trinta e quatro crianças das turmas 2º e 3º ano do Ensino Fundamental. A figura de Deus está representada na família e em particular, nem sempre de afeição, mas também de ameaça. Pode-se deduzir que a religião nessa idade não é tão determinante para o cotidiano da criança.

A família é bem mais determinante. Porém a criança, desde muito pequena, ouve falar a respeito de Deus em todos os lugares onde frequenta; são situações como na família, na escola, nas brincadeiras de rua, enfim, lugares onde ela tem um conhecimento formal e informal de Deus.

No próximo capítulo, tralharemos as práticas de *bullying* na escola, ocasião em que abordaremos o caso de quatro crianças, que apresentaram quadro de *bullying*. Algumas praticaram e outras sofreram. Essa análise será feita através dos testes projetivos. Busca-se realizar um diagnóstico psicopedagógico na intenção de diagnosticar as causas pelas quais as crianças praticam e permitem sofrer *bullying*. Baseando-se nessa perspectiva, compreenderemos quais as interferências da

educação religiosa na vida dos alunos; propor-nos-emos a apontar novos sentidos no processo de ensino religioso, para que tal disciplina seja capaz de proporcionar maior consciência moral.

3 ANÁLISE DO DESENHO INFANTIL E A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NO COMBATE AO BULLYING

Neste capítulo, far-se-á um estudo de vinte e dois desenhos de quatro alunos. São três protestantes e uma que não frequenta alguma instituição religiosa. Dentre as protestantes, uma faz parte do protestantismo histórico, a outra é do segmento pentecostal e terceira, do neopentecostal. Os alunos analisados estudam nas turmas do 2º e 3º anos e suas faixas etárias estão entre os sete e nove anos. Ademais, são crianças que sofrem ou provocam *bullying*. São traumatizadas. Algumas pelo convívio escolar, devido às dificuldades de aprendizagem; outras pelos problemas familiares, como separação dos pais.

Esta pesquisa foi realizada mediante o meu trabalho como psicopedagoga da instituição escolar pesquisada, com crianças que possuem dificuldades na aquisição do conhecimento. Minhas observações foram estabelecidas mediante a uma parceria com a professora de Ensino Religioso. Nos desenhos feitos pelos alunos, busquei perceber a relação entre o *bullying* e a religião, analisando se é possível esta cooperar no combate desse problema, o *bullying*.

Desde os primórdios da humanidade, os desenhos apresentaram-se como uma forma de comunicação. Como uma das fontes de pesquisa da arqueologia, têm-se os desenhos expressos pelas pinturas rupestres²². Através desses desenhos, pode-se identificar representações teóricas, os comportamentos e as estruturas sociais dos primeiros seres humanos.

Segundo Rabello (2014, p. 12), “o desenho é a maneira que as crianças têm de se comunicar e de se posicionar no mundo”. A autora acrescenta que o desenho não funciona apenas com um lápis preto em uma folha de papel, mas com outros materiais como barbantes, tintas, lápis de cera, pincéis, com o dedinho, em fim qualquer rabisco ou traço torna-se uma arte e conta uma história que, em sua maioria, expressa a história verdadeira de sua vida. Basta o professor ter o conhecimento do desenvolvimento do desenho através da faixa-etária da criança, para fazer uma análise correta.

²² Representação artística pré-histórica realizada nas cavernas.

3.1 ANÁLISES DO DESENHO INFANTIL: COMO ENCARÁ-LO

Para tentar entender o porquê das crianças sofrer ou provocar *bullying*, é necessário entender a teoria do desenvolvimento psicosssexual. Segundo Cunha, (2008, p. 22), as fases do desenvolvimento psicosssexual da criança são: oral, anal, fálica e latência.

Para o autor em questão, é chamada de fase oral porque “quando nascemos, a região do corpo que se encontra em maior evidência é a bucal. A boca é responsável pela nutrição do recém-nascido, o que é uma atividade essencialmente biológica” (CUNHA, 2008, p. 22). A boca está ligada ao prazer que a criança obtém na alimentação e no contato direto com a mãe; são relações diretas de prazer.

Em seguida, na fase anal, as evidências estão associadas às noções de disciplina e organização; é quando ocorre o controle dos esfíncteres²³. Nessa fase, o elogio dos pais é muito importante, pois a criança acredita que está perdendo algo de importante (fezes) e sofre com tal perda. Freud (*apud* CUNHA, 2008, p. 22-23), aponta que na fase anal, a criança aprende a controlar-se e os esfíncteres tornam-se uma fonte de prazer, quando elogiada pelos pais. Porém, se estes forem controladores, poderá acarretar problemas no futuro da criança como prisão de ventre e retenção de fezes.

Na fase fálica, período entre 2 a 3 ou 5 anos, é quando ocorre a descoberta dos órgãos sexuais e a suas diferenças. Aparece também a fantasia infantil: ódio e amor. O menino sente-se atraído pela mãe; e a menina pelo pai. O que é chamado por Freud de complexo de Édipo. “E a superação do complexo de Édipo põe fim à fase fálica” (CUNHA, 2014, p. 26).

Outra fase relevante é a fase da latência (5/10 anos). Trata-se do período em que se interrompe o desenvolvimento social da criança para as questões psíquicas e assim fortalece o ego, fazendo com que ela se apegue a outras atividades, como: brincadeiras, jogos e amizades (CUNHA, 2014, p. 22 - 34).

As quatro fases são importantes na vida da criança. Ela deve perpassar pelas mesmas com muita segurança por parte dos pais. Isto vai depender da forma que a mesma foi educada. É mediante o cumprimento dessas fases que é construída a

²³ Controle das fezes.

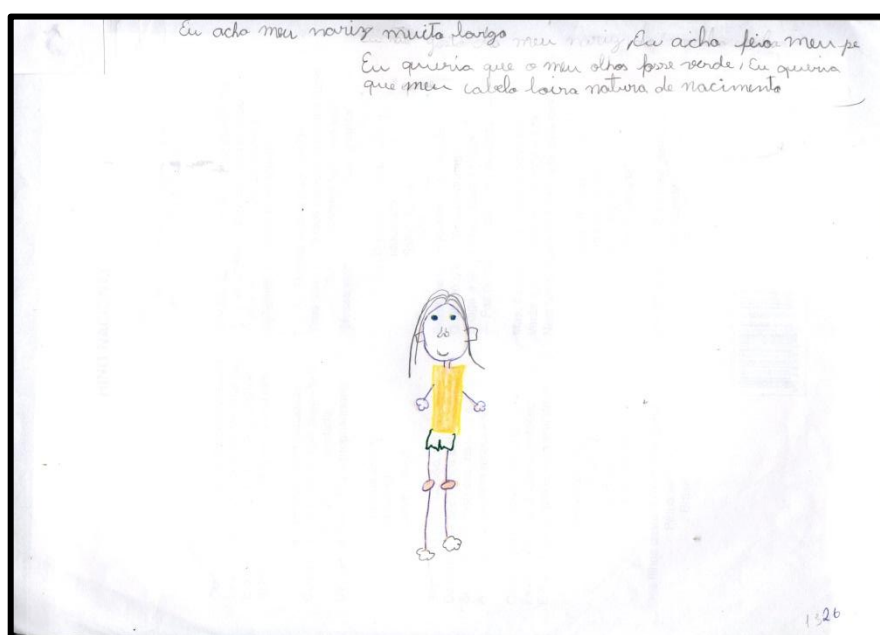
personalidade. A forma com que os pais tratam seus filhos repercutirá futuramente na sua adolescência, portanto cabe aos pais e professores acompanharem a criança em seus processos para que ela obtenha sucesso em seu desenvolvimento.

Assim, mediante as análises, buscou-se identificar os alunos que sofrem *bullying* em casa e na escola. Através dos desenhos, foi realizada uma abordagem psicopedagógica para observar os tipos de *bullying* nessas instituições. Buscou-se também proporcionar um diagnóstico dos desenhos, realizando um paralelo da posição da criança frente aos familiares, colegas e professores.

3.2 CARACTERÍSTICAS DOS DESENHOS DA ALUNA (K)

Os desenhos seguirão uma ordem: primeiro os que são relacionados com a família: “Vínculo comigo mesmo”; “Eu e minha família” e os “Quatro momentos do dia”; em seguida, os relacionados com a escola: “Eu e meus colegas” e “Par educativo”; e por fim, a perspectiva religiosa: “Quem é Deus para mim”. Apesar da psicopedagogia não trabalhar com o tema religião, neste trabalho, foram utilizados métodos psicopedagógicos para identificar traços característicos do bullying e a concepção de religião e de deus pela criança.

3.2.1 “Eu sou feia”



Vínculo Comigo Mesma (Des.20)



Eu e minha família (Des. 21)

A aluna (K), 09 anos, estuda no 3º ano da primeira fase do Ensino Fundamental. Ela faz parte do segmento religioso protestante “Assembleia de Deus”. O desenho “Vínculo comigo mesmo” é um autorretrato da aluna e apresenta as seguintes características: a) cabeça grande em relação ao corpo, b) cabelos ralos, c) olhos representados por pontos, d) nariz com asas bem acentuadas, e) tronco retangular, f) braços em palitos e curtos, g) mãos em formato de bolachas, h) pernas longas e em palitinhos, i) pés em formato de nuvem e j) o desenho está solto no ar. (Des. 20).

Campos (2010, p. 81- 104), através de várias observações, catalogou alguns significados, os quais podem ser identificados no desenho da criança. Segundo o autor, a cabeça grande significa ambição intelectual, os olhos e o nariz apontam para maturidade regressiva e teimosia com um comando impulsivo, sendo que olhos representados em pontos indicam a imaturidade de enfrentar a vida, já o nariz com asas bem acentuadas, os cabelos ralos, o tronco retangular, os braços curtos e as mãos em formato de bolachas são indícios de agressividade. Os cabelos, as mãos e os pés também possuem determinados significados; os cabelos, sentimento de perda; e as mãos e os pés indicam falta de confiança e contato social. As pernas longas demonstram a necessidade de autoafirmação e os pés em formato de nuvem indicam dois polos ligados à existência de momentos agradáveis e momentos desagradáveis. Por fim, o desenho solto no ar expressa um sentimento de liberdade.

No desenho “Eu e minha família”, todos os personagens foram desenhados em formato de palitinhos, sem braços e obedecendo a uma ordem: o primo, a mãe, a avó, (K) e a tia, respectivamente. Ela colocou duas árvores, uma nuvem pequena do lado esquerdo e o sol do lado direito.

Segundo Campos (2010, p. 85 - 104), os desenhos em palitinhos representam insegurança e a ausência dos braços é falta de afetividade entre as pessoas da família. Uma observação importante consiste no fato de que o primo está na primeira posição, indicando que ele é o mais importante; já a tia aparece em último lugar, sendo que ela, (K), surge no penúltimo lugar, ficando assim entre a avó e a tia; portanto, distante da mãe. As árvores significam segurança e suporte, podendo indicar que (K) compreende que a sua família precisa de uma maior estrutura. A pequena nuvem e o sol têm acepções definidas. Segundo Bérard (2010, p. 7-8), “nuvens indicam consciência de que a vida contém momentos agradáveis e momentos difíceis. Nuvens azuis apontam para o bom tempo, enquanto que as nuvens escuras indicam presença de tormenta”. Quanto ao sol, este indica perda da autonomia ou entusiasmo (BÉRDARD, 2010, p. 21).

3.2.2 O Meu dia e minhas colegas

Os desenhos referentes a “Quatro momentos do dia” e “Eu e minhas colegas”, no primeiro teste, foram realizados da seguinte forma: a psicopedagoga dobrou uma folha de papel em quatro partes e dividiu-as em quatro períodos, numerando-as de 1 a 4. O número 1 indica o período da manhã, o 2 o meio-dia, o 3 o período da tarde e o 4 o período da noite, retratando, assim, o dia a dia da criança. Dessa forma, foi desenhado o que ela faz nesses períodos. Esse teste serve para perceber o relacionamento com a família. Já o teste “Eu e minhas colegas” aponta o envolvimento com a escola.



Os quatro momentos do dia (Des. 22)



Eu e minhas colegas (Des.23)

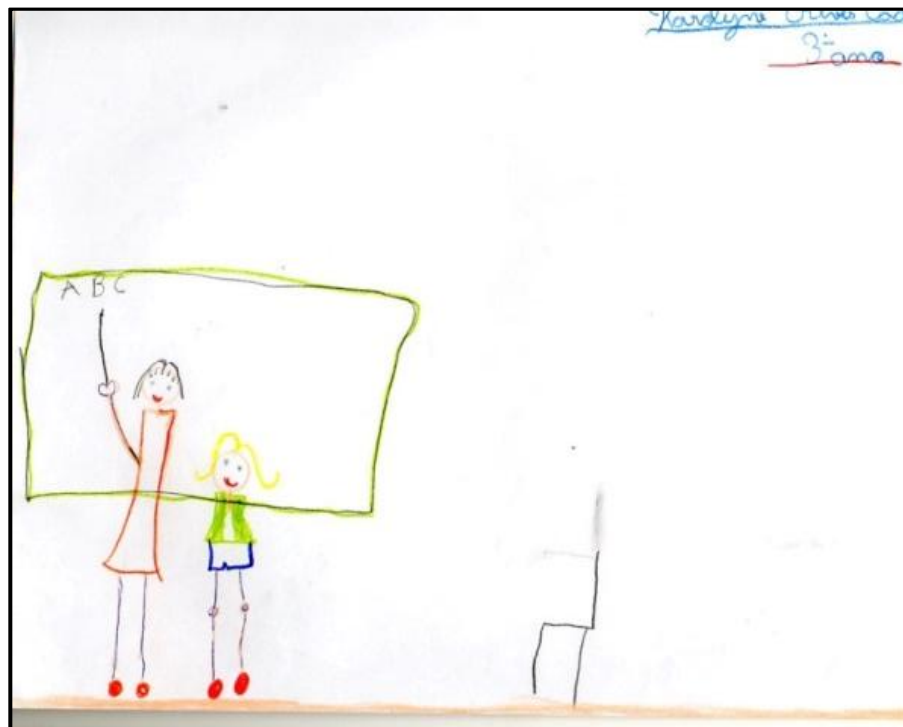
No desenho “Quatro momentos do dia”, tem-se uma gravura em que a aluna divide seu dia em quatro momentos. A folha está dividida da seguinte forma: 1) parte superior do lado esquerdo: (K) e a professora na sala de aula; 2) parte inferior do lado esquerdo: (K) almoçando; 3) parte superior, lado direito: (K) lanchando e 4) parte inferior lado direito: (K) está deitada com o celular. (Des. 22).

O que nos chama atenção nesse desenho foi que, na primeira cena, na escola, ela aparece sem braços e a professora com apenas um braço. Segundo Campos (2010, p. 95), esses formatos indicam a falta de afetividade com a professora. Nas demais cenas, inclusive quando (K) está sozinha, ela aparece com braços, porém quando aparecem outras pessoas, ela se desenha sem braços, significando que a mesma é egocêntrica, não se interessa pelas outras pessoas. Só aparecem braços, para o seu bem-estar, para comer e jogar no celular. Porém, há um detalhe importante na cena número 2. A aluna (K) está sem a boca, o que indica falta de afeição, tanto para dar, quanto para receber.

No desenho “Eu e minhas colegas”, a aluna está em primeiro lugar do grupo; ela e as amigas também são representadas sem braços. Para Campos (2010, p. 95), isto indica que ela não possui contato com as demais. O que é interessante é que ela não desenhou a amiga da sala de aula. E por fim, desenhou um arco, tipo uma tenda como uma cobertura pintados de amarelo; o amarelo significa força, energia, violência, estabilidade e euforia. (Des. 23).

3.2.3 Eu e minha professora (Par Educativo)

Este teste indica o relacionamento da aluna com os professores.



Par educativo (Des. 24)

No desenho “Par educativo”, as representações estão posicionadas no lado esquerdo, na parte inferior da folha; a aluna está do lado da professora, as letras estão muito altas em relação à professora, e ela possui apenas um braço e a mão em formato de coração. Para Sampaio (2009, p. 169), o desenho no lado esquerdo, na parte inferior da folha, significa impulsividade e um sentimento regressivo. Nesse teste, o fato do aprendente estar perto e ao lado do ensinante soa como um fator positivo. Logo, a aprendizagem acontece com mais propriedade. Segundo Sampaio (*apud* VISCA 2009, p. 173), como esclarecemos anteriormente, a ausência de um braço representa falta de afetividade, porém a mão da professora está no formato de um coração indicando um sentimento de amor. (Des. 24).

3.2.4 A hora do jogo

O teste funciona da seguinte forma: o psicopedagogo apresenta ao paciente uma caixa cheia de materiais pedagógicos como: lápis de cor, lápis de cera, lápis de escrever, borracha, régua, tinta, vários tipos de papéis, argila, cola, massa de modelar, pedrinhas, conchinhas, barbantes, enfim, todo material relacionado com arte. A caixa deve ficar ao alcance do paciente para facilitar a manipulação. O paciente/aluno deve escolher o material e criar uma arte, ou simplesmente brincar com os materiais. Ele é totalmente livre nesse teste.



A hora do jogo (Des. 25)

No desenho “A hora do jogo”, a aluna (K) desenhou três árvores diferentes, cada árvore com sua especificidade. Nesse desenho, foi importante observar seu desenvolvimento. Em primeiro lugar, ela desenhou as árvores do lado esquerdo, em um formato reto e quase mortas; ao perceber a situação das árvores, desenhou alguns galhos bem pequenos, dando assim esperança de vida. Na sequência, desenhou uma coruja; do lado da árvore, ela colocou três pedras feitas com massinhas de modelar. No centro, desenhou uma árvore com o tronco, também com massinha de modelar na cor bege e a copa da árvore com cordas coloridas. A terceira, ela desenhou com o tronco largo e a copa cheia de frutas. E por último, pintou a base com tinta verde (Des.25).

A primeira árvore na arte realizada por (K) mostra, segundo Campos (2010, p. 58, 75, 79), a evolução da personalidade, ou seja, há poucos galhos, o que significa crescimento emocional bloqueado. O desenho da coruja indica sentido de condenação.

A árvore do centro foi construída com o tronco em massinha de modelar, na cor bege. A copa feita com linha, em serra e com dentes, significa nervosismo e irritabilidade (CAMPOS, 1010, p. 68).

A última árvore desenhada com um tronco largo significa timidez perante a alguma autoridade. Os galhos encaracolados representam intranquilidade e fadiga. O trabalho foi encerrado com frutas maduras, o que representa o desejo de mostrar sua capacidade, (CAMPOS, 1010, p. 76). Finalizando, (K) pintou a base das árvores com tinta verde, (Rabello, 2014, p. 135) “por ser a cor da natureza e do crescimento”.

3.2.5 Quem é Deus para mim

Este teste indica o envolvimento que a criança tem com a religião.



Vínculo com a religião (Des. 26)

Para a criação do desenho “Vínculo com a religião”, foi feita a seguinte pergunta: *Quem é Deus para mim?* A aluna desenhando uma figura representando Deus. Ele só tem um braço e a mão em formato de coração. O sagrado, neste caso, possui as mesmas características do desenho da professora, que não possui vínculo afetivo, porém existe uma relação de amor. O sagrado está cuidando de uma pessoa deitada. Segundo Campos (2010, p. 82), a pessoa deitada “pode revelar uma situação de fato, como, por exemplo, o propósito tem uma pessoa doente na família”. A pessoa

que está deitada está sem braços demonstrando que ela não possui afetividade com o sagrado. É importante observar que (K) colocou uma árvore declinada para o lado direito, demonstrando autossuficiência, dedicação e afeição. Árvore com frutas representa o desejo de mostrar sua capacidade. Segundo Bédard (2010, p. 07), a posição do sol tem também significação específica: “à direita, relaciona-se à percepção que a criança tem de seu pai”. (Des.26)

Neste desenho, (K) cria a imagem de um Deus como um cuidador ou protetor. A relação com o sagrado, segundo Otto (1985 p. 29 – 44), provoca o fascínio quando a criatura treme diante do divino. O mistério não é apenas surpreendente, mas maravilhoso. A aluna produz o desenho em que apesar de uma pessoa não possuir afetividade com o sagrado, há deslumbre em relação ele; trata-se de fascínio. E o sentimento de tristeza reflete o desejo de que o sagrado revolucione o sofrimento sentido por ela.

3.2.6 “Deus é meu pai, Ele nunca vai parar de ser meu pai amém”.

A aluna (K) é uma menina magra; é maior do que os demais colegas da sala de aula. Os companheiros chamam-na de magrela; é visível essa rejeição. Ela apresenta dificuldades de relacionamento com o grupo. A garota afirma que só tem uma amiga e os colegas dizem que esta é comandada por ela. Filha de pais separados, só visita o pai nas férias. No seu autorretrato (Des. 26), ela se declarou feia e insatisfeita com o seu corpo; e escreveu na parte superior do desenho: *“Eu acho o meu nariz muito largo. Eu acho feio meu pé. Eu queria que meus olhos fossem verdes, eu queria que meu cabelo fosse loiro natural de nascimento”*.

Observando o método interpretativo de Campos (2010), foi percebido que ela é uma menina que possui uma ambição intelectual. É impulsiva e agressiva com os colegas. Sente-se insegura dentro da família, dentro da qual não há afetividade. A ausência das mãos indica falta de confiança nos contatos sociais. No desenho da família, aparece um sentimento de perda, talvez pelo fato do primo estar em primeiro lugar, ela ficar distante da mãe e escolher, como posição para ela, o espaço entre a avó e a tia.

Uma observação é que quando (K) está sozinha. Ela aparece com os braços. Entretanto, quando aparece no vínculo com a escola e com a família, há omissão dos

braços e das mãos. Isto significa que a menina não está disponível para nenhum tipo de aproximação. No desenho dos “Quatro momentos do dia”, a família não aparece em nenhum deles. (K) vai para a escola, almoça, toma o lanche da tarde e vai dormir. Notificou-se que ela só consegue dormir jogando no celular.

Diante das colegas, coloca-se quase na mesma posição; ficou em primeiro lugar e um pouco maior. Desenhou um arco de proteção sobre elas três, parecendo querer se proteger dos demais colegas e criar um vínculo com as mesmas. Com a professora, aparece do lado dela, porém sem os braços e uma cadeira bem distante. As letras estão na parte superior do quadro, demonstrando um contato com a aprendizagem, aparentemente, impossível. Porém a mão da professora está em formato de coração, o que representa amor; e indicando que a professora tem amor pela profissão. Ocorre que, está faltando motivação por parte da (K) para a aprendizagem.

A análise da “Hora do jogo psicopedagógico” está baseada no diálogo e na criatividade do paciente (aluna). No diálogo com (K), enquanto realizava a arte, ela relatou que ficou indecisa diante de tantas oportunidades. Não sabia o que fazer, demonstrando hesitação, o que reafirmou a insegurança que apareceu nos testes anteriores. Porém, o trabalho ficou muito expressivo.

Um fato curioso aconteceu no momento da construção do desenho, pois entrou no local uma garota, (S). Neste momento, houve uma mudança de comportamento por parte de (K) Ela ficou irritada e, imediatamente, pegou linhas grossas coloridas, para fazer a copa da árvore. Porém, não conseguindo, pediu ajuda para a terapeuta. Árvore feita com linha indica nervosismo. Em seguida, ocorreu outro fato extraordinário, foi quando (K) cooperou com a colega. (S) que havia esquecido o lápis e a borracha; e (K) emprestou.

A “Hora de jogo psicopedagógico” é considerado por nós como a parte mais importante da terapia, pois é o momento do lúdico; é quando a criança tem liberdade de criar, e expressar seus sentimentos. Segundo Fernández (1991, p. 168), “o brincar possibilita o desenvolvimento das significações de aprender [...] a hora de jogo psicopedagógico é um teste de inteligência”. Enfim, (K) é uma criança que não apresenta dificuldades de aprendizagem; ao contrário, gosta de ajudar a professora nas atividades na sala de aula. Ela necessita de muita ajuda dos professores e principalmente da professora de ER, pois esta tem a responsabilidade de ensinar os

alunos, dentro do seu conteúdo das aulas, a amar, respeitar, conviver com a diversidade.

No desenho da relação com a religião, (K) colocou uma faixa vermelha em ambos os personagens. O vermelho tem vários significados. Pode ser amor, fogo, sangue e ódio. Foi desenhado um arco que significa proteção e foi escrita uma frase dentro e uma fora desse arco. Por fora, na parte cima, ela escreveu: “Deus é meu pai, ele nunca vai parar de ser meu pai amém”. E dentro, “Te amo Pai!”. A aluna (K) demonstra nesse desenho a falta que o pai faz para ela; trata-se de um sentimento de perda e, devido a essa situação, ela tenta superar os problemas descontando nos colegas com agressividade e antipatia. É uma menina que precisa ser vista de forma amorosa, para que a mesma possa superar o que está, na realidade, enfrentando.

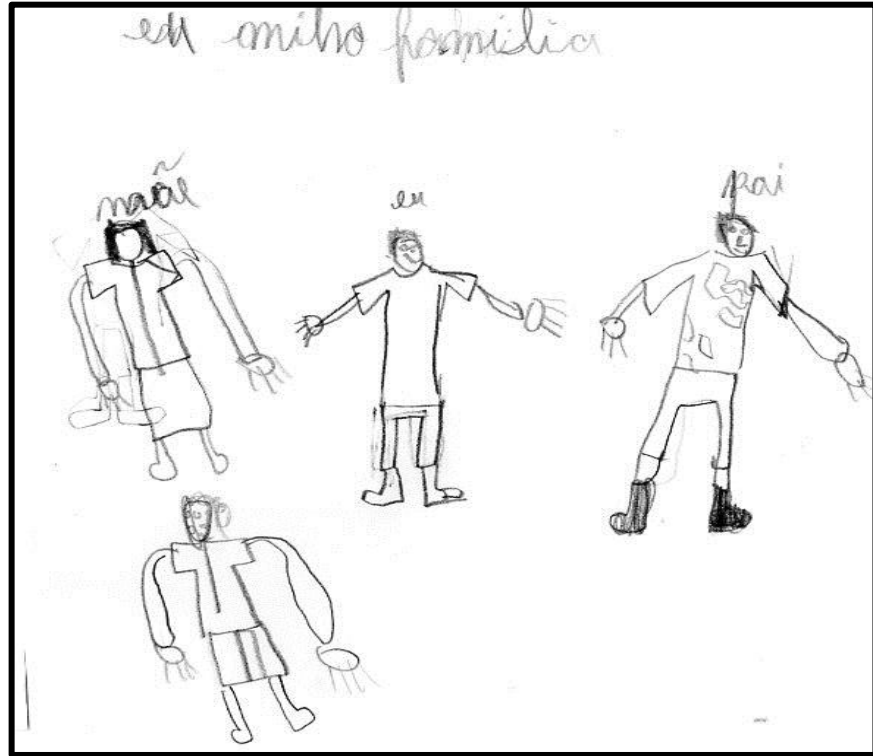
Não se sabe exatamente o que se passa com (K). Acredita-se que ela necessita de ajuda profissional, um psicólogo e da professora de ER,

3.3 CARACTERÍSTICAS DOS DESENHOS DO ALUNO (GT)

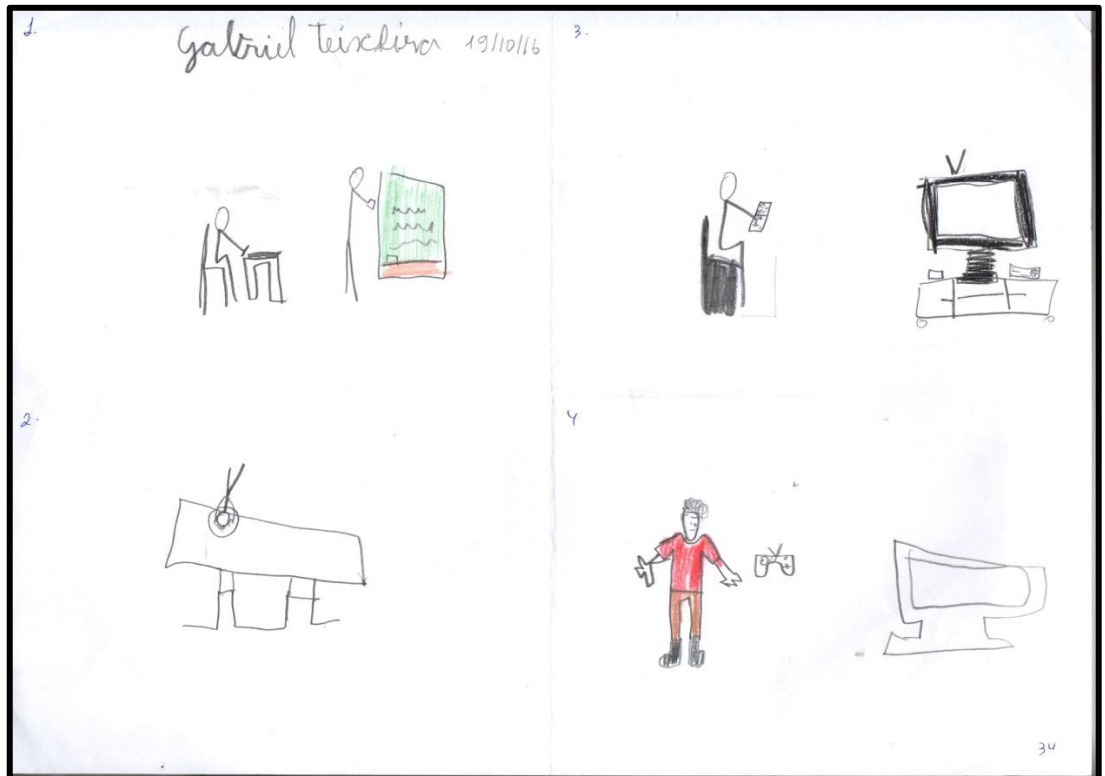
O aluno (GT) tem 08 anos de idade, estuda na classe do 2º ano da primeira fase do Ensino Fundamental. Ele não faz parte de nenhum segmento religioso.

3.3.1 Minha família, os quatro momentos do dia e meus colegas

A segunda análise será desenvolvida nos desenhos do aluno (GT). Os desenhos dele seguem a seguinte ordem: “Eu e minha família”, “Os quatro momentos do dia”, “Eu e minha professora” (Par educativo), “Eu e meus colegas” e, por último, a representação da religião, por meio de “Quem é Deus para mim”.



Eu e minha família (Des.27)



Os quatro momentos do dia (Des.28)

3.3.2 “Não dou conta de desenhar meu irmão”

No desenho "Eu e minha família", (GT) seguiu a seguinte ordem: a) desenhou em primeiro lugar a sua mãe, b) colocou-se no centro e o pai em terceiro lugar; c) ilustrou o irmão menor na parte de baixo da folha, separado dos três, no caso, a mãe ele, e o pai; d) (GT) recusou a desenhar o irmão mais velho. Na análise, temos uma família sem uma base, pois estão flutuando. O desenho da mãe não tem olhos, nariz e boca. Os corpos de todos dos personagens são retangulares e os braços longos e afastados; as mãos redondas e os dedos em formato de alfinetes. As pernas estão afastadas, e os pés posicionados para fora (Des. 27).

Segundo Campos (2010, p. 85), a posição da mãe no desenho indica que ela exerce autoridade na família e o pai está em terceiro lugar. Porém a mãe aparece sem olhos, boca e nariz. A omissão do rosto “pode indicar a ausência de relação com o meio. Fuga às respostas, aos estímulos exteriores. Imaturidade para não comunicar com ninguém”. A recusa em desenhar o irmão mais velho indica omissão de personagem, cujo significado é que aquela pessoa não pertence à família. Os corpos retangulares, os braços longos e afastados, as mãos redondas, os dedos em forma de alfinetes indicam agressividade e necessidade de afeto. As pernas afastadas e os pés para fora, apresentam debilidade e problemas somáticos²⁴.

O desenho dos “Quatro momentos do dia” indica, primeiramente, a escola no período da manhã. Tanto ele como o professor aparecem em formato de palitinhos e sem rostos. No segundo, ao meio-dia ele não aparece, só há o alimento sobre a mesa; no terceiro, no período da tarde, (GT) aparece jogando e à noite, ele desenhou uma figura bem complexa, que pode ser uma fantasia de um dos personagens dos videogames. No quarto período, ele aparece jogando, porém o controle não está em suas mãos. Ademais, pintou a figura de vermelho, marrom e preto. (Des. 28)

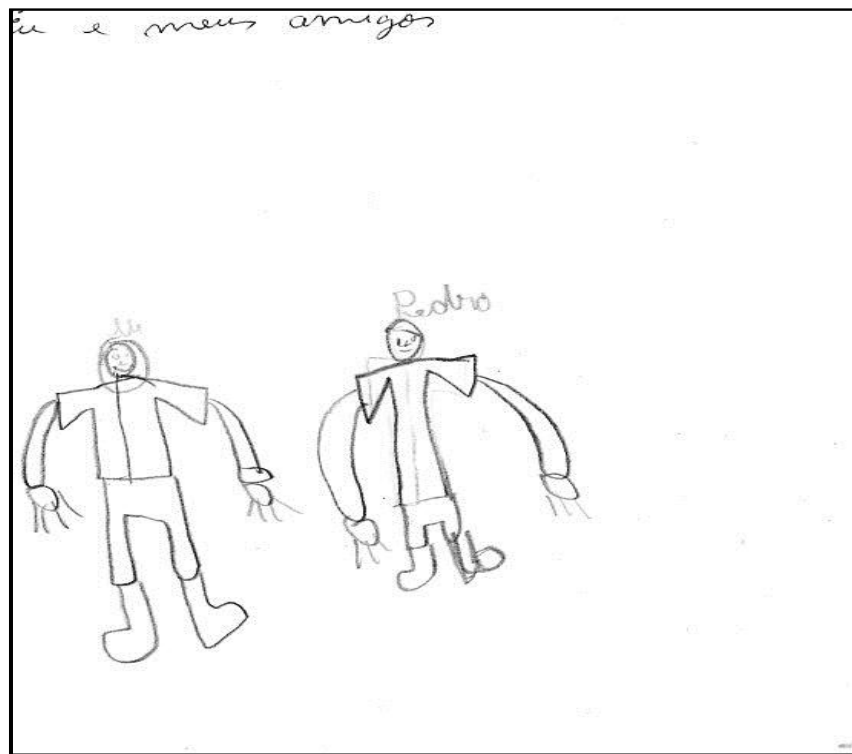
Com base nos estudos de Campos (2010), nos desenhos do aluno (GT), os personagens têm formato de palitinhos, como já foi relatado anteriormente, significando insegurança. A falta dos rostos indica falta de afetividade. O fato dele não aparecer na cena do almoço aponta indiferença com a alimentação. Por último, ele surge em uma figura diferente das demais, cabelo de topete, mãos de raios nas cores vermelho, marrom e preto, que significa: vermelho agressão; marrom, problemas de

²⁴ Problemas ligados a cansaço, dor de cabeça, dificuldade de concentração, entre outros. (SILVA, 2010, p. 25).

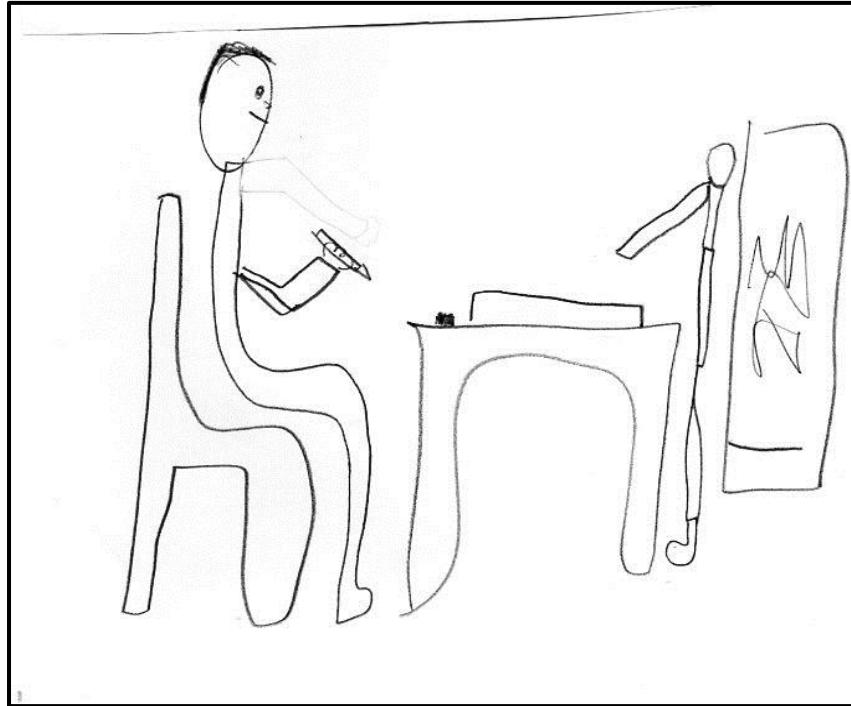
sentimento de culpa ligado à masturbação e ansiedade. Ao ser dialogado, (conversa informal), a respeito do desenho, ele afirmou que gosta de brincar sozinho. Concluiu-se que se trata de mais uma criança que a família não comparece no seu dia a dia.

3.3.3 Minha única amiga é minha professora

Nestes desenhos, podemos perceber o relacionamento de (GT) na escola e o convívio dele com os colegas e com os professores.



Eu e meus colegas (Des. 29)



Par educativo (Des. 30)

Nos desenhos relacionados com a escola, “Eu e meus colegas”, (GT) só desenhou um colega. Na análise do desenho, observam-se os braços afastados da área genital e um círculo próximo à cabeça dos personagens, fora do desenho. (Des. 29).

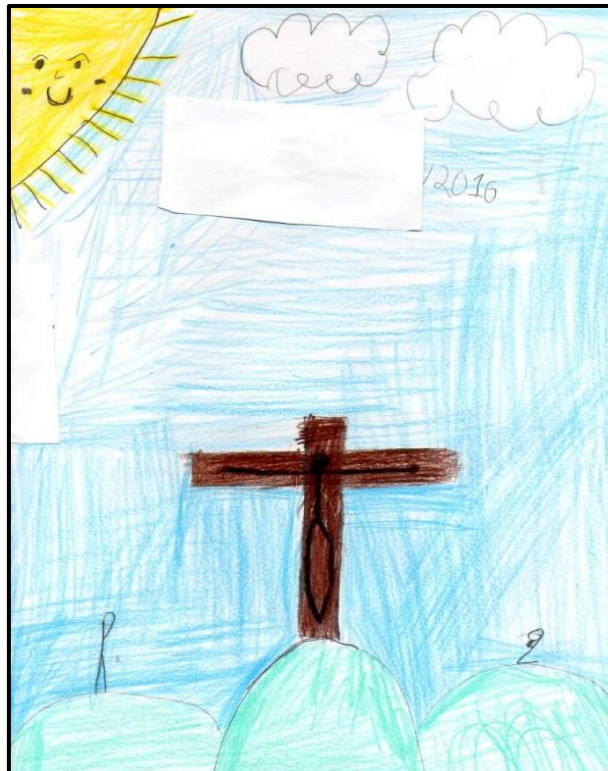
Na ilustração do “Par educativo”, o aluno desenhou uma pessoa de perfil, fora da cadeira. A professora ficou espremida entre a mesa e o quadro, configurando o formato de formas geométricas retangulares; e, por último, a professora está sem olhos, nariz e boca. (Des. 30).

Campos (2010, p. 81-103) comenta sobre os detalhes desses desenhos relacionados com a escola: As imagens possuem as mesmas características às anteriores: braços longos, dedos em formato de alfinetes e cabeça pequena. Analisando, temos: os braços afastados da área genital que implica sentimento de culpa. Na cabeça de (GT) aparece um círculo fora do desenho, apontando dificuldades de inter-relação social. A omissão do pescoço significa dificuldade intelectual.

No desenho do “Par educativo”, o personagem fora da cadeira indica que ele não se sente seguro no ambiente. A professora ficou presa entre a mesa e o quadro e surgiu como uma figura em formas geométricas retangulares. Nesse caso, a figura humana foi desenhada de uma forma que não existe na realidade, significando, imaturidade e personalidade esquizoide (CAMPOS, 2010, p. 83). A ausência de rosto

demonstra falta de contato social e de afetividade. A análise dos desenhos apresenta indícios de que essa criança sofre *bullying* na família. Para tanto, o ER tem um papel relevante na vida dela. Segundo Cunha (2008, p. 30-31), “o professor não constrói a personalidade do seu aluno. [...] ele pode contribuir, muito, a começar, sem dúvida, pelo abandono do sentimento de onipotência que atribui a ele o poder de moldar a personalidade do aluno”. É preciso reconhecer que o esforço como professor faz com que o mesmo alcance o seu aluno de forma holística, na formação do caráter da criança.

3.3.4 Quem é Deus para mim.



(Des. 31)

No desenho “Quem é Deus para mim?”, (GT) fez três montes; no do centro, desenhou uma cruz, com a figura de Jesus em palitinho. Nos outros ele fez duas pessoas: no monte do lado esquerdo uma pessoa em pé; no lado direito uma pessoa de joelhos; todos em forma de palitinhos. Do lado esquerdo, aparece um sol. (Des. 31).

A partir dos estudos de Bédard (2010), observa-se que o desenho “Quem é Deus para mim?” de (GT) aponta atitude de insegurança. O sol do lado esquerdo sugere a ausência da mãe. Ele pintou todo o espaço restante de azul, eliminando a possibilidade de interferência a respeito da afetividade (COGNET, 2013, p. 114). A cor azul significa depressão, calma, tristeza e grande temor, (CAMPOS, 2010, p. 107). (GT) afirmou não participar de nenhum segmento religioso. Para tanto, há alguns conceitos religiosos manifestos em sua mente. Desenhou a cruz, a representação de Jesus e duas pessoas em atitude de devoção.

De acordo com Otto (1985, p. 11 e 13), o sagrado surge quando ocorre a interpretação e avaliação do que existe. Kant chama isto de “Vontade santa”, moral perfeita. A origem do termo “sagrado” é a abstração do elemento moral e do elemento racional. Apesar de (GT) não ter segmento religioso, ele interpreta o sagrado a partir das concepções e símbolos cristãos.

O aluno possui o sentido de gratidão, de confiança, de amor, de segurança, de submissão e de resignação. Otto (1985, p. 11 e 13) afirma que essa atitude destaca o sentimento de dependência que leva a duas observações: à consciência de nossa insuficiência e à dependência que oportuniza experiência de nossa insuficiência e de nossas limitações. Isso é observado na parte da ilustração das duas pessoas, em atitude de devoção; uma de joelhos e outra em pé com as mãos estendidas.

3.3.5 Análise final dos desenhos de (GT).

O aluno (GT) é uma criança com dificuldades de aprendizagem. Vive isolado e recebe críticas por parte dos colegas. Tem apenas um amigo na sala de aula; os demais colegas brigam com ele e chamam-no de gordinho e de baleia. Ele não responde, não reage. O seu relacionamento com a família parece complicado pela análise dos desenhos, (Des. 27). Tem dois irmãos: um mais velho e outro mais novo. Comenta que o irmão mais velho bate nele e que o mais novo é muito mimado. Assim, ele sendo o segundo filho, sente-se isolado pelos pais.

No desenho “Eu e minha família”, (GT) desenhou em primeiro lugar a sua mãe, ele no centro e o pai em terceiro lugar. Ao ser questionado a respeito dos irmãos, ele disse: “*Não dou conta de desenhar meus irmãos*”. Logo, resolveu desenhar, mas somente o irmão menor na parte de baixo da folha, separado dos três: mãe, ele e o

pai. O mais velho, ele recusou-se a desenhar. Outra observação importante é que a família não tem uma base, estão flutuando; para ele, a família está desestruturada.

O desenho da mãe não tem olhos, nariz e boca, indicando ausência de relação com o meio. (GT) Demonstra imaturidade e ciúme do irmão menor. Necessita de afeto, apresenta também debilidade e problemas somáticos; além de certa ambivalência de comportamento, ou seja, sentimento conflituoso (CAMPOS, 2010, p. 95-104).

Na ilustração do seu dia a dia, pela manhã e à tarde, ele aparece em forma de palitinho e sem rosto; tanto ele como o professor, significando insegurança na escola e na família; e falta de comunicação entre ambos. Ao meio-dia ele não aparece na cena. Só aparece o alimento sobre a mesa. À noite, ele desenhou uma figura bem complexa, que pode ser uma fantasia de um dos personagens do videogame; isto pode ser uma forma de fugir do presente, da realidade. Ele está jogando, porém o controle não está em suas mãos. As cores vermelho e marrom significam, respectivamente, agressão e sentimento de culpa, ligadas à masturbação. O desenho das mãos afastadas do corpo também significa sentimento de culpa ligado à masturbação.

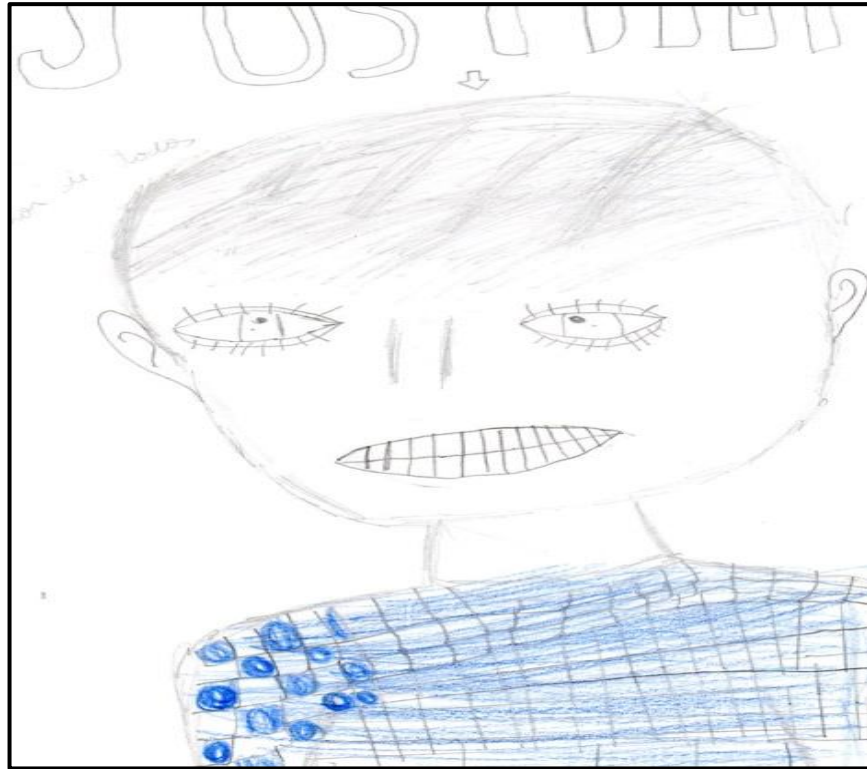
Quanto ao desenho que representa Deus em sua vida, ele ilustrou uma cruz. No entanto, (GT) não frequenta e nunca frequentou nenhuma igreja. Ele desenhou uma cruz simbolizando Jesus e duas pessoas: uma com as mãos para cima e outra de joelho. (GT), mesmo não tendo vínculo com religiões, tem um conhecimento informal da religião; provavelmente, obteve por meio da escola e de parentes.

Portanto, (GT) é uma criança que necessita de muita ajuda por ser uma criança discriminada pela família e pelos colegas. Os testes identificam a presença do *bullying* na vida dele, tanto o físico como o verbal.

3.4 CARACTERÍSTICAS DOS DESENHOS DE (J)

Os desenhos de (J), analisados como os desenhos dos alunos anteriores, são ilustrações relacionadas com a família, com a escola e com a religião: família - "Vínculo comigo mesmo"; "Eu e minha família"; "Os quatro momentos do dia". Escola - "Par educativo"; "Eu e meus colegas". Religião - "Quem é Deus para mim".

3.4.1 Eu sou o melhor de todos

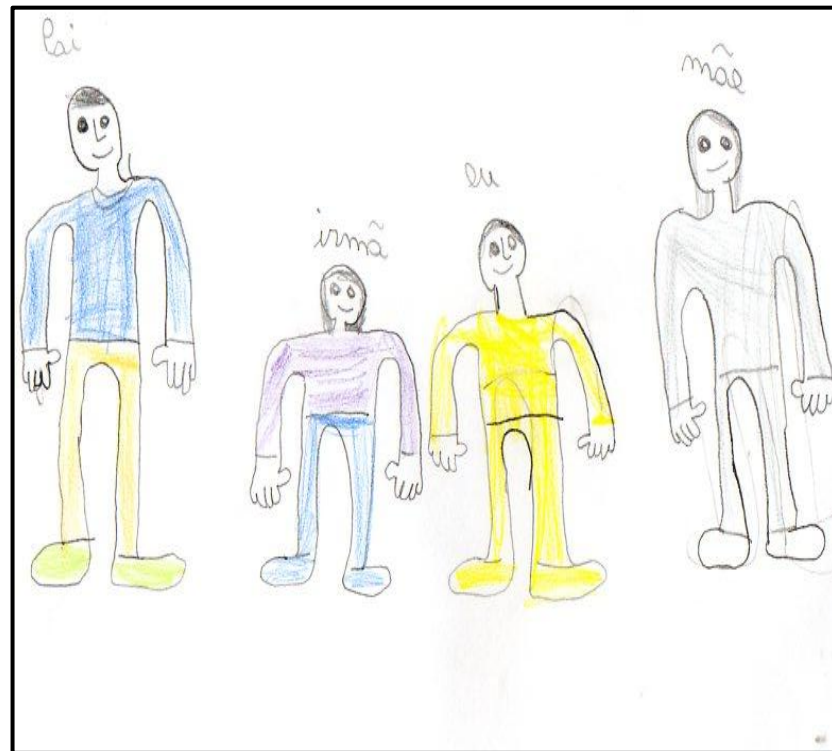


Vínculo comigo mesmo (Des.32).

O aluno (J) tem 09 anos de idade e estuda no 3º ano da primeira fase do Ensino Fundamental. Ele faz parte do segmento religioso protestante denominado Presbiteriano. (J) desenhou o seu autorretrato com as seguintes características: a) cabeça em tamanho exagerado em relação ao tamanho do corpo; b) olhos grandes e oblíquos; c) cabelo com franja; d) dentes aparecendo; e) desenho da roupa em forma de xadrez e listras cruzadas. (Des.32).

As análises serão realizadas com embasamento dos teóricos Campos (2010) e Rabello (2014). A cabeça em tamanho exagerado em relação ao corpo significa ambição aspirações intelectuais e fuga à fantasia. No desenho, os olhos grandes e oblíquos apontam depressão. Os cabelos com franja indicam dependência da vitalidade sexual. A omissão dos braços é exatamente o rompimento com o mundo exterior, (CAMPOS, 2010, p. 95). Os dentes aparecendo refletem agressividade ou descontentamento com alguma situação (RABELLO, 2014, p. 91) (Des. 32).

3.4.2 Eu e minha família

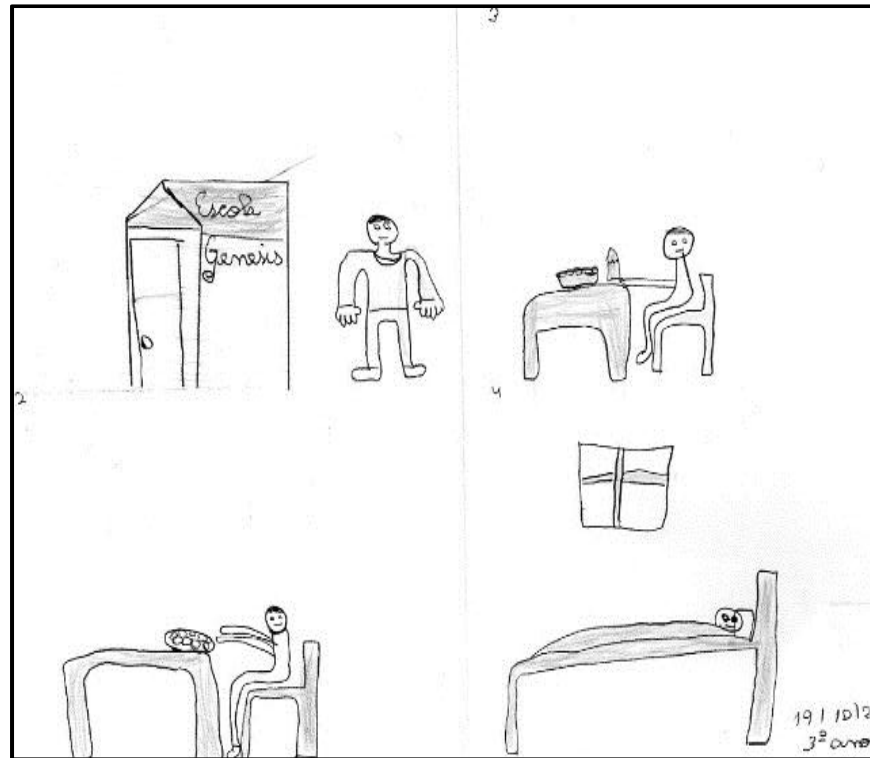


Eu e minha família (Des. 33)

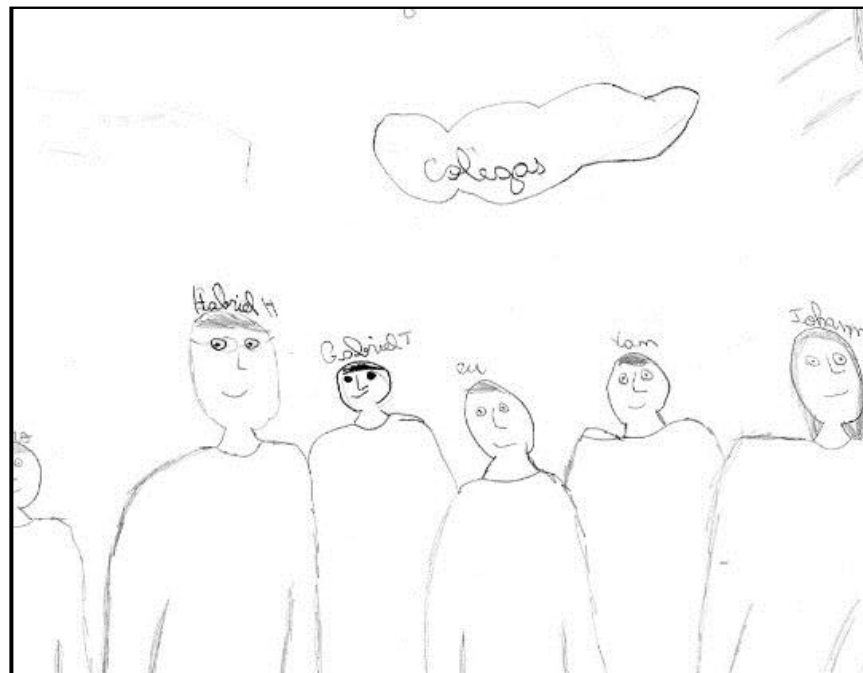
No desenho “Eu e minha família”, (J) organizou tudo na seguinte ordem: o pai, a irmã mais velha, ele, e sua mãe. Todos os personagens estão com as pernas e braços abertos, os olhos em pontos e os ombros retos. A irmã ficou com o cabelo acertado. Os pés foram desenhados para fora. As roupas foram coloridas assim: cinza para a mãe; amarelo e azul para o pai; violeta e azul para a irmã e a amarelo para ele, (Des. 33).

Segundo os estudos de Campos (2010, p. 87-109), (J) coloca o pai primeiramente indicando maior valência. Significa que ele entende que o pai está em primeiro lugar e a mãe em último. As pernas abertas, os olhos em pontos e os braços abertos de todos são aspectos de regressão. Os ombros retos apontam problemas mentais e imaturidade. Os cabelos acertados e as cores da roupa da irmã indicam que ela é uma pessoa moralista e depressiva. A cor escolhida para o pai aponta desejo de afirmação. Os pés para fora apontam ambivalência de comportamento. A roupa cinza da mãe indica tristeza e insatisfação. A roupa amarela de (J) significa energia e violência.

3.4.3 O meu dia e meu grupo



Os quatro momentos do Dia (Des. 34)



Eu e meus colegas (Des. 35)

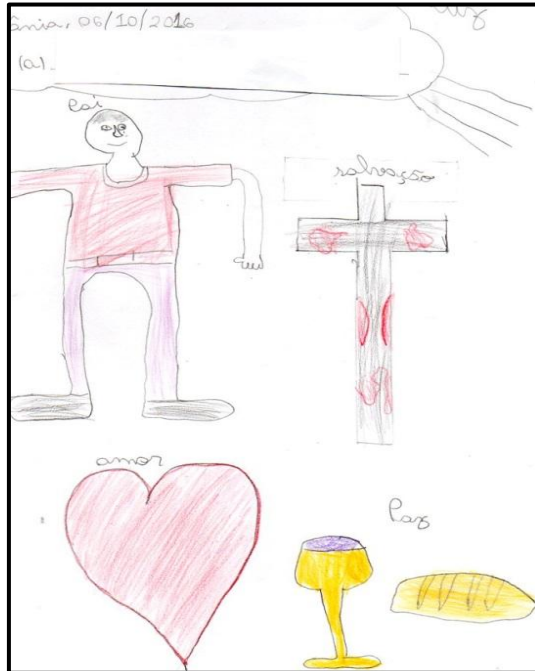
O desenho dos “Quatro momentos do dia” mostra que: no período da manhã, (J) apresenta-se com todas as características do desenho da família: a) pernas e braços abertos, b) olhos em pontos, c) ombros retos d) pés para fora, e) olhos sem pupilas, f) omissão de roupas, g) deitado na cama h) janela com vidro, (Des. 34).

Na ilustração “Eu e meus colegas”, os personagens: a) posicionam-se no centro; sendo que um é menor do que o outro; b) estão todos com os rostos tristes e roupas sem nenhum detalhe, c) a maioria parece esta brava d) o colega que está em primeiro lugar é o menor da turma, e) o último personagem é uma menina f) todos estão sem braços.

Embasado no autor Campos (2010), no primeiro desenho, (J) apresenta as mesmas características dos desenhos referentes à família, ou seja, regressão, imaturidade e ambivalência de comportamento. (J) acrescenta um detalhe nos olhos. Estes estão sem as pupilas, o que significa egocentrismo. Nos outros períodos, ao meio-dia e à tarde, ele surge sem roupas, expressando uma forte masculinidade e problemas sexuais. E por fim, deitado na cama em um ambiente com janela com vidros, ele está coberto só com a cabeça de fora. A janela com vidros sugere isolamento e desejo de proteção. Aparenta tristeza e preocupação. (CAMPOS, 2010, p. 38,49, 83, 87e 105).

No segundo desenho (J) está posicionado no centro da folha, sugerindo equilíbrio diante do grupo, como se ele fosse o líder da turma, porém, em um tamanho menor que os outros. Todos os personagens estão com os rostos tristes e roupas sem nenhum detalhe, parecidas com uma túnica, como se fosse um uniforme, representando um grupo. Estão todos com expressões de malvados. O interessante é que (J) está em primeiro lugar, significando maior valência, entretanto é o menor da turma. Entende-se que é um grupo formado e o último personagem é uma menina. O que se constata é que (J) não tem afetividade com os colegas, porque todos se apresentam com braços alinhados e cobertos com a roupa. No alto aparece uma nuvem, o que significa que a vida proporciona momentos agradáveis e desagradáveis. A presença do sol representa a energia masculina, relacionando-se ao lado mais combativo (Des.35).

3.4.4 A concepção do sagrado de (J)



Vínculo com a religião (Des. 36)

No desenho que (J) realizou em quem é “Deus para Mim”, ele colocou uma pessoa, um homem, e deu a ele o nome de “Pai”. O aluno desenhou uma cruz com manchas de sangue e escreveu a palavra “salvação”. Em seguida fez um coração, um cálice e o pão. No coração, colocou a palavra “amor” e no cálice e no pão, a palavra “paz”. (Des.36).

Para Otto (1985, p. 07 - 09), algo só pode ser considerado superior quando uma religião usa noções de conhecimento e quando o conhecimento pela fé transcende e exprime-se em noções. Essas noções simbólicas, formam um conjunto tendo como característica a marca da superioridade do cristianismo sobre outras religiões. Se observarmos (J), ele estabelece em seu desenho não só a expressão do sagrado, mas uma concepção doutrinária de sua religião, misturando seu aprendizado com sua fé.

3.4.5 Análise final de (J)

O aluno (J), segundo a professora de ER, tem muitas dificuldades nos relacionamentos na escola. Ele é uma criança adotada e posteriormente os pais se separaram. Ele é cheio de fantasias. Conta histórias exuberantes e os colegas acreditam em tudo o que ele fala e faz. No desenho da sua pessoa, (J) demonstrou ambição e desejo em ter mais conhecimentos. Em alguns desenhos, apresentou traços de regressão e reações de violência. Além disso, aparece depressivo em certos momentos, principalmente quando é chamada a sua atenção.

Na análise, os traços das ilustrações foram relevantes, pois parece que elas não são da mesma pessoa, são quase todas com traços diferentes, aparecendo apenas algumas coincidências. No desenho da família, (J) colocou alguns distantes dos outros, ele ficou em terceiro lugar e a mãe em último. Talvez, este seja um dos fatores que está influenciando o mau comportamento do aluno.

No início da pesquisa, quando foi perguntado, na sala, o que significava *bullying*, os colegas apontaram para (J) dizendo que ele fazia *bullying* com os colegas, pois ele gosta sempre de usar a seguinte frase: “*Eu sou o melhor de todos!*” Na parte dos “Quatro momentos do dia”, nos três desenhos, observa-se a primeira cena no mesmo padrão dos desenhos da família. No segundo e no terceiro, ele colocou duas figuras de perfis, sem roupas e parece que ficou apenas um lado do corpo. E no último, ele surge deitado com os olhos abertos, como se tivesse vigiando alguma coisa.

A falta da presença da família aparece em todos os desenhos. Nos dias atuais, muitos pais acreditam que os filhos conseguem sobreviver sozinhos. Dão brinquedos caríssimos para compensar a ausência deles. Chamat (1997) aponta que, “a falta de vinculação afetiva familiar impede que a criança mobilize certo nível de pulsão para aprendizagem”. Por conseguinte, a dificuldade de aprendizagem incentiva os colegas a praticarem o *bullying*.

Os desenhos dos cinco colegas, todos com expressão de bravos e vestes iguais, parecendo uma turma ou um grupo cujas particularidades sugerem que eles aterrorizam os demais colegas. Sobre isto, comenta Silva (2010, p. 43),

O agressor pode agir sozinho ou em grupo. Quando ele está acompanhado de seus “seguidores”, seu poder de “destruição” ganha reforço exponencial, o que amplia seu território de ação e sua capacidade de produzir mais novas vítimas.

O aluno (J), no desenho “Valorizando o meu eu”, apresentou-se em um tamanho grande significando ser o melhor de todos. Porém, no desenho “Eu e meus colegas”, ele se posiciona no centro, contudo em um tamanho menor. O que se constata é que o aluno não tem afetividade com os colegas. Enfim, (J) é uma criança que necessita de ajuda psicológica, pois ao conversar com a professora e mostrar o desenho dos colegas, afirmou que tudo era fantasia. E essa fantasia está crescendo dentro da sua mente, por isso que a psicopedagoga e a professora de ER precisam traçar metas para trabalhar com (J) e sua família, afim de evitar complicações na vida futura desta criança.

Otto (1985) afirma que a religião não fica apenas baseada em enunciados racionais e evidências. A relação de seus elementos faz com que ela tome consciência de si mesma. No desenho, (J) apresentou Deus Pai, o filho Jesus através da cruz, e o coração representando o amor e, por fim, os elementos da ceia ele nomeou de paz. Sabe-se que a maioria dos segmentos religiosos celebram a ceia para relembrar o morte e ressurreição de Jesus, a qual trouxe paz para a humanidade; e (J) demonstra ter conhecimento do sagrado através dos elementos simbólicos da religião.

3.5 CARACTERÍSTICAS DOS DESENHOS DA ALUNA (S)



Vínculo comigo mesmo (Des.37).



Eu e minha família (Des.38).

(S) é uma aluna de 09 anos de idade e cursa o 3º ano da primeira fase do Ensino Fundamental. Seu segmento religioso é protestante, denominado – “Sara a Nossa Terra”.

3.5.1 Vínculo Comigo Mesma e com Minha Família

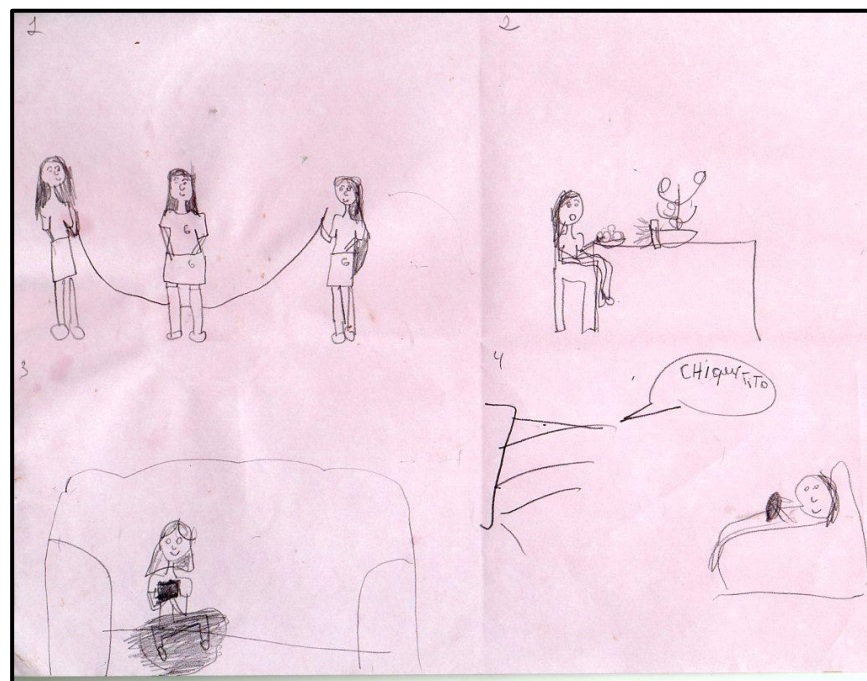
Os desenhos da aluna (S), na atividade “Vínculo comigo mesma”, possuem: a) cabeça grande em relação ao corpo, b) os olhos grandes e oblíquos, c) os braços rígidos encostados ao corpo, d) os cabelos bem delineados, e) ausência das pernas e das mãos. E o desenho, como um todo, está em tamanho grande, com uma pendência para o lado direito da folha. (Des 37). O desenho “Eu e minha família” aponta o seguinte: a) (S) foi a primeira pessoa a ser desenhada, b) o pai foi desenhado sem roupa, c) a mãe está triste e com os cabelos cacheados. (Des. 38).

Baseando-se em Campos (2010), podemos perceber que o desenho da (S), apresenta algumas características importantes. Para isto, faz-se necessário compreender as estruturas estabelecidas nas gravuras analisadas. No desenho “Vínculo comigo mesma”, segundo Campos (2010, p. 81 - 109), a cabeça grande em

relação ao corpo indica ambição intelectual, fuga e fantasia. Os olhos grandes e oblíquos são sinais de depressão e fraqueza no controle no meio em que vive. Os braços rígidos encostados ao corpo apontam o desejo de superar o problema. Os cabelos bem delineados, equilíbrio psicosexual. A ausência das pernas e das mãos sugerem falta de confiança nos contatos sociais e de afetividade. O desenho em tamanho grande, com uma pendência para o lado direito da folha, significa que se trata de uma criança impulsiva progressista.

No desenho “Eu e minha família”, segundo Hulse (*apud* CAMPOS, 2010, p. 104), a primeira pessoa desenhada indica maior valência. O pai foi desenhado sem roupa. Para Campos (2010, p. 101), a roupa teria surgido por necessidade de proteção, pudor e socialização; “a indumentária nasceu da harmonia desses três aspectos e tem o seu aspecto social”. Os cabelos cacheados da mãe, pode ser o desejo de chamar a atenção para si mesma e a boca pintada demonstra alegria.

3.5.2. Gosto de ouvir música no celular



Os quatro momentos do dia (Des.39).

No desenho dos “Quatro momentos do dia”, temos: a) (S) pela manhã aparece brincando de pular cordas com as colegas, porém sem as mãos, b) a boca foi desenhada de forma redonda e surge na hora do almoço) no período da tarde, ela está sentada no sofá com as pernas abertas, com um cobertor transparente cobrindo

as mesmas, d) no período da noite, surge deitada na cama, jogando no celular. (Des. 39). Segundo Campos (2010), as pernas abertas ou separadas significam debilidade ou problemas somáticos.

3.5.3 Estou de recuperação e daí, ninguém se preocupa comigo!



Par educativo (Des. 40).



Eu e minhas colegas (Des. 41).

Observando o desenho do “Par educativo”, tem-se: a) (S) está do lado da professora, b) a sobrelha da professora apresenta traços mais fortes, c) elas estão de costas para o instrumento de trabalho (quadro), e) ambas estão sem braços. (Des. 40). Já na ilustração de “Eu e meus colegas”, nota-se: a) (S) ficou no lado direito, na parte superior em tamanho menor, b) os cabelos das colegas estão diferentes uns dos outros, c) três personagens no desenho estão sem roupas (Des. 41).

Percebe-se que a aluna (S) ao desenhar o “Par educativo” usa a posição correta, pois segundo Sampaio (*apud* Visca, 2009, p. 173), quando o aluno aparece do lado da professora, há vínculo de aprendizagem, porém, ficando em primeiro lugar e maior que a professora indica maior-valia e desvalorização da professora. A sobrelha da professora apresenta traços mais fortes do que a dela, mostrando, personalidade forte e regressão da evolução afetiva. Estão de costas para o instrumento de trabalho, que, neste caso, é o quadro negro, implicando desinteresse.

No desenho “Eu e meus colegas”, (S) ficou no lado direito, na parte superior, em tamanho menor. O tamanho reduzido indica menos-valia e sentimento de inferioridade. O desenho dos cabelos das colegas está diferente uns dos outros. Aos olhos de Campos (2010), cabelos em cascata tratam-se de alguém desinibido; com tranças é sujeição e policiamento dos impulsos sexuais; com escova aparece reação agressiva; com franjas são problemas sexuais. É impressionante: três personagens no desenho estão sem roupas, inclusive (S); isto é exatamente confusão ou identificação de seu papel sexual, repressão da libido.

3.5.4 “Amor Senhor Papai do céu”



(Des. 42)

No desenho “O que é Deus para mim”, (S) desenhou um coração e colocou, dentro dele, sua família. O pai e a mãe no lado esquerdo e ela do outro lado com o seu cachorrinho, separados pela palavra “amor”. Os braços rígidos e apertados no corpo de (S) indicam desejo de superar problemas. As mãos do pai, cruzadas na zona central, apontam preocupação com a prática erótico (CAMPOS, 2010, p. 95-96). (S) preenche todo o espaço do papel. Segundo Cagnet (2013, p. 114), o preenchimento significa “não deixar nenhum espaço livre, nenhum espaço vazio que abra portas para representações detentoras de afetos tristes ou depressivos”.

Compreendendo os conceitos sobre o sagrado, segundo Otto (1985, p.17-27), a concepção do mistério designa apenas aquele que está oculto. Como podemos perceber, ao propor à aluna que desenhe “Quem é Deus para mim?”, ela coloca o sagrado sem representação física. Para a garota, o sagrado é aquele que pode lhe dar aquilo que lhe falta em sua casa: “amor”.

3.5.5 Análise Final dos Desenhos de (S)

Percebe-se através dos desenhos, que a aluna (S) é uma criança que se sente isolada, no meio das colegas. Afirmou que só tem uma amiga na sala de aula e que exerce certo domínio sobre a mesma. Os colegas a chamam de implicante. Como pessoa, ela se acha importante. (S) possui uma ambição intelectual; tem vontade de obter conhecimentos e aparece indícios de depressão. Quando está sozinha, sente-se grande e tem muitas fantasias, (Des. 20). Quando está com a família, também se coloca em uma posição de maior valência dentro da família. Ela é filha única e os pais sempre cedem aos seus caprichos.

É uma criança que não confia nas outras pessoas, tanto na família quanto na escola. Na rua onde mora, só tem amigos meninos e brincam de todas as brincadeiras. O que não é comum em sua faixa etária, pois segundo Rossini (2001, p. 86), nesta idade, é quando ocorre a guerra dos sexos. “Observa-se, nos grupos, que os meninos e meninas separam-se formando os famosos clubes do Bolinha e clube da Luluzinha” (ROSSINI, 2001, p. 86). E em muitos casos, (S) é impulsiva. No desenho (21), o pai surge sem camisa. Para Campos (2010), isso indica falta de três princípios importantes: proteção, pudor e socialização. Outra observação relevante é a presença do seu cachorrinho. Segundo (S), ele é o seu melhor amigo. Percebe-se que

não há afetividade entre a família, pois nos olhos da mãe há tristeza e as mãos dela estão afastadas das do pai.

No (Des. 29), no período da manhã, (S) aparece brincando na escola de pular cordas com duas colegas. Um fato preocupante é justamente a primeira cena, onde as três meninas aparecem com as mãos dentro da saia, apontando para a genital. “Por isso é também denominado de fase da latência – está tudo latente no subconsciente”, (ROSSINI, 2001, p. 86). No segundo momento, ao meio-dia, ela está almoçando sozinha, ouvindo música no celular. No desenho, apresentam-se momentos de agressividade oral, por conta de a boca estar em formato redondo. No terceiro, (S) está sentada no sofá, jogando no celular. Nesta cena, aparecem problemas de debilidade mental, exibicionismo e narcisismo, ou seja, amor pela própria vida. Observa-se isto quando (S) surge com as pernas abertas e com um cobertor transparente, cobrindo-as. E por último, deitada com duas ocupações, assiste na televisão à novela “As Chiquititas” e, nos intervalos, joga no celular. A criança deitada aponta uma atitude de pessoa desolada (Des. 29).

De fato, as cenas demonstram um afastamento da família na vida da criança, que precisa de muito afeto para conseguir ter um desenvolvimento saudável e uma adolescência sem muitos problemas. Ela afirmou, ao ser questionada por que usava o celular na hora de dormir, que: “Adoro o meu celular”.

A segunda parte da análise foi da escola. Como é o relacionamento de (S) com os colegas e com os professores. Nos desenhos mostrados anteriormente (40) e (41), a aluna aparece em um tamanho grande e de frente. Ela se apresenta superior à família. No “Par educativo”, ela e a professora estão de frente e uma do lado da outra e sem as mãos, mostrando assim falta de afetividade. A sobrancelha da professora apresenta traços mais fortes e um olhar desconfiado, por conta da forma como (S) trata os colegas.

Há uma preocupação no (Des. 41). Foi o único desenho em que ela aparece pequena. Sozinha, diante da família e da professora, ela acha-se superior. Porém, diante do grupo, ela fica inibida, sente-se inferior aos demais colegas. Neste caso, é importante a professora, a partir das análises, realizar um trabalho de socialização entre os colegas. Outro elemento curioso no desenho é o fato de que ela e mais três colegas aparecem no meio do grupo sem roupas. Isto indica confusão ou identificação de seu papel sexual. Ela ficou no lado direito, na parte superior e em tamanho menor;

o tamanho reduzido indica menos-valia, sentimento e inferioridade. Enquanto que na família ela se vê maior que os pais. (Des. 21).

A aluna desenhou os cabelos dos colegas diferentemente: as meninas com cabelos encaracolados, com tranças, com escova, com lenços; alguns meninos com gel e outros com franjas. (S) reconhece que seus colegas são desinibidos, moralistas, gostam de chamar a atenção e que uns são narcisistas e outros não.

No seu desenho (25), a aluna não nega o grande amor de Deus pela sua família. Ele aparece como se fosse um pedido de socorro. A família de um lado e ela do outro. A palavra “amor” aparece como se fosse uma oração: “Amor Senhor Papai do céu!”. Enfim, (S) apresenta dificuldade de relacionamento tanto com a família, quanto com os colegas e com os professores; isto ficou explícito quando ela disse: “Estou de recuperação, ninguém se importa comigo”. Assim, cabe ao professor de ER analisar as questões de relacionamento familiar para ajudar a criança nos problemas familiares e melhorar a aprendizagem e o relacionamento com os professores e colegas.

A aluna (S) demonstra no desenho “Quem é Deus para mim?” um pedido de socorro. É perceptível uma preocupação por parte da estudante. E que, provavelmente, está relacionada com a figura do pai. (Des. 38 e 42). Através desses desenhos, ela busca na religião soluções para os seus problemas. Portanto, cabe ao professor de ER estar atento e observar, em suas aulas, as mudanças de comportamento das crianças. Para Santos (2004, p. 85-86), o professor deve ter competência humana. Chamar o aluno pelo nome; tratá-lo como um indivíduo; descobrir a forma como ele aprende; valorizar a relação interpessoal na sala de aula. Sendo assim, o professor será capaz de ajudar o aluno nas suas necessidades. Ademais, a aula de ER deve ir além do currículo proposto e o professor dessa disciplina deve pensar na pessoa do aluno e como ajudá-lo.

3.6 COMO O ENSINO RELIGIOSO TRABALHA NO COMBATE AO BULLYING

O ER nas escolas tem um papel fundamental na formação da criança e do adolescente. Segundo Muniz (2014, p. 121), no regulamento do CIERGO, artigo 3º, aprovado pelo Conselho Estadual de Educação, o Ensino Religioso tem finalidades junto ao educando. Portanto, queremos destacar quatro questões no combate ao

bullying. Eis: 1. Promover uma educação consciente; 2. Promover o desenvolvimento integral de sua personalidade; 3. Promover o comportar-se com responsabilidade diante de si, de Deus e da sociedade; 4. O Ensino Religioso terá como texto base a Bíblia.

3.6.1 O Professor de ER, Frente à Situação de *Bullying*

A professora de ER, apesar de ter um tempo limitado para trabalhar com os alunos, tem uma significativa importância no processo. Ela está sempre atenta, observando tudo em relação aos mesmos. Em suas aulas, as mudanças de comportamento são visíveis. A pesquisa foi realizada baseada no tema *O Bullying e a Religião*: numa perspectiva da análise psicopedagógica através dos desenhos infantis. Cabe à escola observar de que forma está conduzindo o ER e que tipo de ensinamento está oferecendo. Drescher (1999) apresenta três parábolas que relatam a forma de como levar uma criança a Deus. As três parábolas contrastam-se pela maneira como foram aplicados os ensinamentos a respeito de levar uma criança a Deus. Elas refletem que tudo depende da forma que ensinamos e a forma que a criança entende quem é Ele. O ensinamento aplicado de forma correta pode aproximar uma criança de Deus. É preciso pensar como deve ser o ensino religioso de maneira eficiente e proveitosa.

Na primeira parábola, como nas demais, a criança foi tomada pela mão na direção certa, junto com quem a conduziu. O autor usa a seguinte frase: “Tomei uma criança pela mão, a fim de levá-la ao Pai”. Segundo ele, a pessoa ficou com medo. A responsabilidade era grande. Ensinou-se que o Pai era punitivo, severo, justo e intolerante. Na verdade, a grandeza do Pai é real, porém o que foi marcado na mente da criança é que o Pai não é perdoador, logo a criança teve medo quando aproximou-se para ser entregue ao Criador. Em muitos casos, o professor ou a instituição religiosa, à qual a criança frequenta, apresenta um Deus (do Antigo Testamento), a que tudo castiga. Assim, a criança perde o desejo de conhecê-lo. Tornando-se indiferente.

A segunda parábola denota a preocupação de encher a criança de conhecimentos não metodológicos, não preocupando com sua faixa etária, mas em entulhá-la com grande uma quantidade de ensino de uma só vez. O autor disse:

“Tomei uma criança pela mão, a fim de levá-la ao Pai”. Desta vez ele se preocupou com a quantidade de coisas que deveria ensinar. Pegou a criança e mostrou tantas coisas. Mostrou a natureza, os animais. O cansaço mental fez com que a criança não conseguisse assimilar todo o ensino e ela foi levada ao encontro do Pai. Em sua mente, seria bom que nunca o tivesse encontrado. Ao ver o Criador, a criança estava cansada e de novo não teve interesse por Ele. Em muitos casos, as escolas enchem os alunos de muitas informações, a professora precisa cumprir o currículo determinado e no final eles estão tão cansados que perdem o interesse pelas aulas.

A terceira parábola é iniciada de uma forma diferente; o autor está determinado. “Tomei uma criança pela mão para levá-la ao Pai”. Ele estava feliz, entusiasmado, privilegiado de ser um educador religioso, não displicente. Sem apressar os passos, olhando a beleza, foi andando e fazendo-a a entender o cuidado do Pai. Havia uma reciprocidade de conversa, falavam e ouviam o que caracteriza a atenção. A imagem do Pai feita pelo educador, fazendo-o interessar em conhecer o Pai. A gratidão de amor, confiança e alegria, pôs o Pai e a criança em sintonia. O resultado foi positivo e houve alegria no coração da criança e do educador que a conduzia.

Nessa terceira parábola, retrata-se o educador que conduz os alunos aos ensinamentos de amor, de compreensão, amizade e interação uns com os outros; ensina-se a criança a ter confiança, a não ter medo de enfrentar as dificuldades. Ajuda os alunos a valorizar e compreender a si e aos outros. O texto apresenta a determinação do professor ao levar a criança ao Pai.

3.6.2 A Atuação da psicopedagogia na escola no processo de *bullying*

A atuação do psicopedagogo na escola é de suma importância, pois o mesmo pode orientar os professores nos planos e na atuação junto ao aluno na sala de aula. Por conseguinte, os alunos podem entender melhor as aulas e interagir uns com os outros. Ademais esse profissional pode ajudar na elaboração do projeto pedagógico, orientar os professores a melhor instruir, em sala de aula, os alunos com dificuldades de aprendizagem, para evitar que haja discriminação; realizar um diagnóstico institucional, para averiguar possíveis problemas pedagógicos e de *bullying*, que possam estar prejudicando o processo ensino-aprendizagem.

Além disso, o psicopedagogo pode conversar com os pais para fornecer orientações e encaminhar o aluno para um profissional (psicólogo, fonoaudiólogo) a partir da avaliação psicopedagógica; auxiliar a direção da escola, para que os profissionais da instituição possam ter um bom relacionamento entre si; conversar com a criança ou adolescente, quando este precisar de orientação. Segundo Visca (2008, pg. 26), deve-se priorizar o “conhecimento” do paciente, mesmo que para tal, tenha que se realizar encaminhamentos a outros profissionais. O papel do psicopedagogo é de focalizar a problemática dentro do contexto escolar, a fim de facilitar o bom andamento das relações entre professor e aluno, escola e família. Ele deve trabalhar em acordo com os professores; e logo que for detectado um problema, através dos desenhos, convidar os pais para uma conversa, a fim de cooperar com a resolução dos problemas.

3.6.3 A Escola trabalha com uma visão voltada para o combate ao *bullying*: projetos

A escola onde foi realizada a pesquisa é do segmento religioso protestante. Tem realizado um trabalho de conscientização quanto ao amor a Deus, ao próximo e à interação com o outro. Realiza programações semanais de devocionais (culto), uma vez por semana, com todos os alunos. Organiza projetos como feira cultural, onde todas as atividades são voltadas para a valorização do ser humano e da religião.

Outro evento que a escola realiza anualmente são as Cantatas de Natal; todas as vezes com temas diferentes. Nesse ano de 2016, o tema foi Natal no Egito. Enfim, acredita-se que a religião é trabalhada com dedicação, seriedade e responsabilidade. Dessa forma, o trabalho deve ser iniciado nas classes das crianças bem pequenas (Maternal), pois assim a religião pode combater o *bullying* na escola.

Sobre esse aspecto, Oliveira e Ecco (2015), no texto *Reconhecer as Diferenças Religiosas: passos para o Diálogo na Escola* abordam as necessidades que a escola deve entender; as formas e os mecanismos de violências nas mesmas, fazendo relação com o *bullying*. Além disso, o texto em questão relata a importância da prevenção da violência na escola para evitar o *bullying*. No entanto, o que acontece é que as atitudes agressivas, às vezes, são consideradas como naturais.

A instituição escolar é o espaço para uma análise crítica sobre suas atitudes e as formas de agir, pensar e de se relacionar com o outro. Portanto, “lidar com as diversas

formas de violências não é fácil” (OLIVEIRA; ECCO, 2015, p. 81-82). Assim, com esta pesquisa, houve uma preocupação por parte da direção da escola ao observar os desenhos e perceber a importância de estar, a partir das análises, mais atentos para as questões abordadas que, muitas vezes, passam despercebidas pelos professores e até mesmo pela equipe gestora. Entretanto, preocupados com o assunto, já estão pensando em um projeto, denominado de “Saúde Mental” para o ano letivo de 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu do pressuposto de que a Educação Religiosa trabalha os ensinamentos cristãos sobre o amor a Deus e ao próximo; assim foi discutida a questão do *bullying*, que se configura como um problema social, cultural e religioso. Esses ensinamentos servem de motivação para combater a prática do *bullying* com crianças e adolescentes nas escolas. A pesquisa ocorreu em uma escola evangélica da região Norte de Goiás.

Nesta direção, foi abordada a questão do *bullying* e a religião em um olhar psicopedagógico. Primeiro, foram explorados os conceitos da religião e do *bullying* a fim de compreender melhor as questões que seriam trabalhadas a respeito do problema em questão. Com os dados coletados, foi possível observar que, em alguns casos, os pais são os responsáveis, de certa forma, em instruir os filhos a respeito da religião que seguem.

Em seguida, apresentou-se o exemplo dos pais da Bíblia, especificamente do Antigo Testamento, pois os mesmos ensinavam diuturnamente a respeito do seu Deus, o Deus de Israel. Foi pesquisado também como o ER é visto e como é trabalhado na escola nos dias atuais. Observou-se o currículo, o material didático e a metodologia do ER na escola, onde foi realizada a pesquisa.

Foram analisadas também as leis que amparam as crianças e os adolescentes no Brasil. Entretanto, o que ficou constatado é que muitos deles continuam sofrendo com a violência e, frequentemente, isto ocorre dentro de suas próprias famílias e escolas. Foi realizado um levantamento de dados e o Brasil ocupa o 3º lugar na taxa de mortalidade de crianças e adolescentes. Goiás, em 2015, ficou 7º lugar com 4.820 homicídios de adolescentes entre 12 a 19 anos. Vale ressaltar que as leis que amparam as crianças e adolescentes outorga aos mesmos o direito à vida, à saúde, à alimentação, à dignidade, ao respeito, à liberdade e convivência familiar, além de garantir combate à negligência, à violência, à crueldade e à opressão. Por outro lado, valorização, compreensão, aceitação do outro, interação e solidariedade são consequências da aplicação dos princípios cristãos e estão inseridas dentro do currículo nas escolas, públicas e privadas.

Ademais, nesta pesquisa, apresentou-se uma nova perspectiva dentro das análises psicopedagógicas, a fim de descobrir como o *bullying* gera a violência nas

escolas. Para tanto, houve necessidade, primeiramente, de conhecer e relatar a estrutura da escola. Neste caso, tudo deve ser levado em conta para evitar ocorrências de violência; inclusive o horário do intervalo dos maiores ser separado dos menores é fundamental. Ademais, observou-se também o perfil dos professores e dos alunos.

Em seguida, foram aplicados aos alunos quatro tipos de testes psicopedagógicos, através de desenhos, para averiguar o nível de violência existente na vida dos estudantes e como é gerada a violência na escola. Os testes tinham vínculos com a família, que é na realidade a base da sociedade, onde as crianças têm os primeiros contatos. Além disto, houve testes com vínculos com a escola e com a religião que é o principal objetivo desta pesquisa. Com isto, tentou-se descobrir se as aulas de ER poderiam ajudar a diminuir o nível de violência com crianças e adolescentes.

Os testes foram aplicados com as turmas do período matutino. A temática usada abordou o vínculo com a religião – “Quem é Deus para mim? – no intuito de perceber o nível de conhecimento da religião dos alunos. Nesse teste, participaram crianças de vários segmentos religiosos: cinco católicas, quinze evangélicas, dentre elas, tradicionais, pentecostais e neopentecostais. Uma criança de pais judeus e outras treze declararam não frequentar nenhuma instituição religiosa. Nos desenhos, eles apresentaram Deus como anjos, como pai e como um ser poderoso.

Na sequência, foram escolhidas duas classes, que apresentaram o maior índice de violência. Nestas foram realizadas dinâmicas de socialização para interagir os alunos. Ali se empregaram os testes referentes ao “Vínculo comigo mesmo”, “Eu e minha família”, “Os quatro momentos do dia” e “O par educativo”.

A pesquisa permitiu identificar, mediante os testes, através dos desenhos infantis, o nível de violência existente nos alunos. No teste “Vínculo comigo mesmo”, eles fizeram um autorretrato; oito alunos mostraram características de crianças que sofriam e provocavam *bullying* na escola. A pesquisa então tomou novas direções. Dos oito alunos, foram selecionadas quatro a fim de fazer uma análise mais aprofundada e descobrir as causas e consequências da violência nas escolas.

Os resultados dos desenhos dos alunos escolhidos para a análise final foram dos alunos que nomeamos de (K), (GT), (J) e (S). Os desenhos apresentaram de um modo geral agressividade, egocentrismo, revolta, solidão e falta de afetividade por parte da família. Dois participantes são de pais separados. Os outros dois

caracterizam-se por serem uma é filha única e um adotado. Enfim, o que ficou constatado foi a falta de estrutura familiar e religiosa. Nos desenhos dos alunos que confirmaram ser religiosos, não apareceram vínculos com a religião. Na realidade, a religião torna-se proforma, ou seja não apresenta um valor legal, eles apenas frequentam alguma instituição religiosa por frequentar. Segundo Geertz (2001, p. 155), “o mundo não funciona apenas com crenças. Mas dificilmente conseguirá funcionar sem elas”.

A aluna (K) demonstrou insatisfação com o corpo e apresentou inicialmente uma criança isolada na sala de aula, pois declarou não ter amigos. Ela provoca e sofre *bullying*. Sofre por ser considerada a colega insuportável na sala de aula; chegou a ser chamada pela colega (S) de “cobra”. Entretanto, na dinâmica da caixa de bombom, quando todos os colegas deveriam apresentar uma qualidade para o(a) colega, (K) recebeu, não só de (S), mas de todos os colegas a seguinte qualidade: “A (K) gosta muito de ajudar”. O fato está relatado no segundo capítulo. Com isto, ela começou a ficar diferente em relação aos colegas, por perceber que tinha valor dentro da sala de aula.

Outro fato interessante que ocorreu foi quando ela emprestou o lápis e a borracha para a colega (S), pois a mesma chamou-a anteriormente de “cobra”. Foi alertada pela professora de ER que (K) foi convidada para participar da Cantata de Natal, como solista e logo que começou a ensaiar, mudou o seu comportamento para melhor. Estas questões, aparentemente simples, tornam-se importantes para uma criança que, às vezes, são desvalorizadas dentro da família. Isto é observado no seu desenho da família, quando o primo ficou em primeiro lugar dentro da instituição. No desenho de “Quem é Deus para mim?”, (K) faz a ilustração de um Deus como um cuidador ou protetor. No final, faz uma oração, “Deus é meu pai, Ele nunca vai deixar de ser meu pai”. (Des. 31).

O aluno (GT) sofre *bullying* dentro da família e na escola. Na família, sofre porque o irmão mais velho bate muito nele. Isto ficou bem visível quando desenhou a família e recusou em desenhar o irmão, alegando não saber desenhá-lo. Sofre também por ser o filho do meio, apresentando ter ciúmes do menor, (Des.33). Na escola, sofre *bullying* por ter dificuldades de aprendizagem. Os colegas não têm paciência com ele e por isso ele tem apenas um colega. Vive no mundo de fantasias, como se observou, (Des.34). Com relação à religião, o aluno possui o sentido de

gratidão, de confiança, de amor, de segurança, de submissão e de resignação a Deus, mesmo não pertencendo a nenhum segmento religioso.

O aluno (J) provoca *bullying*. Ele se acha melhor que todos os colegas, (Des. 32). (J) declara-se o mais importante da turma. Criou uma fantasia, relata fatos exuberantes e os colegas acreditam em tudo o que ele faz e fala. Foi adotado quando pequeno e tem problemas com a família. Atualmente, os pais são separados. Não tem dificuldades com a aprendizagem. O aluno (J) necessita de ajuda psicológica.

A aluna (S) por se sentir a menor de todas faz *bullying* com os colegas. No meio familiar, apresenta-se como grande e poderosa; no meio das colegas como a menor de todas e desprovida de força, (Des.41), porém causa intriga entre os colegas, induz a única amiga que é muito tímida a escrever cartas para provocar confusão. Por esses fatos, torna-se indesejável diante do grupo. Há elementos intrigantes nos desenhos em relação ao pai dela, (Des. 38 e 42), pois na análise aparece erotização por parte dele. Portanto, a professora de ER e a psicopedagoga devem, com urgência, traçar metas para conseguir descobrir realmente as causas e encaminhá-la para profissionais, a fim de ajudá-la nessas questões.

Por fim, o ER na escola passa, a partir das análises realizadas, no decorrer da pesquisa, a se preocupar com a questão do *bullying*, observando com mais precisão os alunos que provocam e os que sofrem agressões com frequência. Logo se deve observar as crianças tímidas, que ficam isoladas dos demais colegas; as que não brincam com as outras; as que choram com frequência, buscando colocar os pais cientes da situação, com o objetivo de buscar alternativas para a solução das dificuldades.

Os resultados obtidos nesta pesquisa foram positivos, pois conseguimos detectar e perceber que, infelizmente, há muitas crianças nas escolas que sofrem *bullying* e, às vezes, o professor, envolvido com as atividades do dia a dia, passa despercebido o tal problema. Porém, o que desejamos como este trabalho é realmente que o professor de ER tenha a missão de ajudar os alunos, que estão enfrentando dificuldades, e apresentar Deus a eles, de uma forma coerente, a fim de que possam entender o grande amor de Deus pelas pessoas.

Ademais, objetivamos também que o professor de ER possa organizar, junto com os demais professores e com a direção da escola, projetos de interação e socialização, no intuito de mudar o quadro de brigas e agressões na escola. É importante ressaltar que esses projetos deverão começar com as crianças menores –

Educação Infantil - até atingir os adolescentes; seria como uma prevenção contra o *bullying*. Sendo assim, elas poderiam enfrentar as dificuldades e conseguir vencê-las.

Em linhas gerais, a atenção do professor de ER precisa, às vezes, ter um olhar psicopedagógico, um olhar de amor para conseguir ver através dos desenhos, ou seja, das expressões estampadas no papel, e muitas vezes nos rostos dos alunos, os seus sofrimentos e as suas angustias. Tudo o que foi dito, se for aplicado aos princípios cristãos, com certeza contribuirá com o combate ao *bullying*.

Encerro a minha dissertação com uma frase do Geertz, (2001, p. 149 - 158): “A religião produz identidade, sentido e poder [...] e dá sentido à vida”.

REFERÊNCIAS

ACCORSI, Adriana Sauthier; FERRAZ, Geralda Cunha Teixeira. *A Violência no Contexto escolar*. In: OLIVEIRA, Irene Dias de. (Org.). *Bullying Submerso: Religião e Etnicidade na escola*. Goiânia: Fonte editorial, 2015. p. 113-121.

AFFONSO, Rosa Maria Lopes. *Ludodiagnóstico Investigação clínica através do brinquedo*. Porto Alegre: Artemed, 2012.

ALBUQUERQUE, Rosângela Nieto de. Imagina uma escola... conectada à vida do aluno. Recife: *Construir*, nº14, p.41, set. 2014.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. *Psicopedagogia Um diálogo ente psicopedagogia e a educação*. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2006.

BASSEDAS, Eulália. (Org). *Intervenção Educativa e Diagnóstico Psicopedagógico*. Porto Alegre: Artmed, 1996.

BAZÍLIO, Luiz Cavalcante; Kramer Sônia. *Infância, educação e direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2003.

BÉDARD, Nicole. *Como interpretar os desenhos das crianças*. São Paulo: Editora Isis, 2010.

BEECHICK, Ruth. *Como Ensinar Crianças do Jardim de Infância: Compreendendo e Educando Crianças de 4 e 5 anos*. Rio de Janeiro: CPAD, 1980.

BELLIO, Júnior, Mário Enzio. *Bullying, o que é isso? Vamos enfrentar com amor*. Curitiba: Divulgação Cultural, 2012.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985.

BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 5ª ed. ver. Atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

BORGES, Fernandes. *Goiás Ocupa a Posição em Índice de Assassinatos de Adolescentes*. Goiás: GIGO, 2015.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 67/2010 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94. Brasília: Senado Federal, 2011.

CAMPOS, Dinah Martins de Sousa. *O Teste do Desenho como Instrumento de Diagnóstico da Personalidade. Validade, técnica de aplicação e normas de interpretação*. 42. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CANDAU, Vera Maria. *Didática em Questão*. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

CARLOS, Weliton. 2015: O ano mais violento da história de Goiás. Goiânia: *Cotidiano*, 01/01/2016. Diário da Manhã, Goiânia.

CAMARGO, Orson. "Bullying"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>>. Acesso em 19 de janeiro de 2010.

CARPERNTER, Deborah e FERGUSON, Christopher J. Tradução Yma Vick *Cuidado! Proteja seus Filhos dos Bullies*. São Paulo: Butterly, 2011.

CARVALHO, Marília Pinto. *Violência nas escolas "bullying" e a indisciplina*. Rio de Janeiro: Observatório de infância, 2007.

CHAMAT, Leila Sara José. *Relações Vinculares e aprendizagem: um enfoque psicopedagógico*. São Paulo: Vetor, 1997.

COGNET, George. *Compreender e interpretar desenhos infantis*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CAPRILE, Roberta. Bullying também pode ocorrer dentro de casa. *TV, Santa Cecília*, 05 de abril de 2014.

CUNHA, Marcus Vinícius da. *Psicologia da Educação*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

DRESCHER, John M. *Sete Necessidades Básicas da Criança*. 12ª ed., São Paulo: Editora Mundo Cristão (1999).

FONTE, Cleo. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2. ed. Campinas: Verus, 2005, p. 75.

FERNÁNDEZ, Alicia. *A Inteligência Aprisionada*. Tradução de Iara Rodrigues – Porto Alegre: Artmed, 1991.

FREUD, Sigmund. *Obra psicanalíticas completas de Sigmund Freud: Uma Neurose Infantil e Outros Trabalhos (1917 – 1918)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GADOTTI, Moacir. Ser Professor, ser educador. *Construir Notícias*, Recife: Construir, V. 54, Nº09, p.03, 2010.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC editora, 1989.

GOMES, Marcelo Magalhães. O Bullying escola no Brasil. Brasil Central. Publicação 04/2011.

GOULART, Iris Barbosa. *Piaget Experiências básicas para utilização pelo professor*. Ed.28. Petrópolis, RG: Vozes, 2012.

HAYWARD, Armistrong. *Base da Educação Cristã*. Trad. Merval de Sousa Rosa, Rio de Janeiro: JUERP, 1992. SOUZA, Cristina Ponteja

JUNIOR, Alberto Stoppe e NETO, Mario Rodrigues Louzã. *Depressão na Terceira Idade Apresentação Clínica Abordagem Terapêutica*. São Paulo: Lemos Editorial, 1999.

LAGE, Nildo. A Escola dos Meus Sonhos. Recife: *Construir Notícia*, nº 54, p. 39, set. 2010.

LEÃO, Leticia Gabriela Ramos. O Fenômeno Bullying no Ambiente Escolar. Vila Velha, E.S: *Revista FAEVV*, Nº 04, Jan/jun. 2010.

LEITE Filho, Tácito da Gama. *Religião e Seitas*. Goiânia: CETEO, 2003.

MARTINS, Adriana. *Bullying é coisa séria!* Curitiba: Editora Positivo, *Ed. Atividades e experiências*, nº 13, p. 12, setembro, 2010.

MENDONÇA, Renata. Goiás aposta em 'Militarização' de escolas para vencer violência. *BBC Brasil*, São Paulo: 26 de agosto, 2014. Disponível em: meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-bullying-escolar-no-brasil.htm.

MIRANDA, Vera Regina. Reflexão sobre o Bullying. SC: Afettus, 2011.

MORAES, Paula Louredo. "Síndrome de Down"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/doencas/sindrome-de-down.htm>>.

MUNIZ, Tamiris Alves. *A Disciplina ensino Religioso no currículo escolar brasileiro*. Goiânia: UFG, 2014.

O'DEA, Thomas F. *Sociologia da religião*. São Paulo: Pioneira, 1969.

OLIVEIRA, Irene Dias; ECCO, Clóvis. Reconhecer as diferenças religiosas: passos para o diálogo na escola. OLIVIERA, I. D. (Org.). *Bullying Submerso: Religião Etnicidade na Escola*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015, p. 81-94.

PARKER, Cristián, *Religião popular e modernização capitalista: Outra lógica na América Latina*. Tradução de Atilio Bruneta. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

OTTO, Rodolf. *O Sagrado*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

RABELLO, Nancy. *O Desenho Infantil: Entenda como a criança se comunica por meio de traços e cores*. 2ª Ed. RJ: Wak editora, 2014.

REGES, Adriano. Adolescentes torturam e ameaçam de morte outra menor de idade em GO. Goiânia: *Diário da Manhã*. 2016. Disponível em: g1.globo.com/.../adolescentes-torturam-e-ameacam-de-morte-outra-menor-de-idade-e.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. *Pedagogia Afetiva*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SAMPAIO, Simaia. *Manual Prático do Diagnóstico Psicopedagogo Clínico*. Rio de Janeiro: Wak editora, 2009.

SANTOS, Cássio Miranda dos. *Ensinar Verbo transitivo: Como Conduzir os Alunos à Aprendizagem*. 2ª ed., Belo Horizonte: [s.n.], 1999.

SILVA Pedro, *Indisciplina e Bullying: Soluções ao Alcance de Pais e Professores*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2013.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas, Verus editora 2005

_____. *Bullying Mentos perigosas nas ESCOLAS: Como identificar e combater, a violência a covardia entre alunos*. Rio de Janeiro, Objetiva 2010.

SILVA, Geane de Jesus. *Bullying: Quando a Escola é um Paraíso*. Jitaúna BA: *Jornal Mundo Jovem*, ed. Nº 364, março de 2006.

SILVA, Tomaz da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, Cristina Ponteia de , ALMEIDA Léo César Pereira de. Bullying em Ambiente Escolar. ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, *Centro Científico Conhecer - Goiânia*, vol.7, N.12; 2011.

TORRES, Demóstenes- Senador Federal. Estatuto da Criança e do Adolescente. *Dispositivos Constitucionais Pertinentes Lei nº 8.069, de julho de 1990*. Brasília-DF:

WAISELFISZ, Júlio Jacobo. *Mapa da Violência, homicídios por armas de fogo no Brasil*. São Paulo: FLACSON Brasil, 1998.

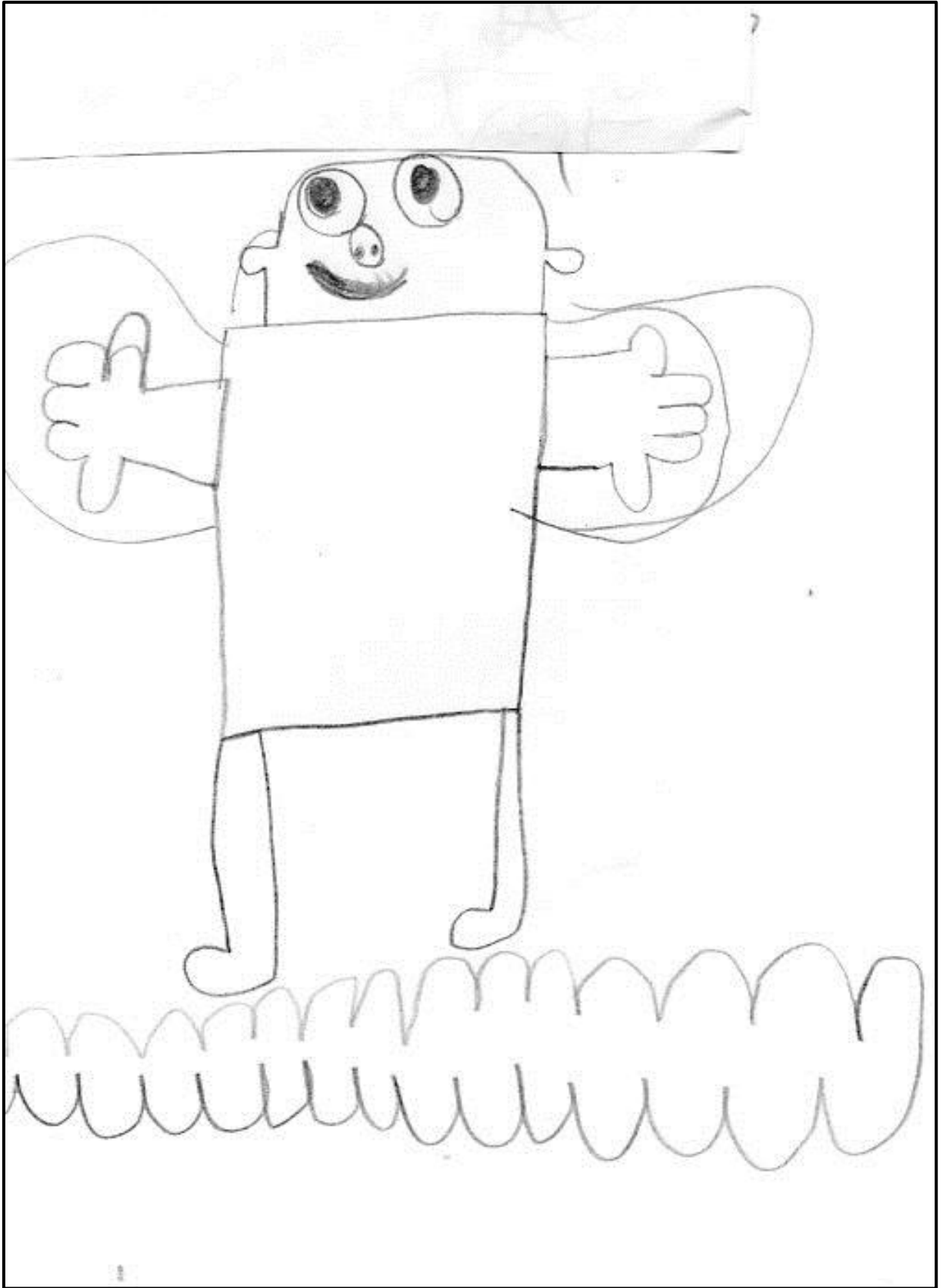
WEISS, Maria Lúcia Lemme. *Psicopedagogia Clínica uma visão dos problemas de aprendizagem escolar*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

WENDELL, Ney. *Carinho de Aprende: Atividades para professores e pais*. Recife: Prazer de Ler, 2016.

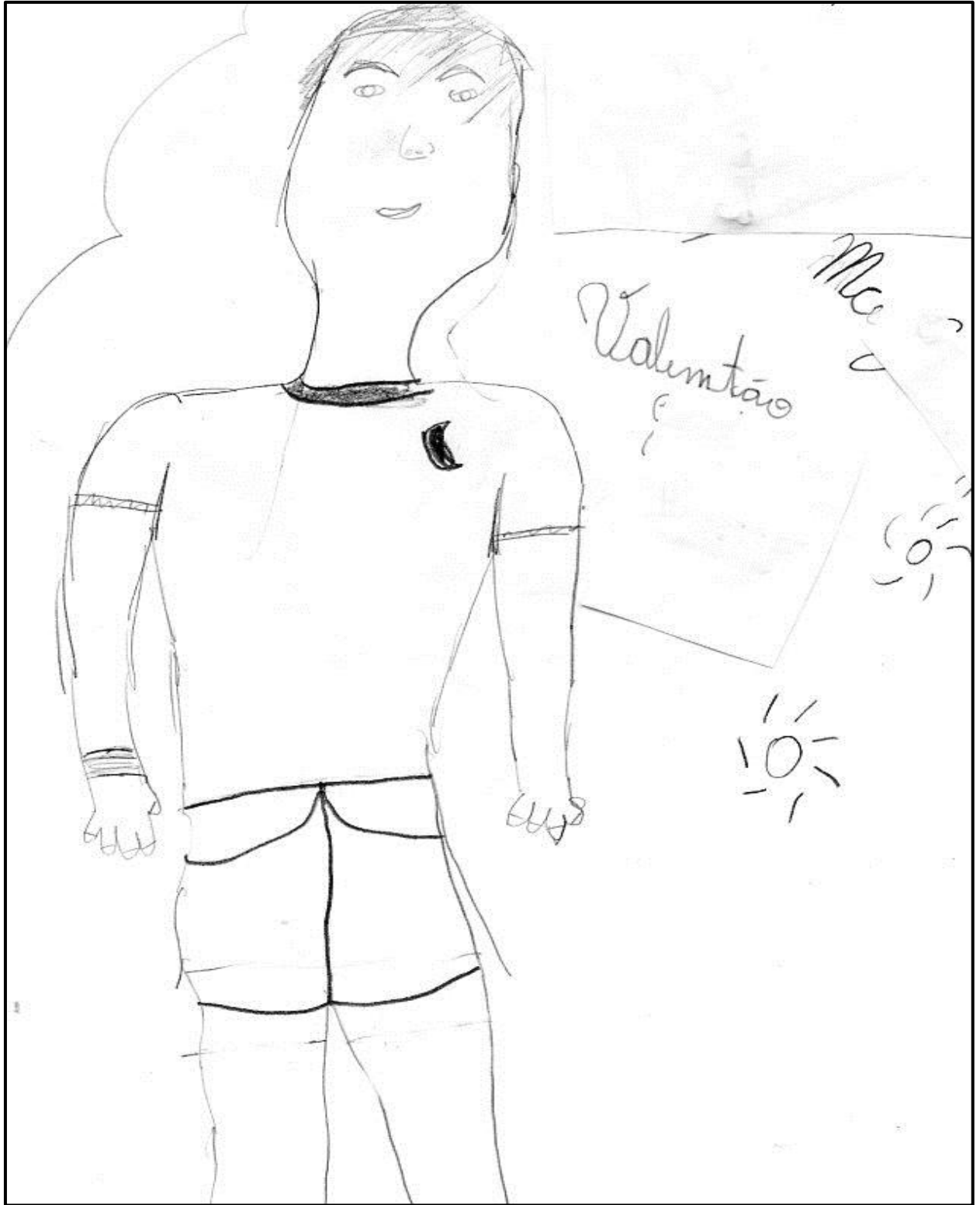
ANEXOS



(Des. 01)



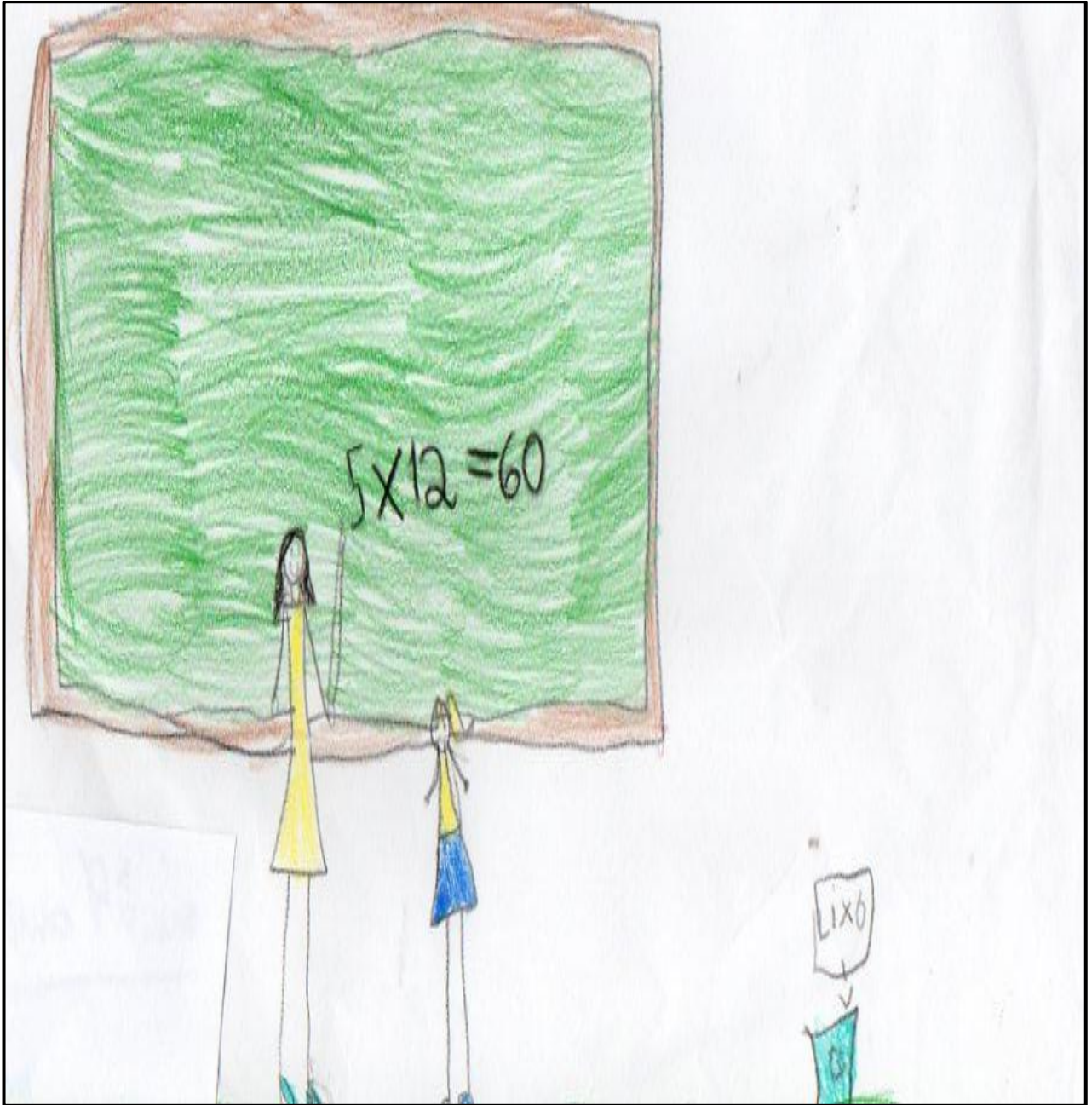
(Des. 02)



(Des. 03)



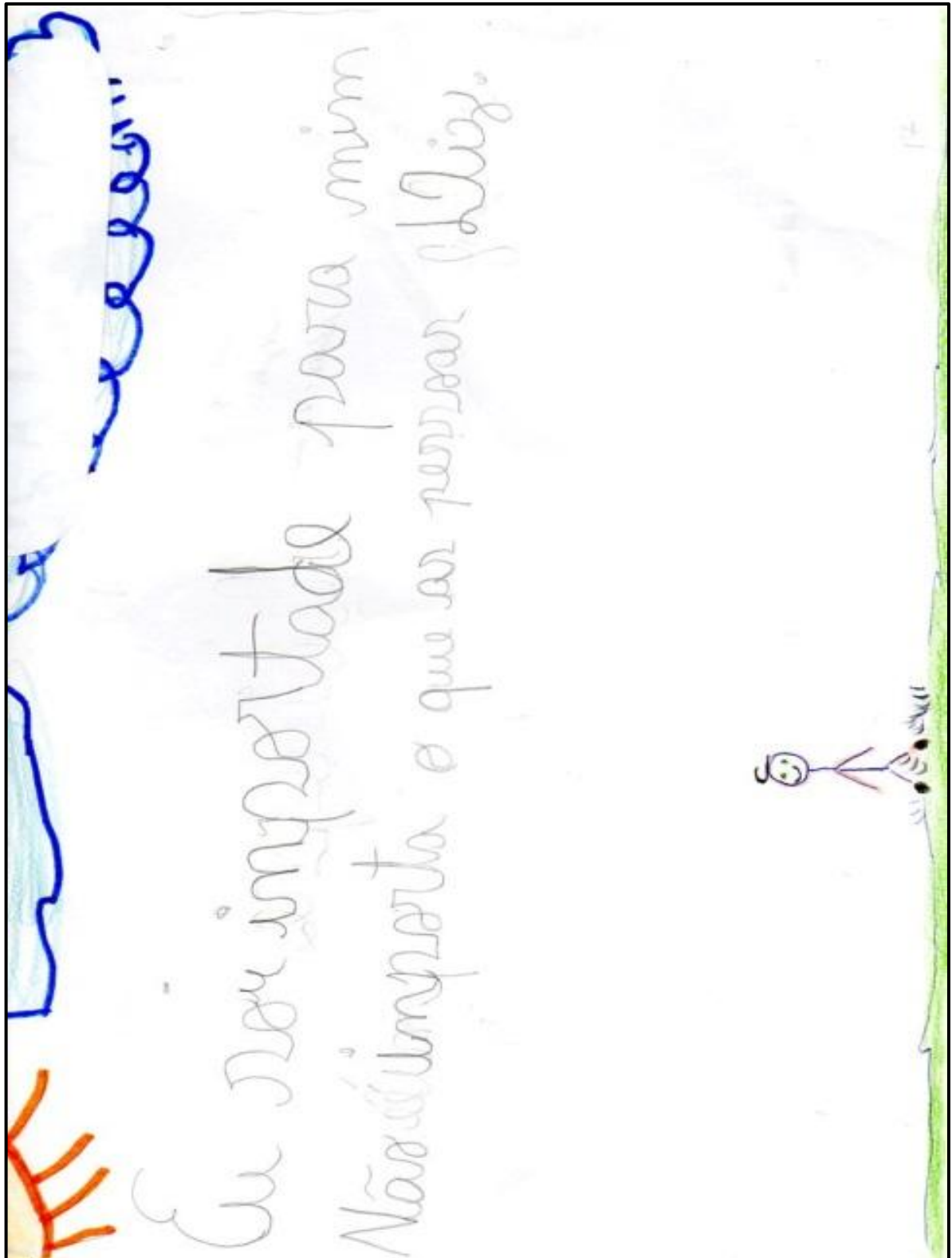
(Des. 04)



(Des. 05)



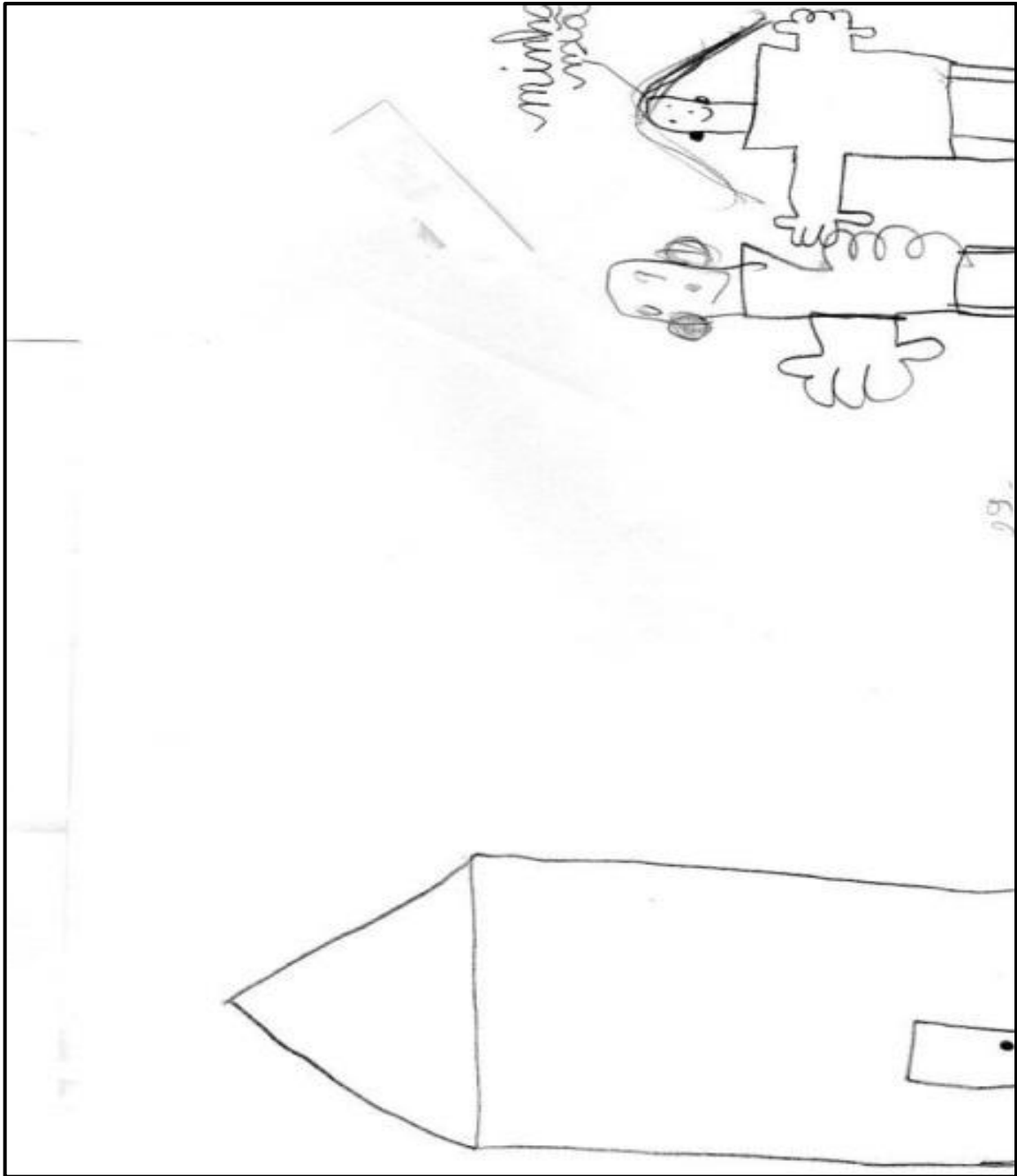
(Des. 06)



(Des. 07)



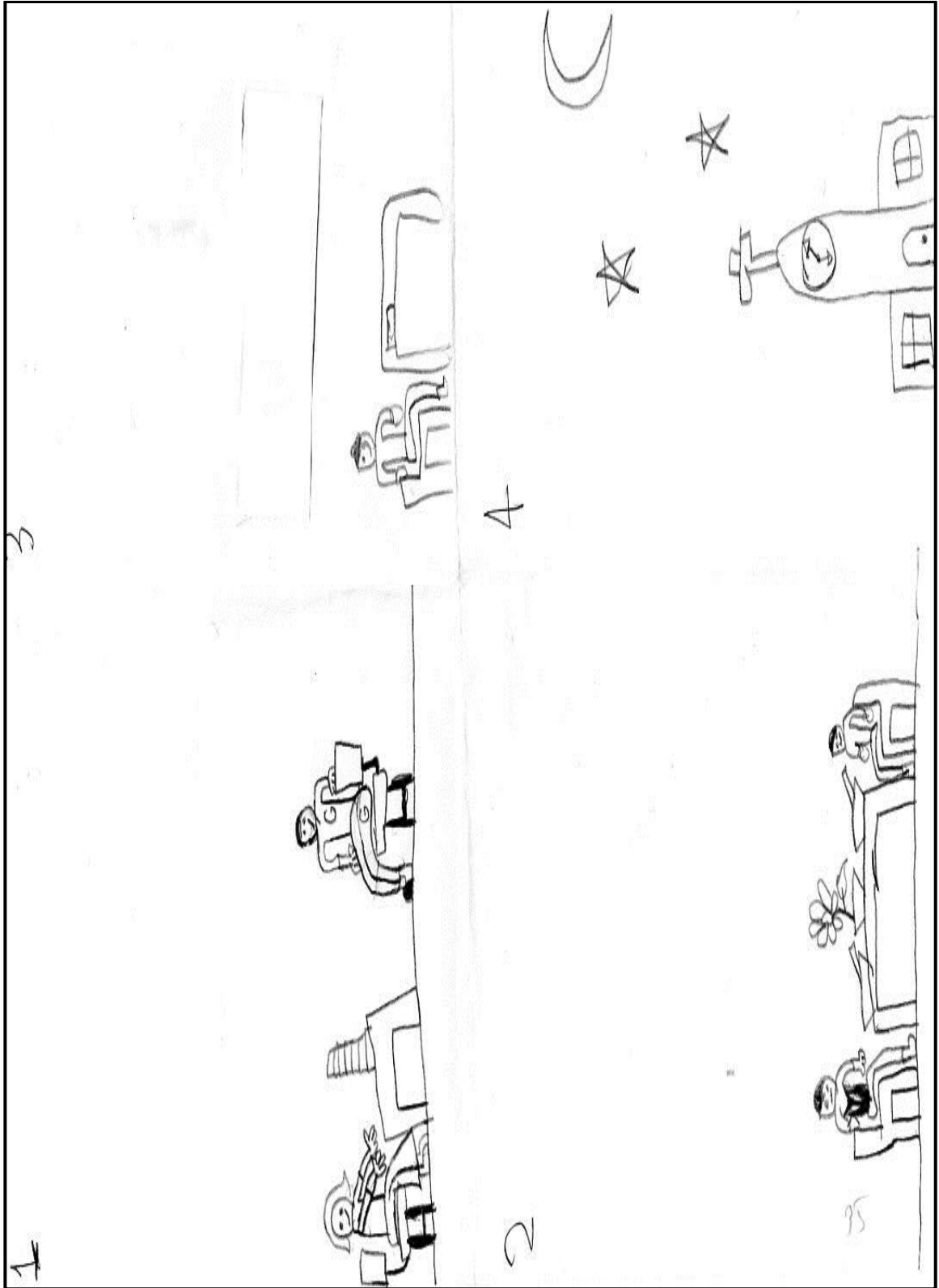
(Des. 08)



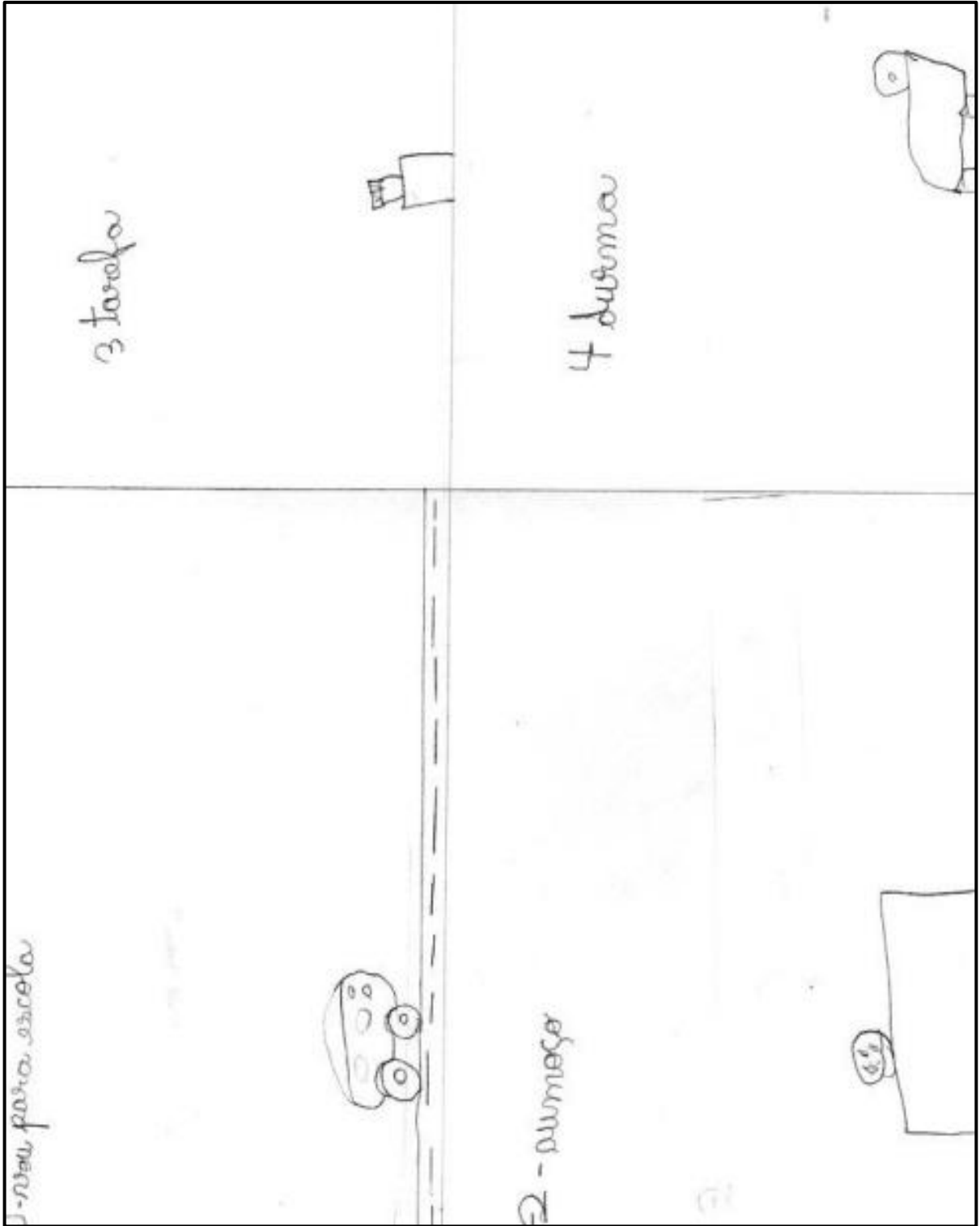
(Des. 09)



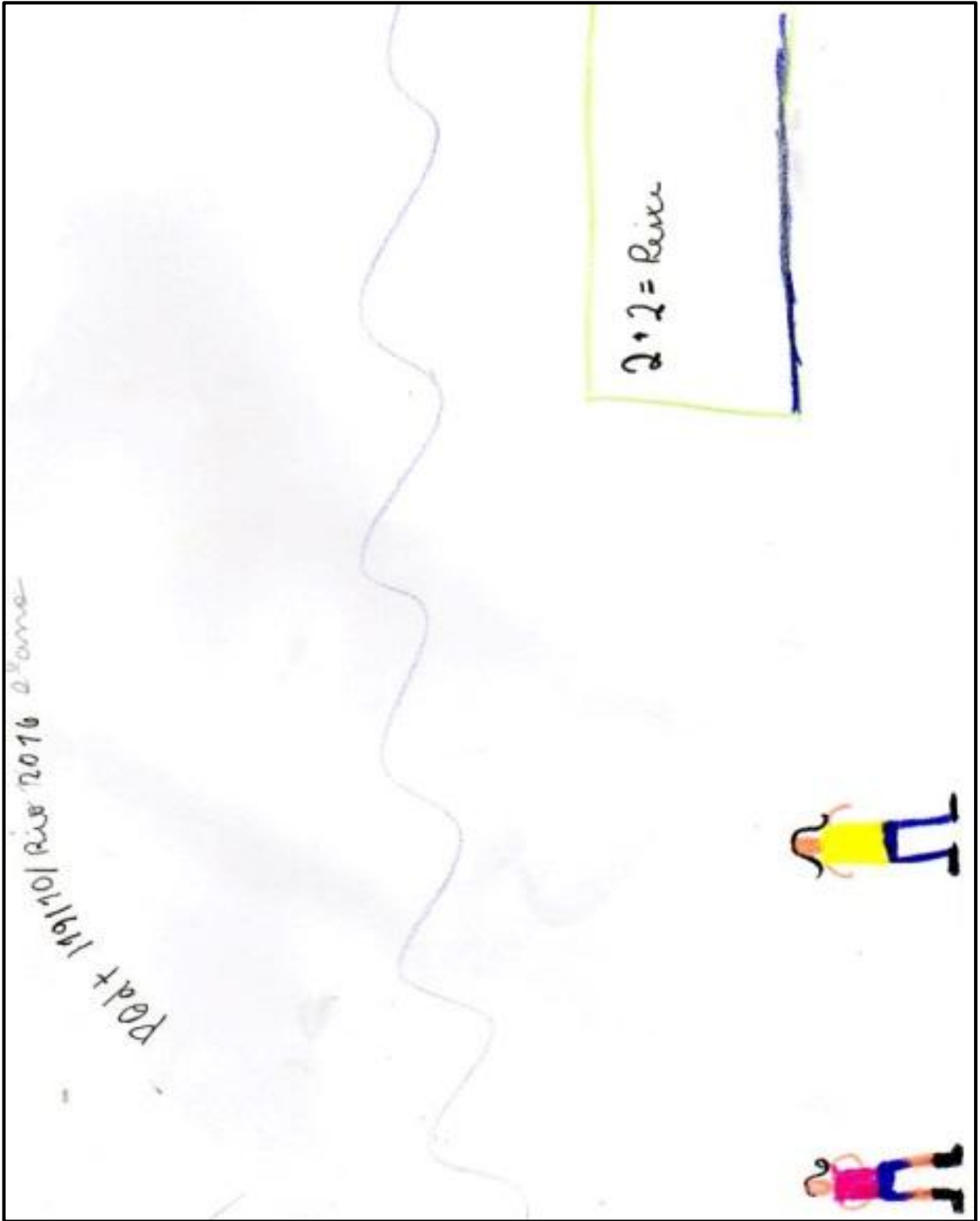
(Des.10)



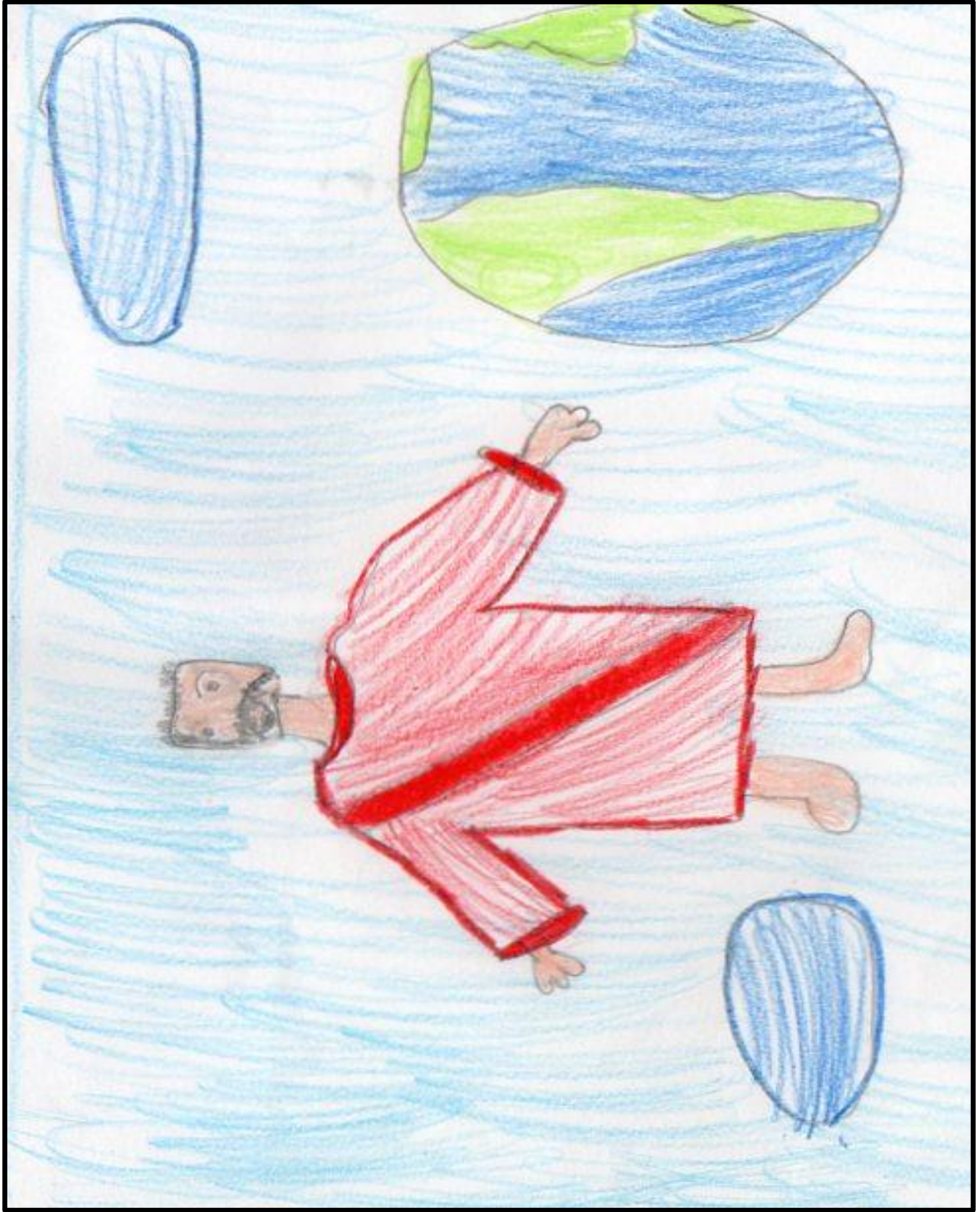
(Des. 11)



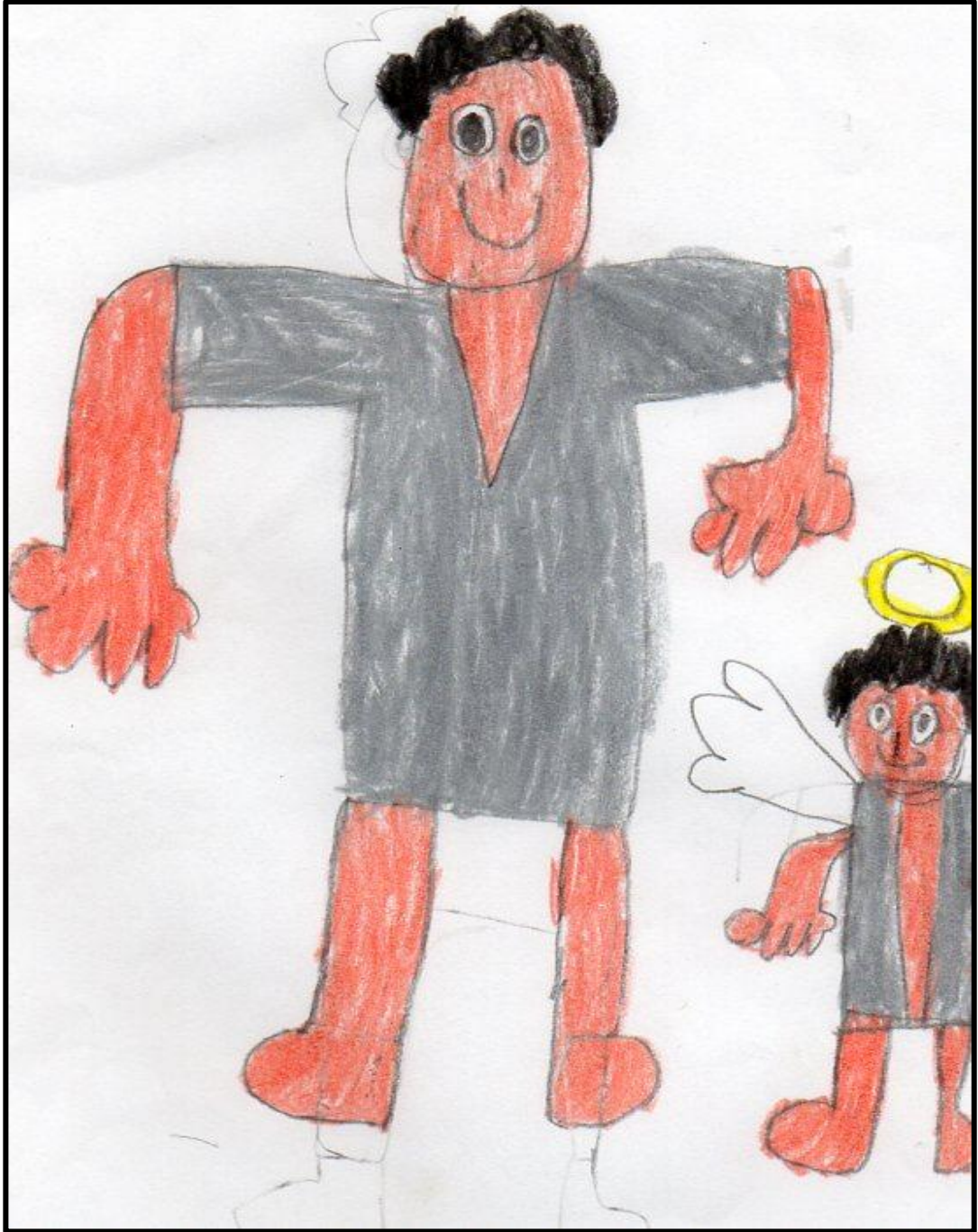
(Des. 12)



(Des. 13)



(Des. 14)



(Des.15)



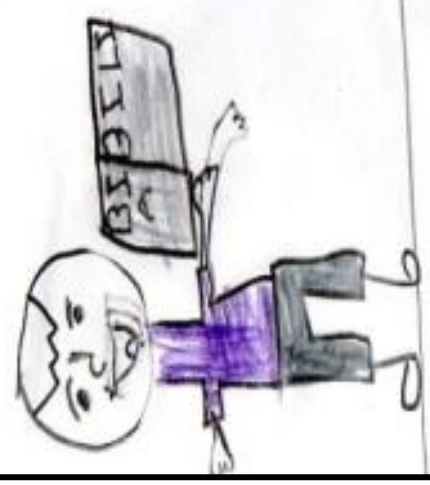
(Des.16)



(Des.17)

Sp, 04/10/2016 / Aluno:

Quem Deus para você?
Deus É MEU PAI



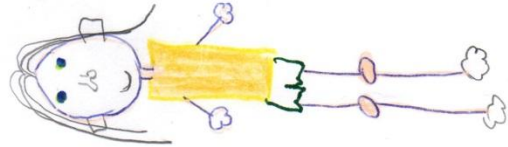
(Des. 18)



(Des.19)

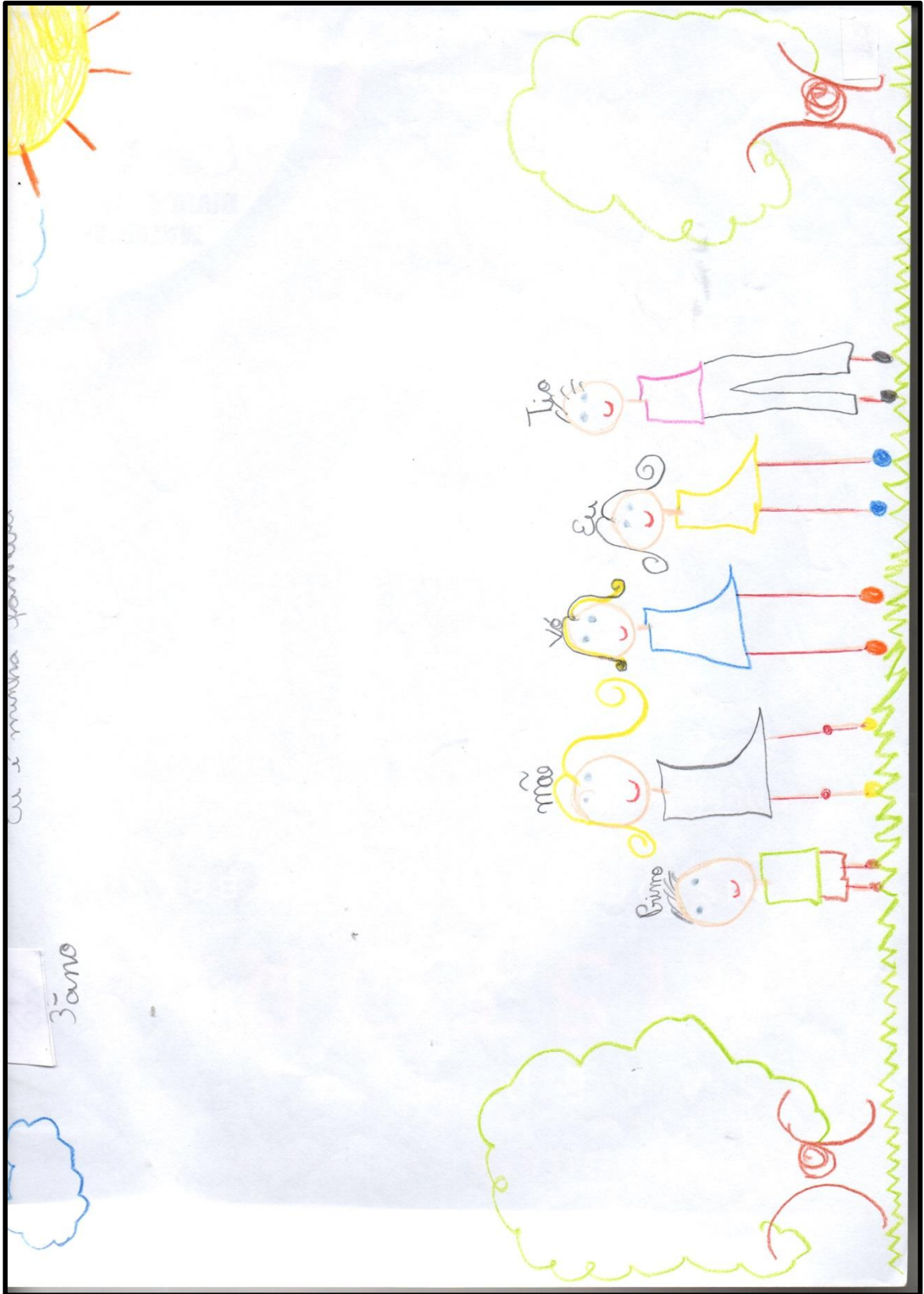
Hand!
3º ano

Eu acho meu nariz muito longo
Eu queria que o meu olho fosse verde, Eu queria
que meu cabelo leira naturo de nascimento

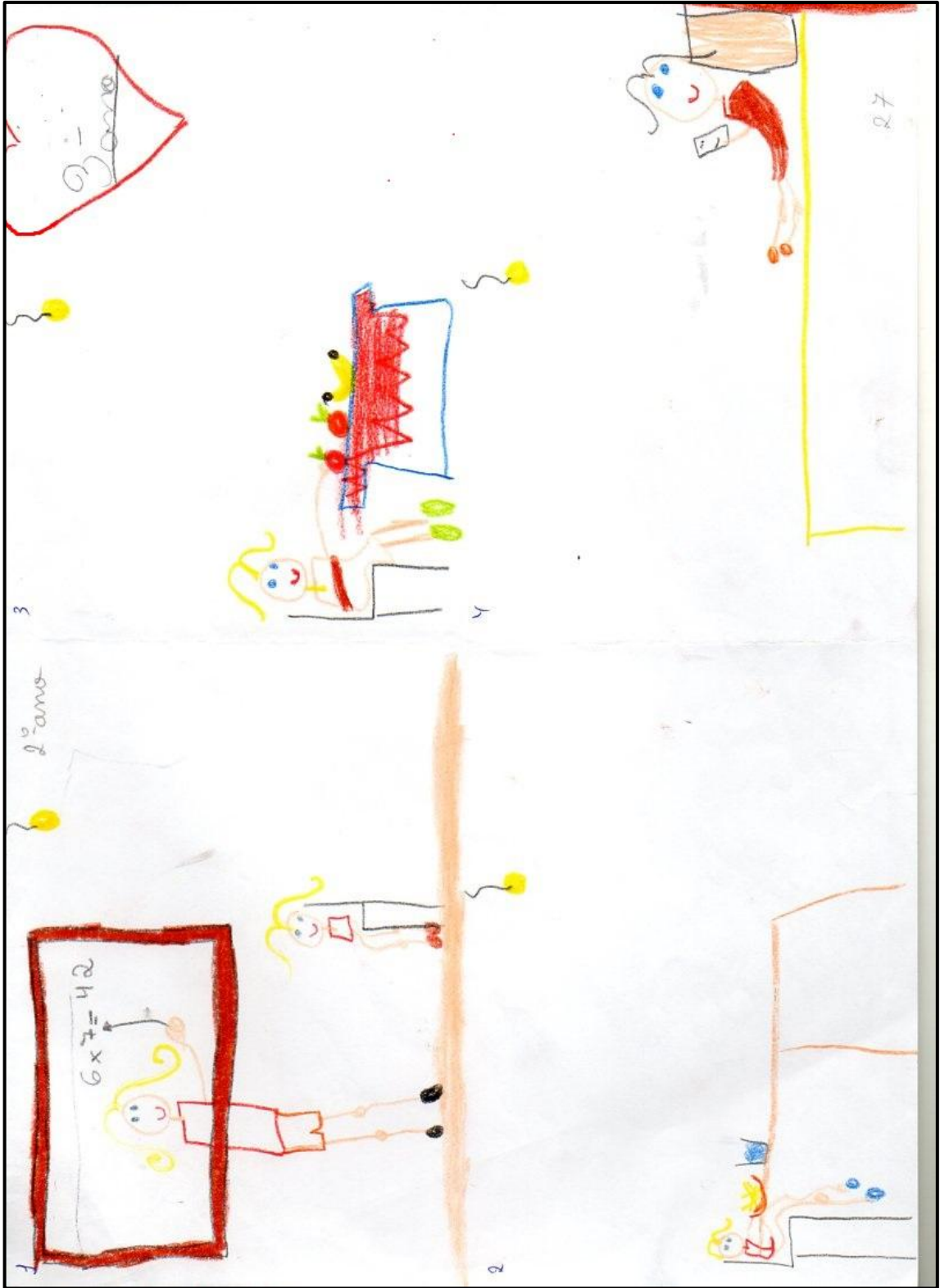


1326

(Des.20)



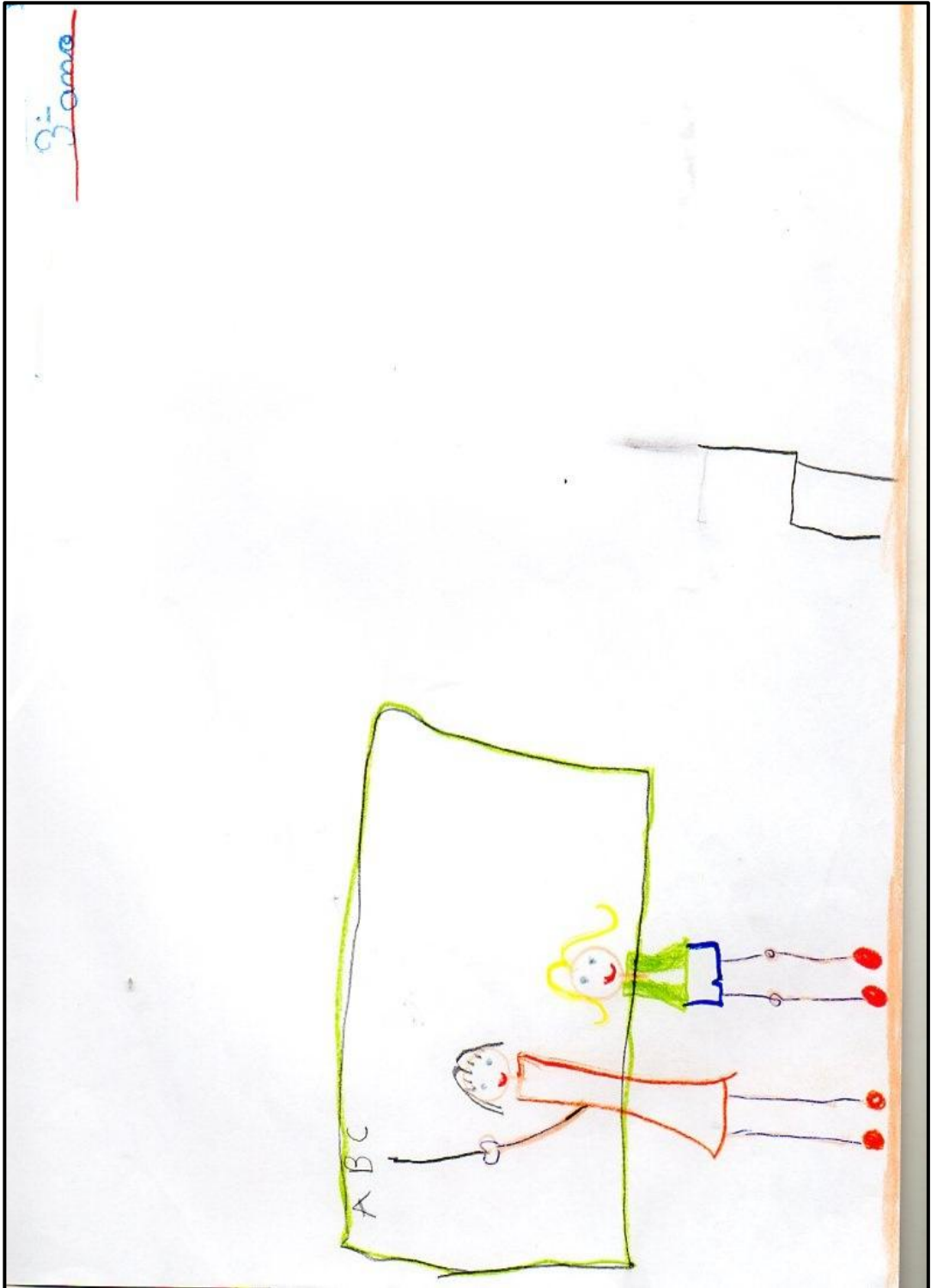
(Des.21)



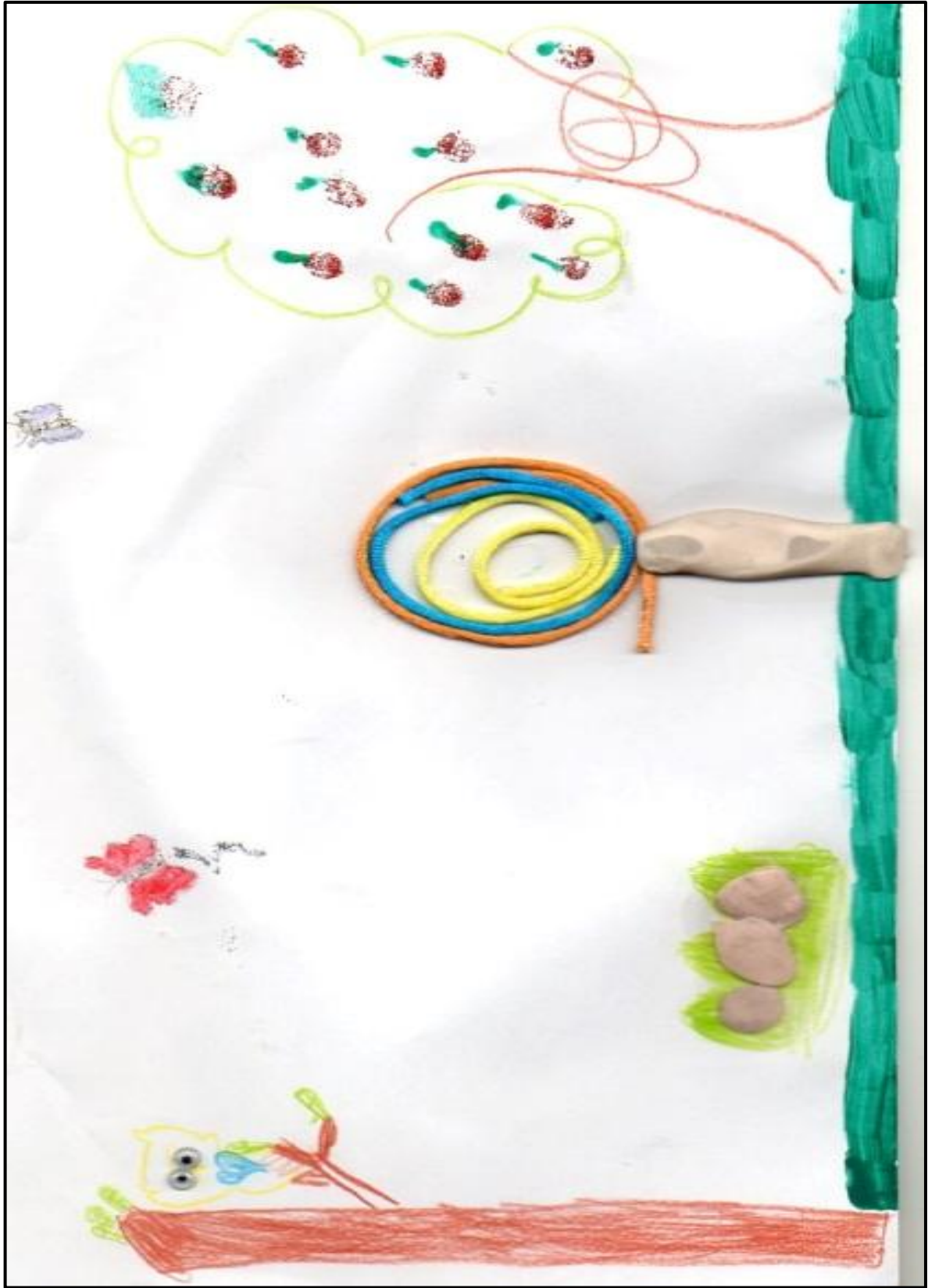
(Des.22)



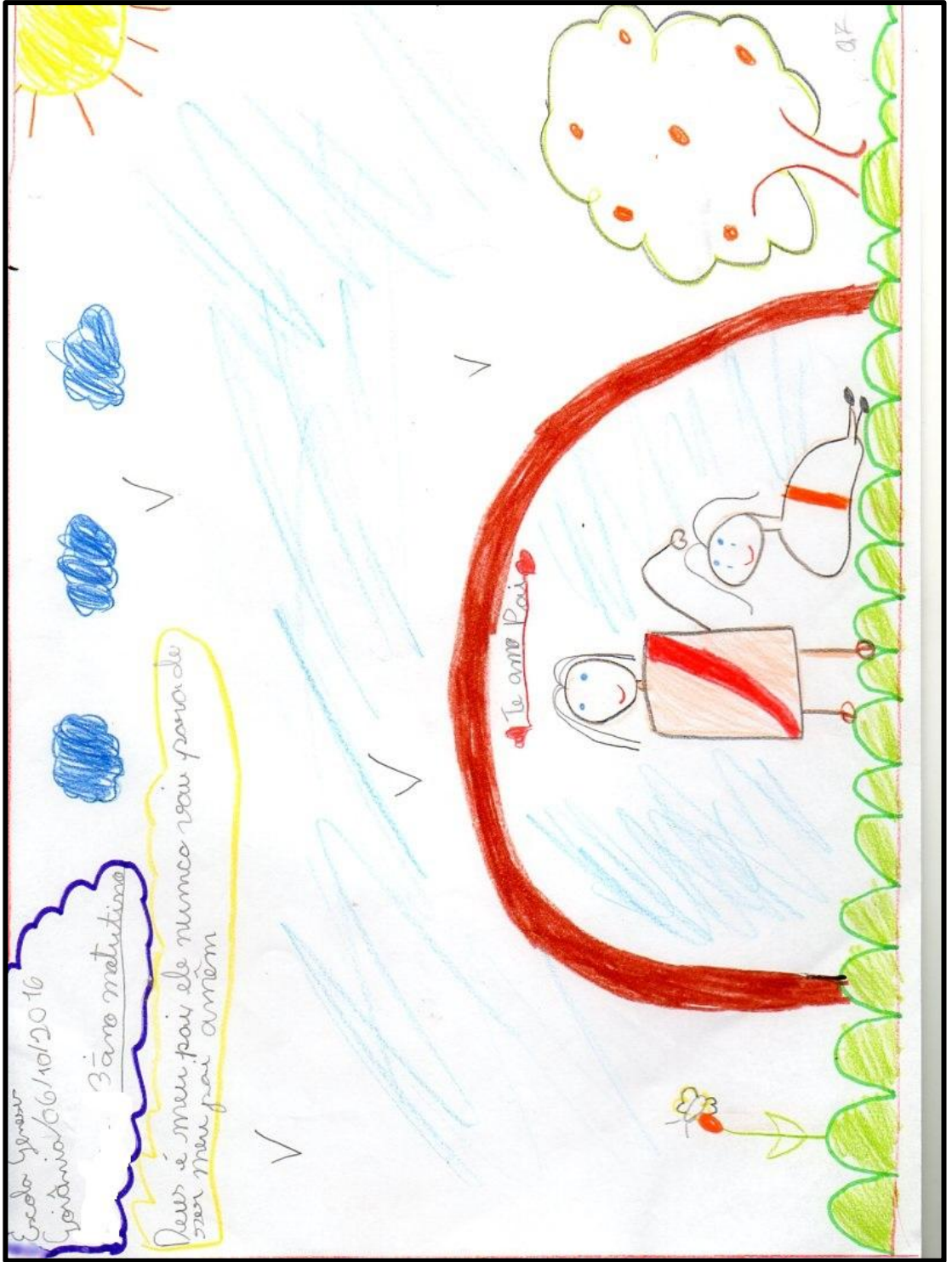
(Des.23)



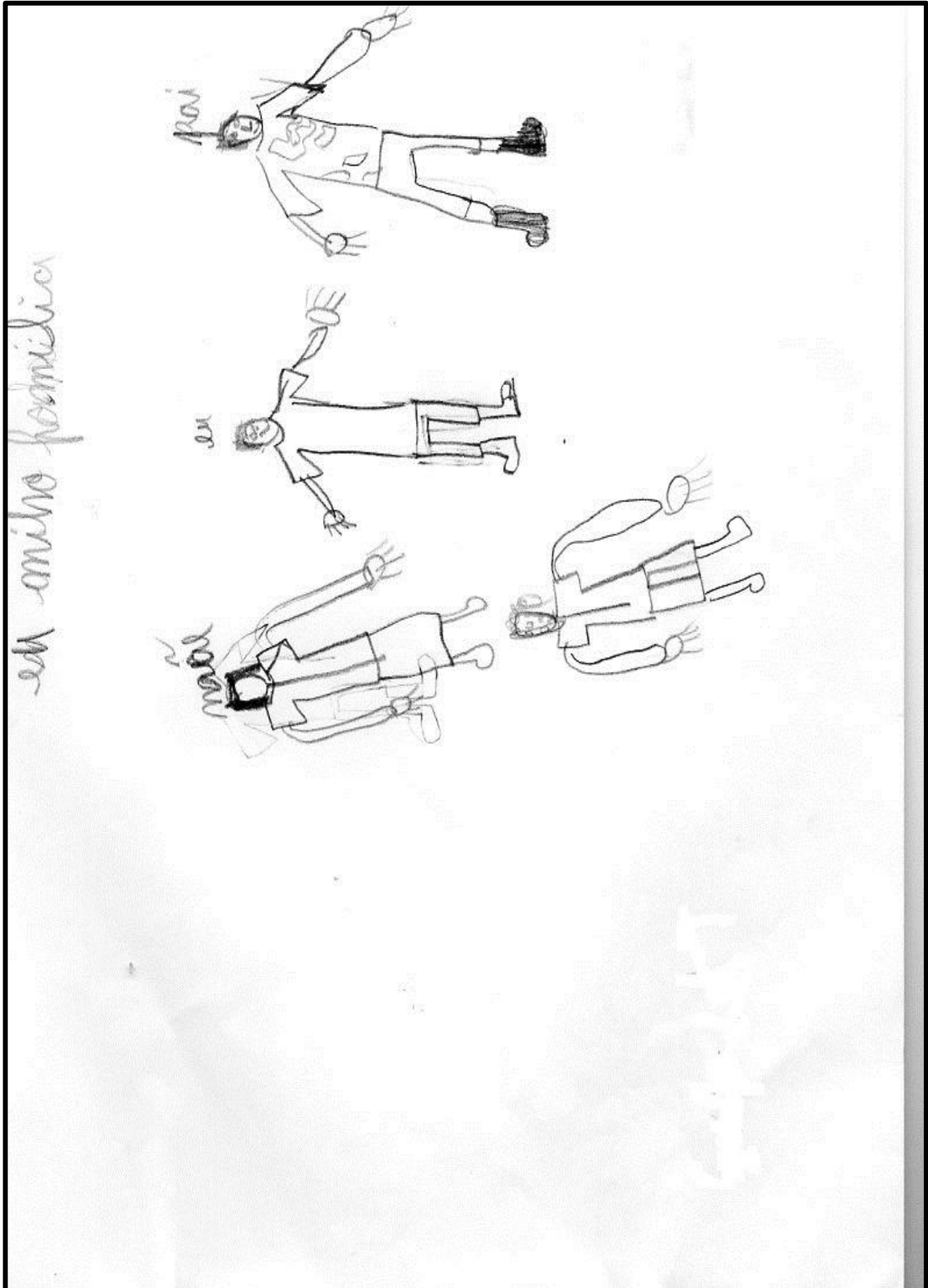
(Des.24)



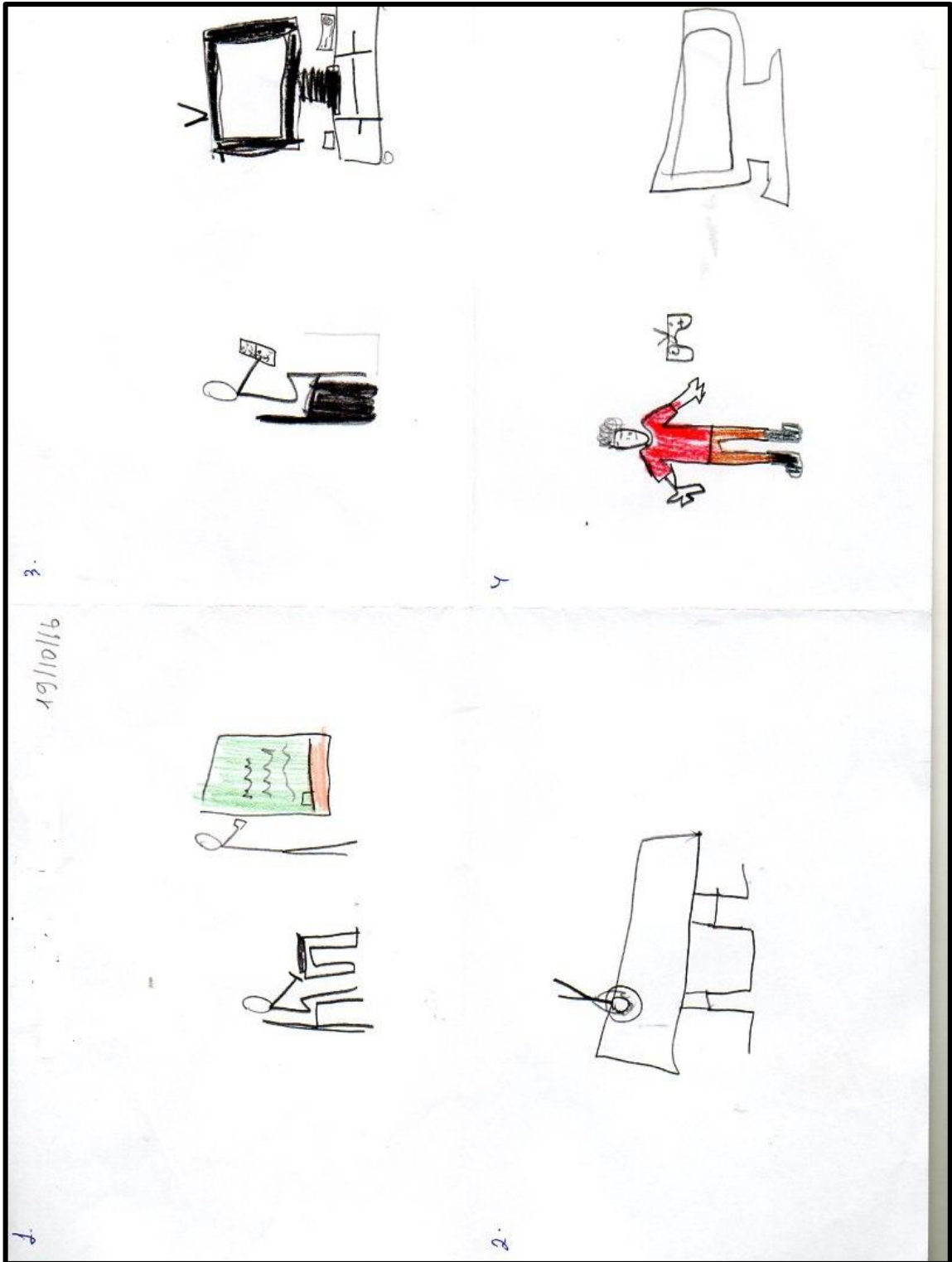
(Des. 25)



(Des.26)

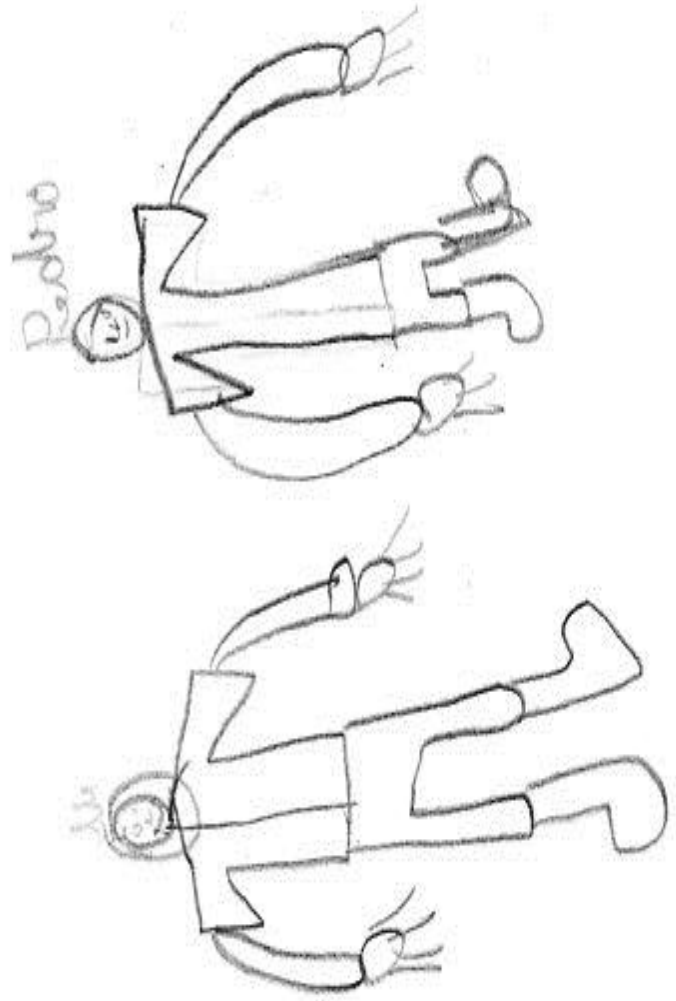


(Des. 27)

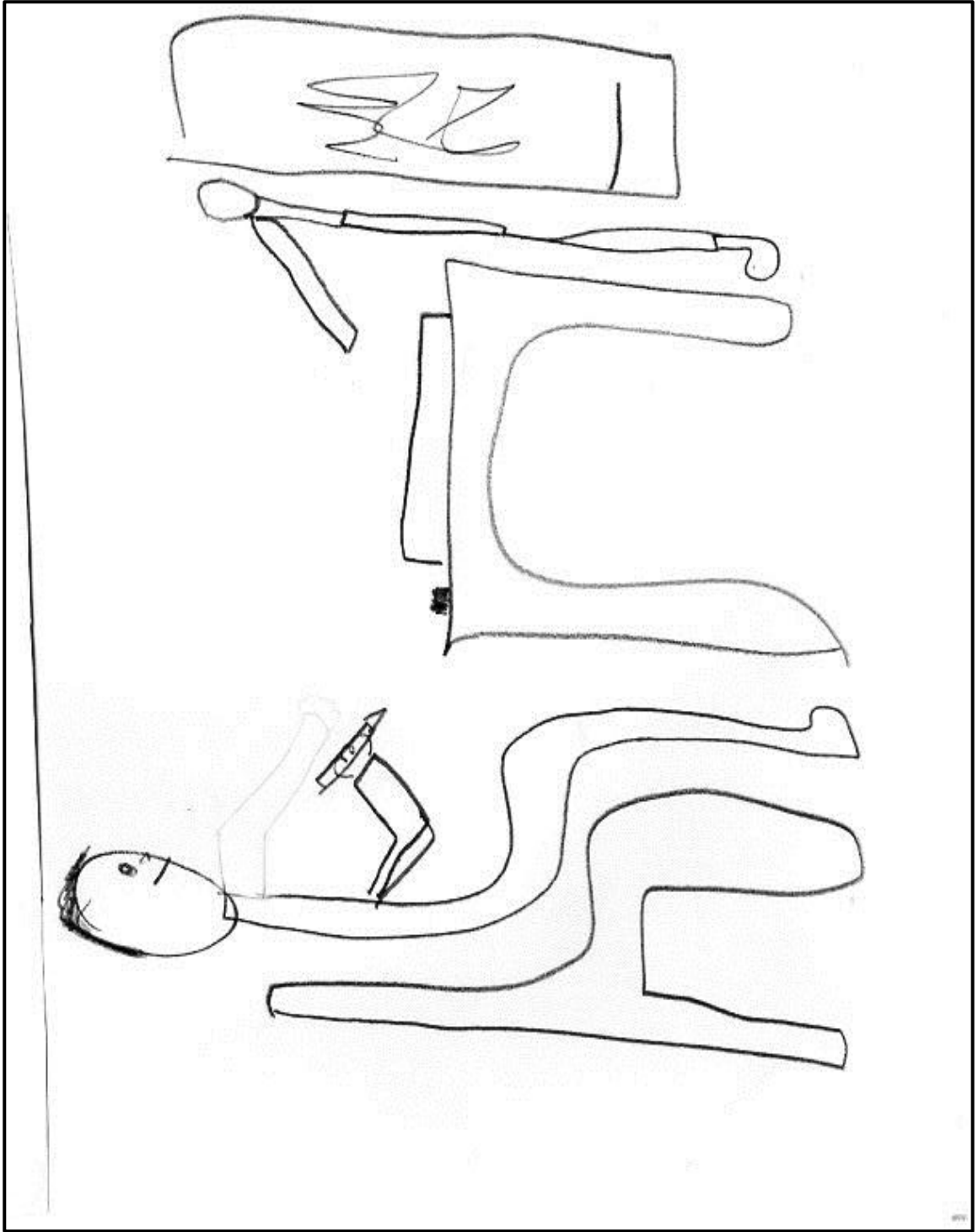


(Des. 28)

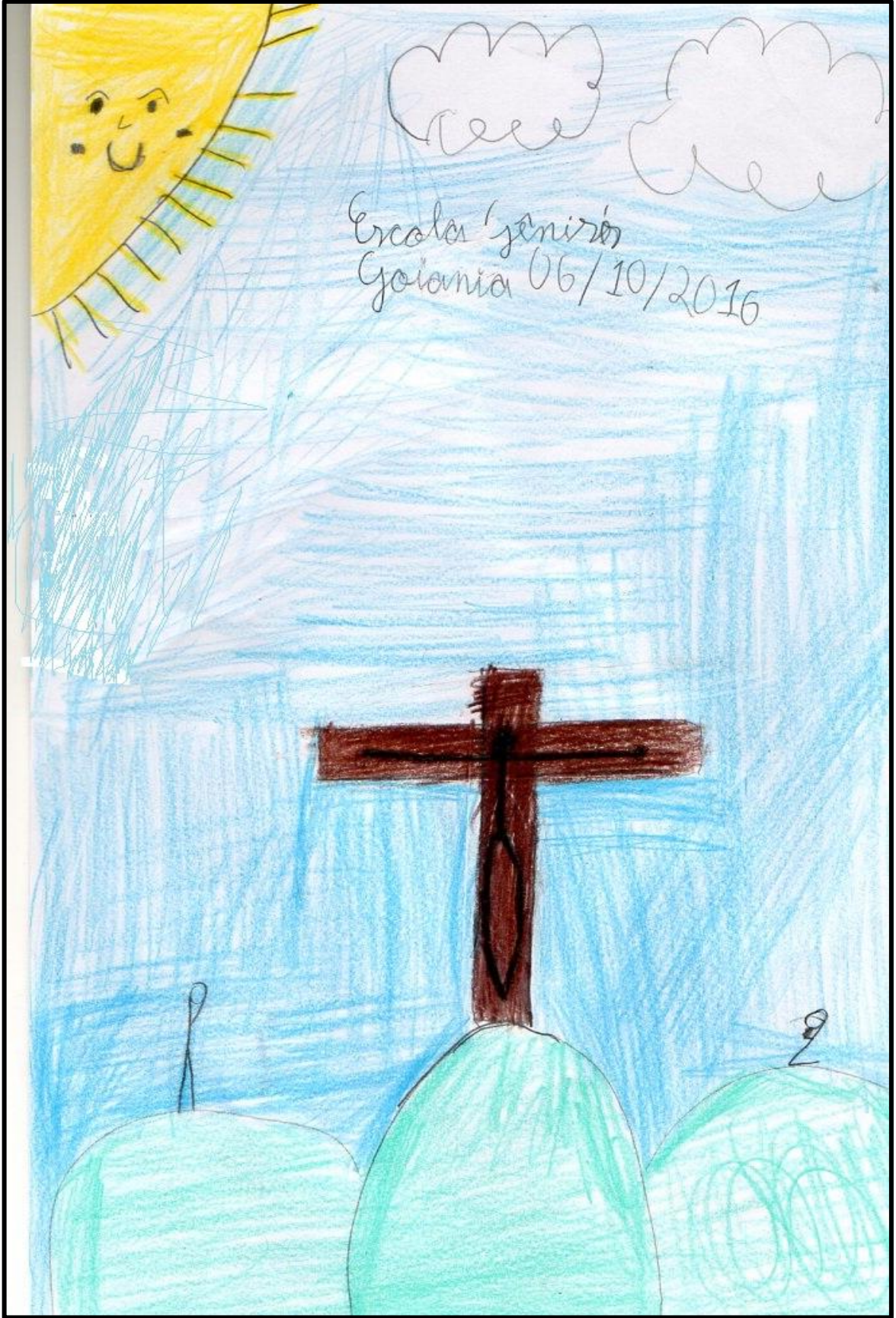
Eu e meus amigos



(Des.29)



(Des.30)



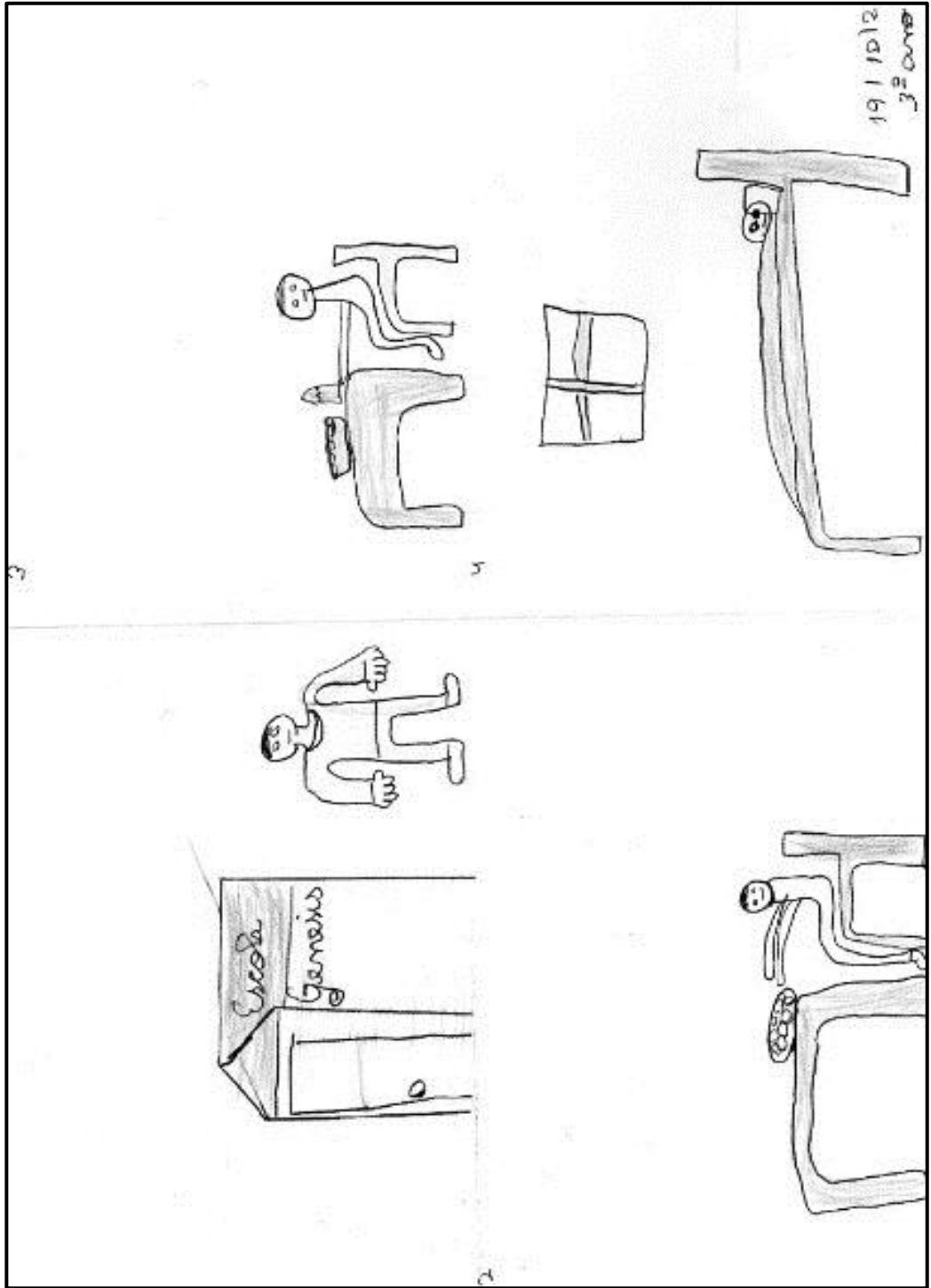
(Des.31)



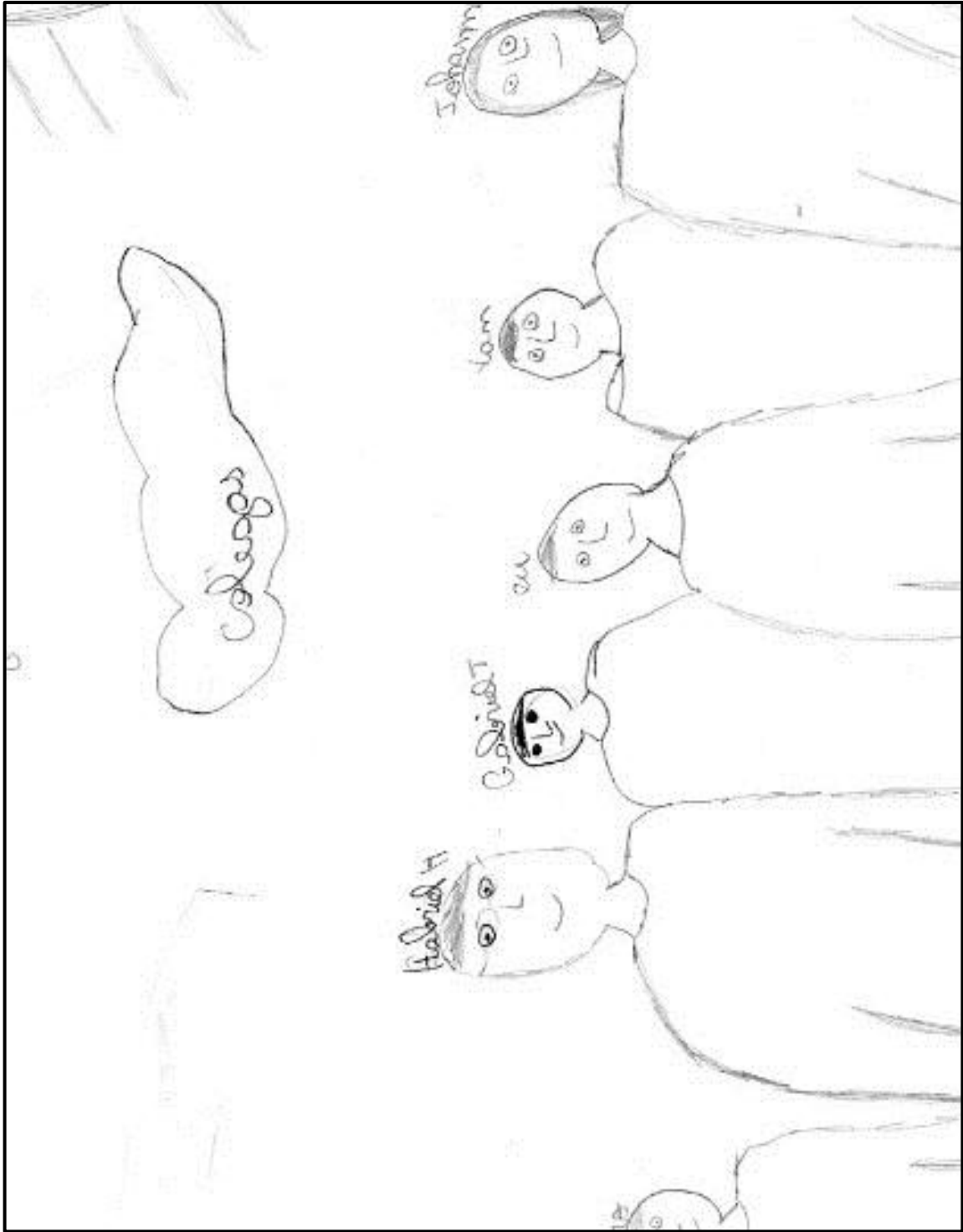
(Des.32)



(Des. 33)



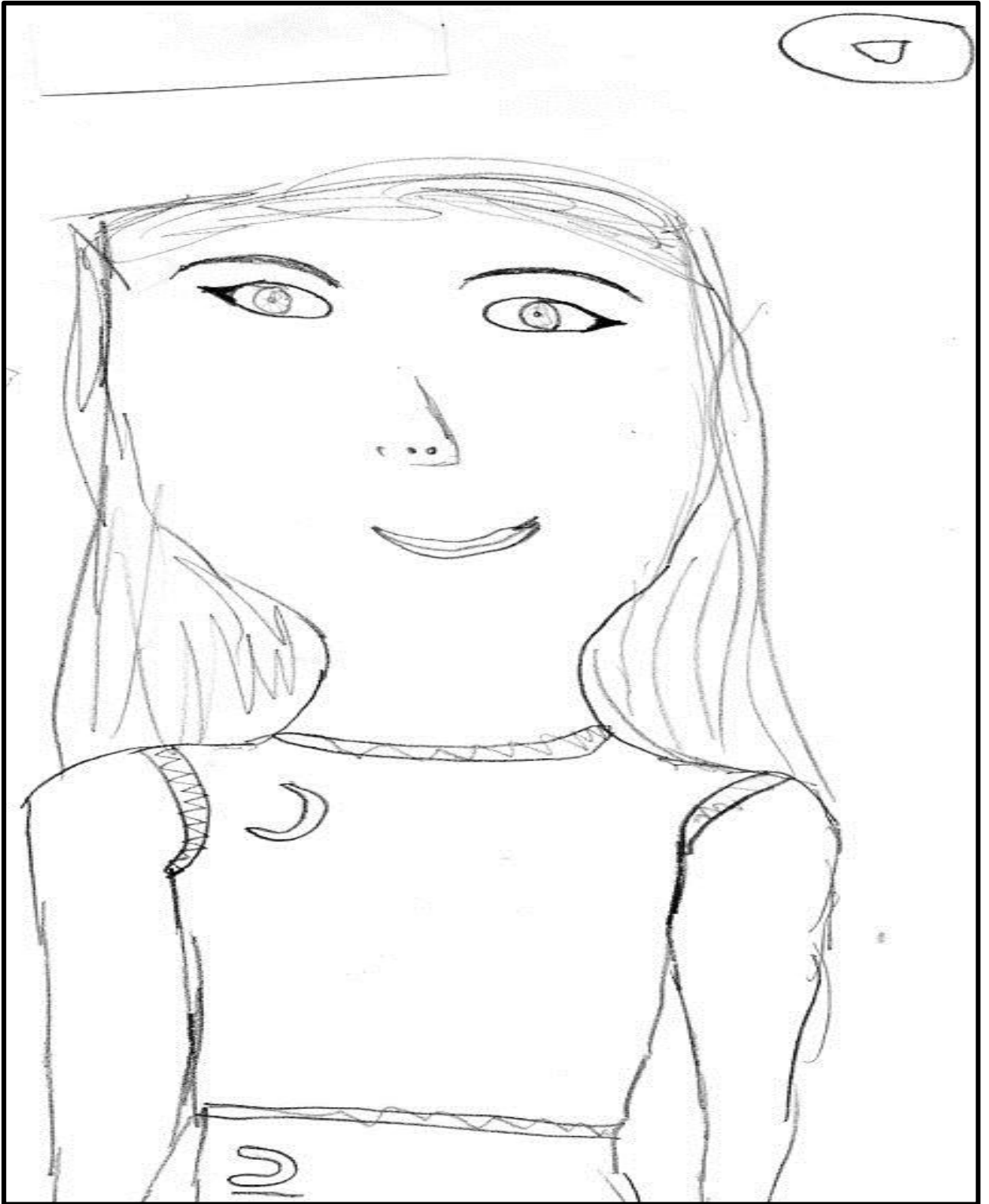
(Des. 34)



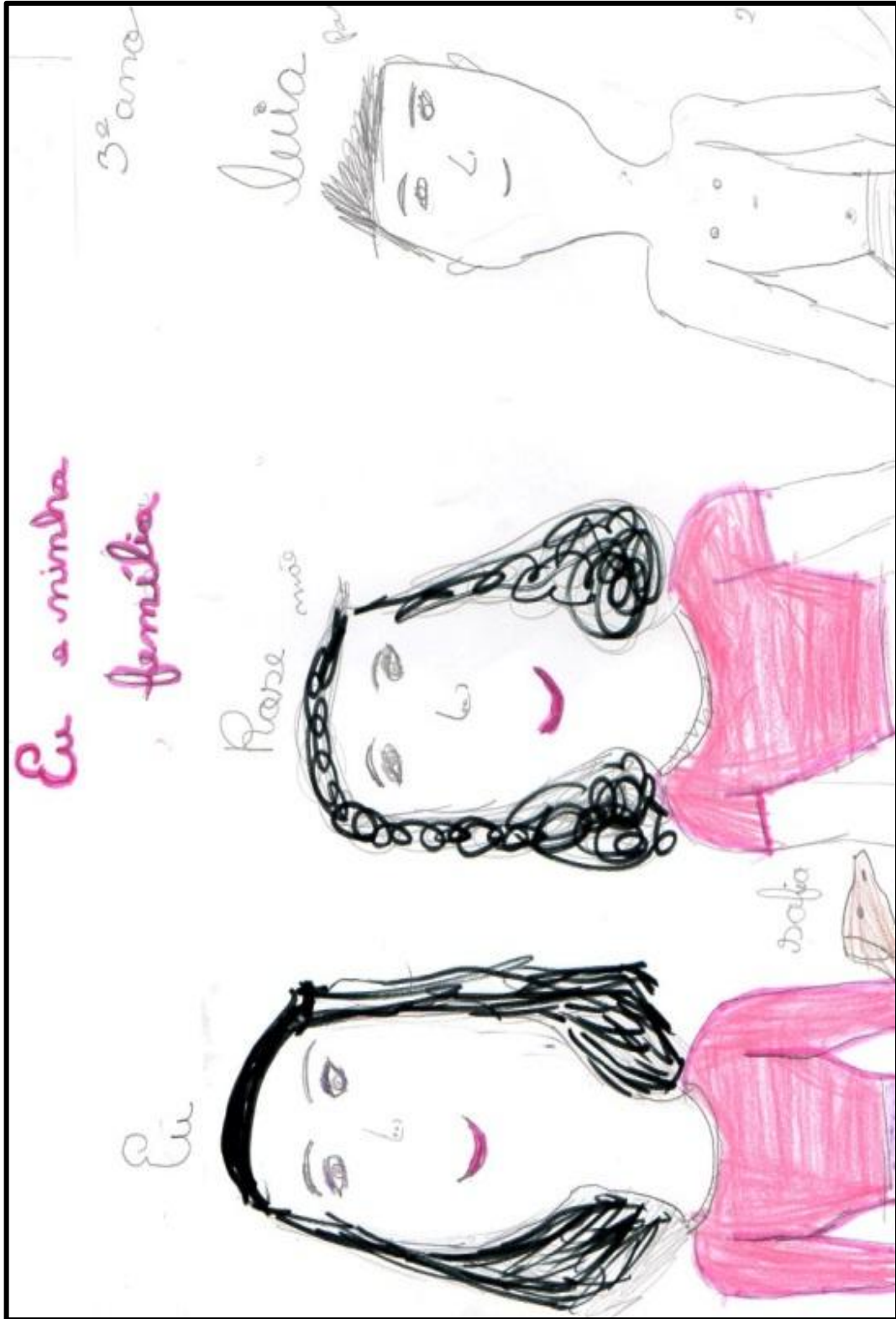
(Des. 35)



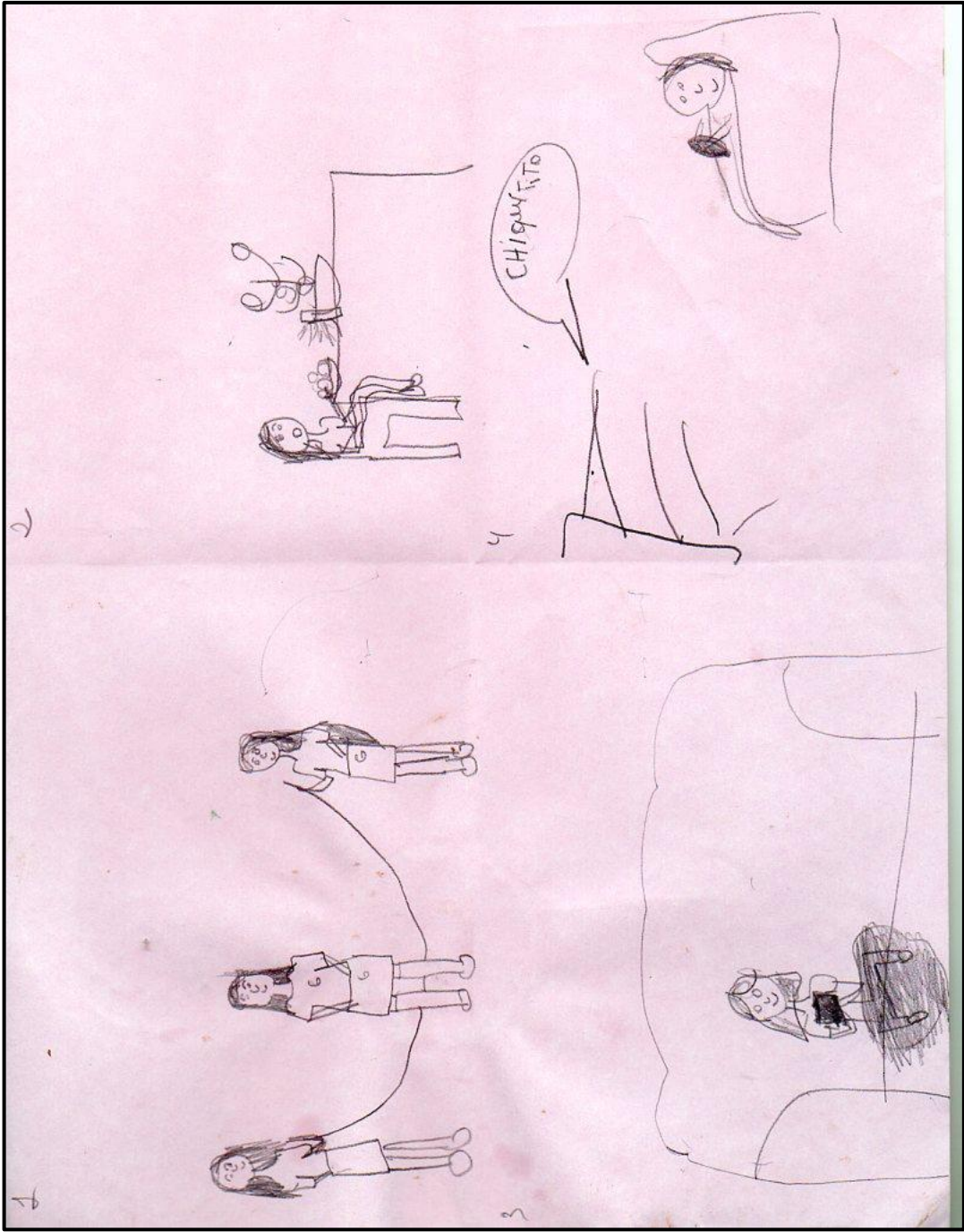
(Des.36)



(Des. 37)



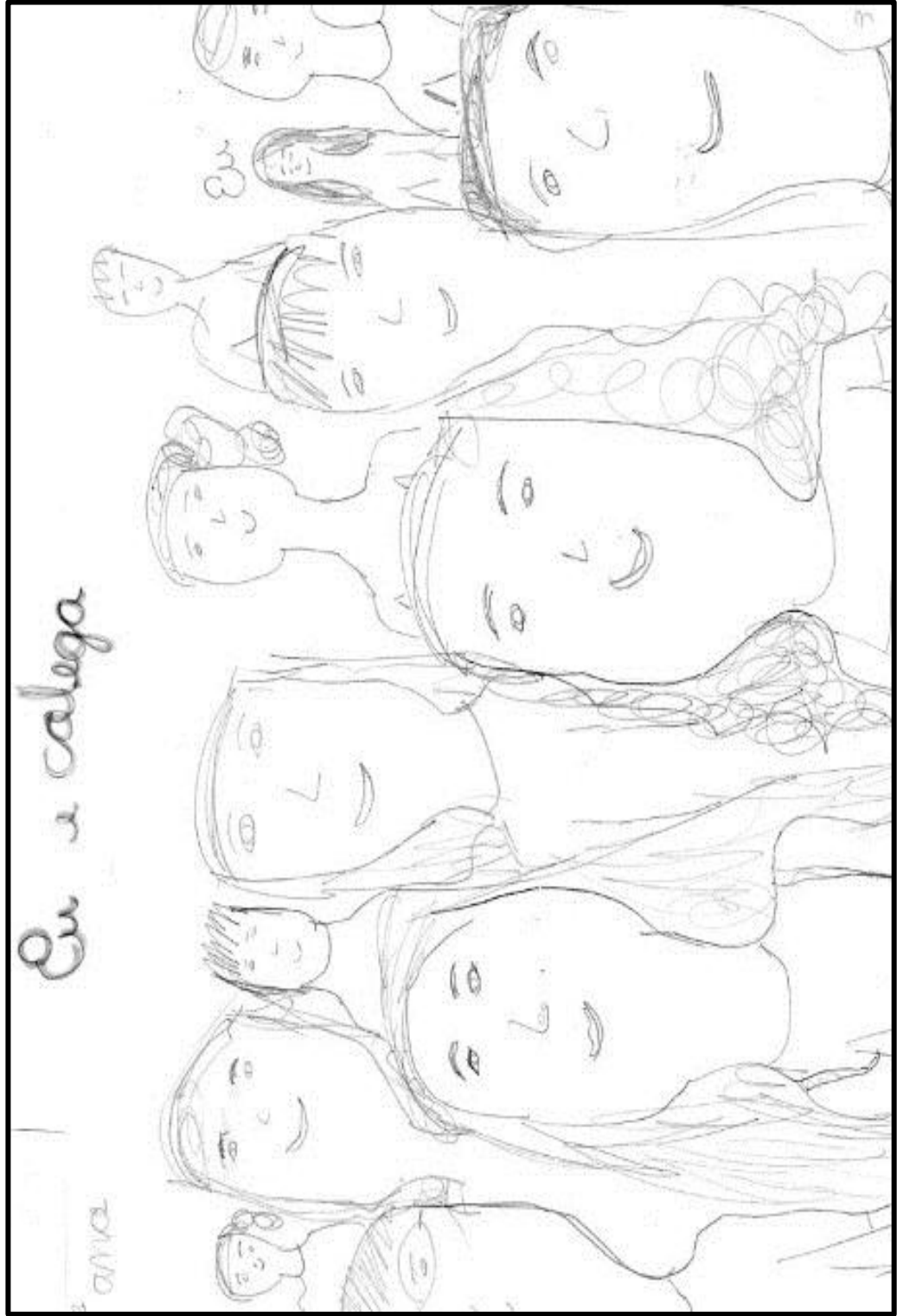
(Des.38)



(Des.39)



(Des. 40)



(Des. 41)



(Des. 42)